

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO

SUIANNY FRANCINI LUIZ MICHELON

**MULTIFUNÇÕES DE *BEM* E *BOM* NO PORTUGUÊS FALADO EM CHAPECÓ,
SANTA CATARINA**

CHAPECÓ - SC
2023

SUIANNY FRANCINI LUIZ MICHELON

**MULTIFUNÇÕES DE *BEM* E *BOM* NO PORTUGUÊS FALADO EM CHAPECÓ,
SANTA CATARINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - *Campus* Chapecó como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof^a Dr^a Cláudia Andrea Rost Snichelotto

CHAPECÓ - SC

2023

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Michelon, Suianny Francini Luiz
MULTIFUNÇÕES DE BEM E BOM NO PORTUGUÊS FALADO EM
CHAPECÓ, SANTA CATARINA / Suianny Francini Luiz
Michelon. -- 2023.
203 f.:il.

Orientadora: Doutora Cláudia Andrea Rost Snichelotto

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos, Chapecó, SC, 2023.

1. Bem; Bom; Marcadores Discursivos; Funcionalismo
Linguístico; Gramaticalização.. I. Snichelotto, Cláudia
Andrea Rost, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

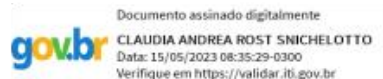
SUIANNY FRANCINI LUIZ MICHELON

MULTIFUNÇÕES DE *BEM* E *BOM* NO PORTUGUÊS FALADO EM CHAPECÓ (SC)

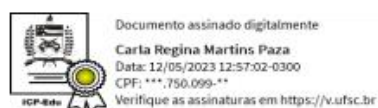
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Chapecó, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 14 de abril de 2023.

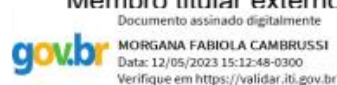
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Cláudia Andrea Rost Schinelotto – UFFS
Presidente da Banca/Orientadora



Prof.^a Dr.^a Carla Regina Martins Paza – UFSC
Membro titular externo



Prof.^a Dr.^a Morgana Fabiola Cambrussi – UFFS
Membro titular interno

Prof.^a Dr.^a Maria Alice Tavares – UFRN
Membro suplente

Ao meu pai (*in memoriam*), pela herança que me deixou de amor aos estudos. À minha amada mãe cuja demonstração de amor e afeto, sempre me mantiveram em pé. Gratidão pela vida e por tudo que me ensinaram. A vocês dedico.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me proporcionar saúde e resiliência na realização deste estudo.

À Prof.^a Cláudia Andrea Rost Snichelotto pelas orientações e por toda a paciência e apoio em todas as horas. Agradeço as incontáveis orientações realizadas aos sábados, domingos e em momentos que poderiam ser aproveitados com a família.

Ao meu esposo Adriano pela compreensão e parceria nos momentos de constante estudo e dedicação a este trabalho. Você é meu farol, a minha base, o meu tudo. De maneira muito especial, à minha amada filha, Anna Lara pela leveza e felicidade que traz a minha vida.

À minha querida irmã por assumir sozinha toda a responsabilidade em cuidar de nossa mãe e por compreender as minhas inúmeras ausências em momentos importantes à nossa família. Gratidão por indiretamente contribuir em mais essa etapa da minha vida.

Às professoras Carla Regina Martins Paza (UFSC) e Morgana Fabiola Cambrussi (UFFS) pelas valiosas contribuições ao meu trabalho, desde a qualificação até o momento da defesa da Dissertação. Gratidão por terem compartilhado comigo seus conhecimentos e a experiência de tantos anos de estudo.

Aos meus colegas da Linha 2 – Diversidade e Mudança Linguística por todos os momentos de descontração, trocas de ideias e de bons risadas.

À minha amiga e colega de turma, Elizane Lehr por toda a força, amizade e carinho. Amiga, a sua amizade eu quero levar para a minha vida toda.

Ao Projeto VMPOSC (Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina) pela cedência dos áudios das entrevistas e das respectivas transcrições, material fundamental para a realização desta pesquisa.

A toda a Equipe da Diretoria de Pesquisa e ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal da Fronteira Sul (CEP/UFFS), pelo companheirismo nos meus momentos de ausência para me dedicar a este trabalho. Em especial ao meu chefe, Prof^o Eduardo Pavan Korf e ao meu colega de setor, Éder Oliveira dos Santos pela compreensão e parceria durante todo o período de ausências no trabalho para dedicação a este estudo.

À Uniedu pelo apoio financeiro.

“A gramática, minha filha, é uma criada da língua e não uma dona. O dono da língua somos nós, o povo; e a gramática – o que tem a fazer é, humildemente, ir registrando o nosso modo de falar” (Dona Benta).
“Fábulas” – Monteiro Lobato.

RESUMO

Esta Dissertação, com base nos pressupostos da perspectiva funcionalista (HEINE *et al.*, 1991; HEINE, 2013; HOPPER, 1987, 1991; HOPPER; TRAUOGOTT, 2003; TRAUOGOTT; HEINE, 1991; GIVÓN, 1995, 2001, 2018; TRAUOGOTT, 1995; BYBEE, 2003, 2016, 2020) investiga a multifuncionalidade de *bem* e *bom* a partir de uma amostra sincrônica de dados de fala composta por 15 entrevistas de informantes crianças, jovens e adultos, monolíngues em português, do município de Chapecó, do estado de Santa Catarina. A fim de cumprir com o objetivo proposto, os dados analisados foram retirados do *corpus* do Projeto VMPOSC (Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina), que integra o Grupo de Pesquisa Estudos Sociolinguísticos e Interfaces, do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Visando a melhor compreensão do funcionamento de *bem* e *bom* realizamos um levantamento, em literatura de referência como gramáticas (normativas e descritivas) e dicionários do português. Também revisitamos os estudos descritivos de *bem* e *bom* no Português brasileiro (RISSO, 1999, 2006; MARTINS, 2003, BARBOSA, 2019 e GÖRSKI, 2020), no Português Europeu (OLIVEIRA; SILVA, 2020) e em nove estudos nas línguas românicas e germânicas. Na Metodologia efetuamos a abordagem quali-quantitativa com vistas na análise dos contextos de uso, na identificação de fatores linguísticos e extralinguísticos (estilísticos e sociais) que atuam no uso dos itens e na possível trajetória funcional de *bem* e *bom* sob a perspectiva da gramaticalização. Os principais resultados desta pesquisa indicam que *bem* e *bom* como MDs compartilham do mesmo domínio funcional da chamada da atenção do interlocutor para a informação (MARTINS, 2003; GÖRSKI, 2020). Das 8 entrevistas investigadas, constatamos que os dados de *bem* correspondem a menor parte do quantitativo total, enquanto os dados de *bom* foram responsáveis pela maior parte das ocorrências de MDs.

Palavras-chave: *Bem*; *Bom*; Marcadores Discursivos; Funcionalismo Linguístico; Gramaticalização.

ABSTRACT

This Dissertation, based on the assumptions of the functionalist perspective (HEINE *et al.*, 1991; HEINE, 2013; HOPPER, 1987, 1991; HOPPER; TRAUOGOTT, 2003; TRAUOGOTT; HEINE, 1991; GIVÓN, 1995, 2001, 2018; TRAUOGOTT, 1995; BYBEE, 2003, 2016, 2020), investigates the multifunctionality of the discursive markers “bem” and “bom” from a synchronic sample of speech data composed of 15 interviews with children, young people and adults, monolingual in Portuguese, from Chapecó, Santa Catarina. In order to fulfill the proposed objective, the analyzed data were taken from the *corpus* of the VMPOSC Project (Mudança e Variação no Português do Oeste de Santa Catarina), which is part of the Research Group Estudos Sociolinguísticos e Interfaces, of the Graduate Program in Studies Linguistics (PPGEL) of the Federal University of Fronteira Sul (UFFS). Aiming at a better understanding of how the items work, we carried out a bibliographical survey of “bem” and “bom” according to normative grammars, descriptive grammars and according to the main dictionaries. We revisit the descriptive studies of “bem” and/or “bom” in Brazilian Portuguese (RISSO, 1999, 2006; MARTINS, 2003, BARBOSA, 2019 e GÖRSKI, 2020), European Portuguese (OLIVEIRA; SILVA, 2020) and nine studies and nine studies romanics languages and germanic languages. In Methodology, we carried out a quali-quantitative approach with a view to analyzing contexts of use, identifying linguistic and extralinguistic factors (stylistic and social) that act in the use of items and in the possible functional trajectory of “bem” and “bom” under the perspective of grammaticalization. The main results of this research indicate that the DMs “bem” and “bom” share the same functional domain of calling the interlocutor's attention to the information (MARTINS, 2003; GÖRSKI, 2020). Of the 8 interviews we found that data from the “bem” correspond to a smaller part of the total quantity, while data from the “bom” was responsible for most occurrences of DMs.

Keywords: Bem; Bom; Discursive Markers; Linguistic Functionalism; Grammaticalization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Captura de tela dos Fatores Linguísticos e Extralinguísticos (A)	91
Figura 2 - Captura de tela dos Fatores Linguísticos e Extralinguísticos (B)	91
Figura 3 - Captura de tela dos Fatores Linguísticos e Extralinguísticos (C)	91
Figura 4 - Captura de tela dos Fatores Linguísticos e Extralinguísticos (D)	92
Figura 5 - Domínio Funcional dos MDs <i>bem</i> e <i>bom</i>	106
Figura 6 – 1ª Trajetória funcional do MD <i>bem</i>	170
Figura 7 – 2ª trajetória funcional do MD <i>bem</i>	173
Figura 8 – Trajetória funcional do MD <i>bom</i>	178
Figura 9 - Espectro Funcional dos MDs <i>bem</i> e <i>bom</i>	181

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição geral dos usos dos MDs <i>bem</i> e <i>bom</i> na amostra do VMPOSC	100
Gráfico 2 - Distribuição de <i>bem</i> e <i>bom</i> por função segundo a amostra oral do VMPOSC	124
Gráfico 3 - Distribuição de <i>bem</i> e <i>bom</i> por posição segundo a amostra oral do VMPOSC.....	133
Gráfico 4 - Distribuição de <i>bem</i> e <i>bom</i> considerando os tipos de sequência discursiva	143
Gráfico 5 - Distribuição dos MDs <i>bem</i> e <i>bom</i> segundo a faixa etária.....	155
Gráfico 6 - Distribuição dos MDs de <i>bem</i> e <i>bom</i> segundo o sexo.....	160
Gráfico 7 - Distribuição dos MDs <i>bem</i> e <i>bom</i> segundo a escolaridade	165

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Usos de <i>bem</i> segundo gramáticas e dicionários do Português Brasileiro (PB)	34
Quadro 2 - Adjetivos que formam o comparativo e o superlativo	38
Quadro 3 - O comportamento do adjetivo <i>bom</i> segundo Neves (2011)	42
Quadro 4 - Usos de <i>bom</i> segundo as gramáticas e dicionários do PB	43
Quadro 5 - Grupo de fatores analisados nas pesquisas do PB e do PE	53
Quadro 6 - Síntese dos estudos anteriores sobre <i>bem</i> e <i>bom</i> em outras línguas.....	59
Quadro 7 - Grupos de fatores controlados nesta pesquisa	86
Quadro 8 - Trechos de entrevistas com ocorrências de <i>bem</i>	88
Quadro 9 - Trechos das entrevistas com ocorrências de <i>bom</i>	89
Quadro 10 - Escopo em gênero e número de <i>bom</i> adjetival	97
Quadro 11 - Multifuncionalidade de <i>bom</i> e <i>bem</i> segundo Martins (2003).....	109
Quadro 12 - Espectro funcional dos MDs <i>bem</i> e <i>bom</i> segundo a amostra do VMPOSC	110
Quadro 13 - Distribuição dos informantes e dos entrevistadores segundo o sexo..	148
Quadro 14 - 1ª Trajetória funcional do MD <i>bem</i>	168
Quadro 15 - 2ª Trajetória funcional do MD <i>bem</i>	170
Quadro 16 – Trajetória funcional do MD <i>bom</i>	176

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resultados gerais dos estudos sobre MDs, por autor.....	52
Tabela 2 - Bueno e suas funções na amostra no espanhol colombiano	61
Tabela 3 - Distribuição da amostra de fala do VMPOSC segundo o perfil dos informantes.....	83
Tabela 4 - Distribuição da atual amostra oral de Chapecó do projeto VMPOSC	85
Tabela 5 - Distribuição da amostra oral utilizada nesta pesquisa.....	85
Tabela 6 - Distribuição da amostra oral com ocorrências de MDs	90
Tabela 7 - Distribuição geral dos usos de <i>bem</i> e <i>bom</i> na amostra do VMPOSC	95
Tabela 8 - Distribuição dos usos de <i>bem</i> e <i>bom</i> em relação às macrofunções	107
Tabela 9 - Distribuição da multifuncionalidade de <i>bem</i> e <i>bom</i> na amostra do VMPOSC	123
Tabela 10 - Distribuição de <i>bem</i> e <i>bom</i> segundo a posição.....	131
Tabela 11 - Distribuição de <i>bem</i> e <i>bom</i> segundo as sequências discursivas	141
Tabela 12 - Distribuição dos MDs <i>bem</i> e <i>bom</i> e as características socioculturais (sexo) dos interlocutores da interação	149
Tabela 13 - Distribuição dos MDs <i>bem</i> e <i>bom</i> segundo a faixa etária dos informantes do VMPOSC.....	154
Tabela 14 - Distribuição dos MDs <i>bem</i> e <i>bom</i> de acordo com o sexo	158
Tabela 15 – Distribuição dos MDs <i>bem</i> e <i>bom</i> de acordo com a escolaridade	164

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADV	Advérbio
BYU-BNC	<i>British National Corpus</i>
CEOM	Centro de Pesquisa e Memórias do Oeste Catarinense
CEP/UFS	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal da Fronteira Sul
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
C-ORAL-ROM	<i>Integrated Reference Corpora for Spoken Romance Languages</i>
DID	Diálogos entre informante e documentador
D2	Diálogos entre dois informantes
EF	Eloquções Formais
GR	Gramaticalização
ILTEC	Imprensa da Universidade de Coimbra
MDs	Marcadores Discursivos
NURC	Norma Urbana Linguística Culta
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PEUL	Programa de Estudos sobre o Uso da Língua
PPGEL	Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
REDIP	Rede de Difusão Internacional do Português
SC	Santa Catarina
SN	Sintagma Nominal
SM	Substantivo Masculino
SUPER ABS SIN	Superlativo absoluto sintético
UFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
LAT	Latim
VARSUL	Varição Linguística na Região Sul do Brasil
VMPOSC	Varição e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina.
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TVM	Teoria da Variação e Mudança Linguística

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
1.1 OBJETIVOS	20
1.1.1 Objetivo Geral	20
1.1.2 Objetivos Específicos	21
1.2 QUESTÕES DE PESQUISA E HIPÓTESES	21
1.3 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	25
2. BEM E BOM: DESCRIÇÃO DOS FENÔMENOS INVESTIGADOS	28
2.1 A VISÃO NORMATIVA E DESCRITIVA DO <i>BEM</i>	28
2.1.1 A Visão das Gramáticas Normativas e dos Dicionários	28
2.1.2 A Visão das Gramáticas Descritivas	31
2.2 A VISÃO NORMATIVA E DESCRITIVA DO <i>BOM</i>	38
2.2.1 A Visão das Gramáticas Normativas e Dicionários	38
2.2.2 A Visão das Gramáticas Descritivas	41
2.3 ESTUDOS PRÉVIOS DE <i>BEM E BOM</i>	44
2.3.1 Estudos Anteriores no Português Brasileiro e Europeu	45
2.3.2 Estudos anteriores em outras línguas	58
3. REFERENCIAL TEÓRICO	66
3.1 FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	66
3.2 GRAMATICALIZAÇÃO: UM FENÔMENO DE MUDANÇA.....	70
3.2.1 Princípios da gramaticalização	72
3.2.1.1 Estratificação	72
3.2.1.2 Divergência	74
3.2.1.3 Especialização	75
3.2.1.4 Persistência	76
3.2.1.5 De-categorização ou Descategorização	77
3.3 MARCADORES DISCURSIVOS	77
4. METODOLOGIA	81
4.1 O <i>CORPUS</i> : O PROJETO VMPOSC	81
4.2 A AMOSTRA DA PESQUISA: DADOS ORAIS	83
4.3 FATORES LINGUÍSTICOS E EXTRALINGUÍSTICOS.....	86

4.4 TRATAMENTO DOS DADOS: PASSOS METODOLÓGICOS.....	88
5. O FUNCIONAMENTO E A DINÂMICA DE USOS DE <i>BEM</i> E <i>BOM</i> NA AMOSTRA INVESTIGADA.....	93
5.1 APRESENTAÇÃO INICIAL DOS DADOS	93
5.2 DOMÍNIO FUNCIONAL DE <i>BEM</i> E <i>BOM</i>	101
5.2.1 Macrofunções dos MDs <i>Bem</i> e <i>Bom</i>.....	103
5.2.1.1 Caracterização e hipóteses	103
5.2.1.2 Resultados e análises	107
5.2.2 Multifuncionalidade dos MDs <i>Bem</i> e <i>Bom</i>	108
5.2.2.1 Função avaliativa	111
5.2.2.2 Função atenuadora	112
5.2.2.3 Função de planejamento verbal	114
5.2.2.4 Função enumerativa.....	116
5.2.2.5 Função sequenciadora	117
5.2.2.6 Função diretiva	118
5.2.2.7 Função retórica / questionadora.....	119
5.2.2.8 Função retomadora	120
5.2.2.9 Resultados e análises	123
6. CORRELAÇÃO ENTRE OS MDS E OS FATORES LINGUÍSTICOS E EXTRALINGUÍSTICOS.....	126
6.1 CORRELAÇÃO ENTRE MDS E FATORES LINGUÍSTICOS.....	126
6.1.1 Relação entre MDs e posição	126
6.1.1.1 Caracterização e hipóteses	126
6.1.1.2 Posição inicial.....	128
6.1.1.3 Posição intermediária	129
6.1.1.3.1 <i>Posição intraturno</i>	129
6.1.1.3.2 <i>Posição intratópico</i>	130
6.1.1.4 Posição final	130
6.1.2 Resultados e análises	131
6.2 CORRELAÇÃO ENTRE MDS E FATORES ESTILÍSTICOS.....	134
6.2.1 Relação entre MDs e seqüências discursivas	135
6.2.1.1 Sequência discursiva narrativa.....	136
6.2.1.2 Sequência discursiva descritiva	137
6.2.1.3 Sequência discursiva dissertativa	140

6.2.1.4 Resultados e análises	141
6.2.2 Relação entre MDs e características socioculturais dos interlocutores na interação 144	
6.2.2.1 Resultados e análises	149
6.3 CORRELAÇÃO ENTRE MDS E FATORES EXTRALINGUÍSTICOS	151
6.3.1 Relação entre MDs e faixa etária.....	151
6.3.1.1 Resultados e análises	154
6.3.2 Relação entre MDs e sexo	156
6.3.2.1 Resultados e análises	158
6.3.3 Relação entre MDs e escolaridade	160
6.3.3.1 Resultados e análises	163
7. A TRAJETÓRIA SINCRÔNICA DE BEM E BOM.....	166
7.1 A TRAJETÓRIA DE MUDANÇA DE <i>BEM</i>	166
7.2 A TRAJETÓRIA DE MUDANÇA DE <i>BOM</i>	174
7.3 A TRAJETÓRIA COMPARTILHADA POR <i>BEM</i> E <i>BOM</i>	179
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	182
REFERÊNCIAS.....	188
ANEXO A – Trechos entrevistas informantes CH-M-B-ES.....	201

1. INTRODUÇÃO

Tomando como objeto de estudo a língua em uso, esta Dissertação¹, ancorada numa perspectiva funcionalista² investiga o comportamento multifuncional dos itens *bem* e *bom* a partir de uma amostra sincrônica do português oral do município de Chapecó, do estado de Santa Catarina.

Objetivamos com esta pesquisa analisar os usos de *bem* e *bom* desde suas categorias gramaticais prototípicas (advérbio, adjetivo, substantivo e locuções conjuntivas) até os usos discursivos como MDs, categoria que daremos maior ênfase na análise dos resultados deste estudo.

Portanto, sob perspectivas teórico-metodológicas distintas, nosso levantamento bibliográfico identificou, até este momento, alguns trabalhos que descreveram o funcionamento dos itens como MDs em diversas línguas, que passamos a apresentar brevemente a seguir.

No Português Brasileiro (PB)³, localizamos as pesquisas de Martins (2003) e Görski (2020) sobre o espectro funcional de *bem* e *bom*. Também o estudo de Risso (1999), segundo o aporte teórico da abordagem textual-interativa, investigou os MDs de abertura *bom* e *bem* no português culto falado, enquanto Martelotta (2004, 2009) analisou esses itens no português escrito, com base na teoria da Gramaticalização. Mais recentemente, Barbosa (2019) analisou uma amostra escrita e realizou uma análise dos MDs *só* e *bem* em uma abordagem construcional.

Em espanhol, destacamos os estudos de Travis (1998) e Serrano (1999) sobre

1 Este trabalho está vinculado ao projeto integrado “Variação e Mudança do Português do Oeste de Santa Catarina (VMPOSC) descrito na seção 5.1. Até este momento, o projeto, sob a coordenação e orientação da Prof^a Dr^a Cláudia Andrea Rost Snichelotto, conta com 10 dissertações concluídas dos seguintes pesquisadores: Kirsten (2021), Branco (2021), Ely (2019), Zortea (2019), Strapazon (2018), Lopes (2017), Trapp (2014), Silva (2014), Bertozzo (2014) e Scherer (2014). Esta Dissertação foi financiada com recursos da Uniedu - Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina - Uniedu (Chamada Pública 471/SED/2021).

2 Essa perspectiva encontra-se amparada no Funcionalismo Linguístico da costa oeste norte-americana (HEINE *et al.*, 1991; HEINE, 2013; HOPPER, 1987,1991; HOPPER; TRAUOGOTT, 2003; TRAUOGOTT; HEINE, 1991; GIVÓN, 1995, 2001, 2018; TRAUOGOTT, 1995; BYBEE, 2003, 2016, 2020). Essa abordagem teórica abarca a natureza heterogênea da língua e abriga a variação e a mudança.

3 Na seção 2.3 realizamos breve levantamento das pesquisas realizadas sobre os itens, a fonte dos dados, os principais objetivos, os fatores controlados (linguísticos e extralinguísticos) e os principais resultados.

o *bueno* (*bom*) na fala. De Fina (1997) investigou o uso de *bien* (*bem*) também no espanhol falado. Waltereit e Detges (2007), além de descreverem sincronicamente o uso de *bien* e *bueno* no espanhol, analisaram diacronicamente o *bien* nas línguas espanhola e francesa.

Em inglês, focamos nas investigações de Schourup (1985, 2016), Sakita (2013) e Heritage (2015), que analisaram o *well* (*bem*) em dados sincrônicos, ao passo que Defour (2007) fez uma análise desse item em dados diacrônicos. Por outro lado, Schiffrin (1987) também investigou *well* na língua inglesa em uma amostra oral sincrônica e diacrônica.

Görski (2020, p. 133) destaca que “[...] tais autores focalizam especificamente o funcionamento de *bem* e/ou *bom* (e correlatos em outras línguas) como partículas discursivas, pragmáticas ou MDs”. Porém, no PB, além dessa atuação no nível discursivo, os itens *bem* e *bom* atuam em outras categorias morfossintáticas. Vejamos a seguir, nas ocorrências (1) a (2), alguns trechos extraídos da amostra oral (entrevistas sociolinguísticas) do Projeto VMPOSC:

(1) E: Uhum. E quantos irmãos você tem, então?

I: Três.

E: Três. Aham. Quantos que são, um menino, uma menina?

I: Dois meninos e uma menina.

E: Dois irmãos. Você é o mais novo, mais velho?

I: Eu sou, **bom**⁴, tem o meu irmão é de dois anos e, daí, tem a minha irmã que é mais velha que eu e tem o outro irmão que é **bem** mais velho que ela. Daí, eu sou só mais velho que o meu irmãozinho ali.

E: Tá. E ele tem quantos?

I: Dois. (CH-M-C-EFI, trecho da amostra infantil do VMPOSC)⁵

(2) E: Sobre o trânsito da cidade, que que cê acha como é que se comporta os motoristas e pedestres?

I: Eu acho que... o trânsito de Chapecó é muito ruim, eu acho que...é muito carro é muito pedestre maluco é muito motorista maluco é muito semáforo o trânsito não flui é... **bem**... enfim de uns anos para cá virou um caos né com as coisas que há agora

4 Daqui em diante, destacamos em negrito as ocorrências dos itens *bem* e *bom* nos excertos extraídos da amostra do VMPOSC.

5 A partir daqui, utilizamos os seguintes códigos para identificar a troca de interlocutor nas entrevistas do VMPOSC: E indica o(a) entrevistador(a) e I identifica o(a) informante. As informações sociais dos informantes no final do trecho da entrevista identifica a cidade (CH Chapecó), o sexo do informante (M: masculino e F feminino); a faixa etária (C: 7 a 14 anos; J: 15 a 24 anos; B: 25 a 49 anos); e a escolaridade: EFI (Ensino Fundamental 1º Ciclo); EFII (Ensino Fundamental 2º Ciclo); EM (Ensino Médio) e ES (Ensino Superior).

não dá mais para virar a esquerda, há não sei o que né, enfim eu acho que tem um trânsito muito pesado, é complicado. (CH-M-B-ES, trecho da amostra adulta do VMPOSC)

Na ocorrência (1), o item *bom* é um MD que desempenha a função de enumerativa pois descreve a idade de seus irmãos, enquanto na mesma ocorrência *bem* aparece em sua função prototípica de advérbio. Já na ocorrência (2) *bem* remete à função atenuadora, pois o item é introduzido a fim de minimizar uma resposta negativa para o entrevistador.

Risso (1999, p. 277) acrescenta que as palavras *bom*, *olha* e *ah* funcionam como enchimentos verbais para manter o canal de interlocução em aberto, enquanto o falante mantém o turno e procura o rumo da formulação a ser dada ao tópico. Urbano (1993) afirma que esses marcadores conversacionais amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também como estrutura de interação interpessoal. Ainda em (1), o item *bem* predica sobre *velho* de forma indireta, enquanto o escopo de *velho* incide sobre *mais*, ou seja, *bem mais*. Portanto, nesta ocorrência *bem* é um intensificador do *mais* e ambos intensificam o *velho* que modificará o substantivo *irmão*. Por fim, cabe ressaltar que o escopo de *bem* não é o adjetivo e sim o advérbio *mais*.

Revisitando os estudos linguísticos empreendidos até o momento, percebemos que ainda há carência de pesquisas que investiguem dados de amostras de fala, principalmente da região Oeste de Santa Catarina.

Até o momento, Martins (2003)⁶, em seu estudo de *bom* e *bem* na fala da Região Sul, foi a única investigação que descreveu uma amostra de entrevistas de Chapecó derivada do Banco de Dados do Projeto Interinstitucional Varsul (Variação Linguística na Região Sul do Brasil)⁷.

6 Anos mais tarde, Görski (2020) revisou o estudo iniciado por Martins (2003), contudo descreveu o funcionamento de *bem* e *bom*, considerando as amostras de fala das 3 (três) capitais da Região Sul, ou seja, de Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre.

7 O projeto Varsul visa à descrição do português falado e escrito do Sul do Brasil. É fruto de uma parceria entre a UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), a UTFPR (Universidade Federal do Paraná) e a PUC-RS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). As entrevistas sociolinguísticas do Varsul foram gravadas no final da década de 1980 e início da década de 1990. Os informantes foram estratificados conforme a idade (de 25 a 49 anos e acima de 50 anos), sexo (masculino e feminino) e escolaridade (primário, secundário e colegial). Para mais informações sobre o projeto, acesse: www.varsul.org.br

Görski (2020) retomou parte do *corpus* investigado por Martins (2003). Nesta nova pesquisa a autora apresenta uma descrição sincrônica da multifuncionalidade dos itens *bem* e *bom*, com ênfase em seu uso como MDs, em dados gerados a partir de entrevistas sociolinguísticas, com foco no contexto dialógico.

Além destes estudos com dados de fala, ressaltamos que Risso (1999, 2006) e Barbosa (2019) analisaram os itens *bem* e *bom* em amostras escritas do português brasileiro enquanto Oliveira e Silva (2020) voltou a sua atenção para a comparação destes itens no português europeu com a partícula *well* no inglês.

A partir dos resultados da análise de estudos anteriores, principalmente de Risso (1999), Martins (2003) e Görski (2020), pretendemos compreender os padrões de comportamento desempenhados por *bem* e *bom* na amostra investigada.

Como já mencionado em nosso levantamento na literatura de referência, vimos que as pesquisas semelhantes sobre os itens como os estudos de Martins (2003) e Görski (2020) abordaram amostras de fala apenas de informantes adultos e suas pesquisas não contemplaram a fala de crianças e adolescentes.

Partindo desta lacuna, esta pesquisa contribui com a investigação de uma amostra oral infante/juvenil a fim de observar o uso de *bem* e *bom* também durante a fase escolar.

Por fim, entendemos que esta pesquisa também justifica-se pela necessidade de ampliar e contribuir com a descrição de *bem* e *bom* nas gramáticas pedagógicas, dicionários e manuais didáticos utilizados no ensino do PB.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Investigar a multifuncionalidade de uso dos itens *bem* e *bom* a partir de uma amostra sincrônica de dados de fala de informantes de Chapecó.

1.1.2 Objetivos Específicos

A fim de alcançarmos o objetivo geral, propomos os seguintes objetivos específicos:

- a) descrever o funcionamento e a dinâmica de usos de *bem* e *bom* na amostra de fala chapecoense;
- b) correlacionar os usos de *bem* e *bom* a fatores linguísticos e extralinguísticos, a fim de detalhar seu comportamento na amostra de fala chapecoense;
- c) traçar uma possível trajetória funcional de *bem* e *bom* sob a perspectiva da gramaticalização.

1.2 QUESTÕES DE PESQUISA E HIPÓTESES

Partimos das seguintes questões e hipóteses de pesquisa com base nos objetivos específicos traçados para este trabalho.

Questão 1

Quais os contextos de uso dos itens *bem* e *bom* na fala dos informantes de Chapecó – SC?

Hipótese 1

Partindo do levantamento bibliográfico acerca dos itens *bem* e *bom* de modo geral, tomamos como ponto de partida a descrição dos contextos de uso de Marcuschi (1989), Silva e Macedo (1989, 1996), Risso e Urbano (1999), Risso (1999, 2006), Urbano (1999), Martelotta (2004, 2009) e Schiffrin (2003). De modo específico, nos baseamos em Risso (1999), Martins (2003) e Görski (2020), que descreveram o comportamento multifuncional de *bem* e *bom* no PB.

Risso (1999), a partir dos dados extraídos de inquéritos do projeto NURC (Norma Urbana Linguística Culta), constatou que *bom*, *bem*, *olha* e *ah* são MDs de

abertura em estruturas de pares adjacentes, identificando-os como elementos “prefaciadores textual-interativos” com os quais o falante procura ganhar tempo na elaboração de sua resposta ou exposição (GÖRSKI, 2020, p.139). Na troca de turnos, funcionam “como sinalizadores de uma sequencialização estrutural dependente do contrato de interlocução firmado no fluxo do diálogo” (RISSO, 2006, p. 471), justificando assim o seu caráter anafórico e catafórico. Também, os itens podem sinalizar por vezes um valor concessivo.

Martins (2003) observou que *bem* e *bom* compartilham do domínio funcional⁸ da chamada da atenção do interlocutor para informação. Esse domínio é recoberto por duas macrofunções (articuladora interacional e articuladora textual), que, a depender, deixam antever o caráter mais textual ou mais interacional de cada contexto em que se situam cada um dos itens, como em contextos de prefaciação, atenuação, questionamento, avaliação e planejamento verbal, sequenciação, finalização, retomada, especificação, enumeração, retórico e diretivo.

No trabalho de reanálise de parte do *corpus* analisado por Martins (2003), Görski (2020) apurou que os *bem* e *bom* compartilham um amplo domínio funcional de chamada da atenção do interlocutor para a informação a ser proferida numa situação dialógica. Os resultados gerais revelaram que: (i) como MDs, *bom* é mais frequente que *bem*; (ii) como MDs, os itens compartilham a propriedade geral textual/interpessoal e sinalizam um duplo movimento (de estruturação discursiva e de negociação). Para a autora, *bom* predomina em aberturas de turnos, particularmente introduzindo preâmbulo, *bem* prevalece em posições intraturno, em contextos de organização tópica, especialmente de sequenciação e retomada do fluxo discursivo, incidindo sobre a fala do próprio informante; (iii) os MDs apresentam padrões contextuais distintos na fala do informante e na fala do entrevistador. Além da atuação como MDs, os itens são empregados como advérbio/adjetivo e outros.

De modo geral, os resultados de Görski (2020) sinalizaram que: (i) como advérbio, o uso de *bem* é significativamente maior que o uso de como adjetivo de *bom*; e em outros usos (expressões cristalizadas⁹, substantivos e locuções

⁸ Entendemos que a autora usou o termo “propriedade comum” como sinônimo da expressão “domínio funcional”.

⁹ Görski (2020) considerou as seguintes estruturas como expressões cristalizadas: *tudo bem*, *bem dizer*, *por bem*, *bem de vida*, *o bem estar*, *bem feito!* e *gente de bem*.

conjuntivas subordinativas), *bem* supera *bom*, apresentando um comportamento mais polissêmico. Concluiu a autora que o funcionamento dos itens é dependente do tipo de situação.

Considerando a expansão de contextos de uso de *bem* e *bom* em razão das diferentes categorias gramaticais em que transitam na fala, nossa hipótese é que a atuação como advérbio e adjetivo, respectivamente, seja mais frequente na fala dos informantes do VMPOSC, mas também esperamos encontrar usos dos itens, na amostra oral, como MDs, expressões cristalizadas, substantivos e locuções conjuntivas subordinativas, tal como Görski (2020).

Focando na atuação de *bem* e *bom* como MD, nossa hipótese é que os itens levantados em nossa amostra também compartilhem do domínio funcional de chamada da atenção para a informação (MARTINS, 2003; GÖRSKI, 2020), que recobre dois níveis mais amplos de atuação (interacional e textual).

Questão 2

Quais fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam o uso de *bem* e *bom* na fala de Chapecó?

Hipótese 2

Uma vez definidos os contextos de uso em que *bem* e *bom* se alternam como MDs, de modo geral, com base em Risso (1999, 2006), Martins (2003) e Görski (2020), cogitamos que os fatores linguísticos podem impulsionar a atuação dos itens na amostra oral: macrofunção; função (avaliativa, questionadora, iniciadora, atenuadora, planejamento verbal, enumerativa, prefaciadora, diretiva, retórica, sequenciadora, finalizadora e retomadora, entre outras); posição (RISSO, 1999, 2006; MARTINS, 2003; GÖRSKI, 2020); sequência discursiva (RISSO, 1999; MARTINS, 2003); e coocorrência (RISSO, 1999, 2006; MARTINS, 2003; GÖRSKI, 2020).

Com base em Risso (1999), Martins (2003) e Görski (2020), supomos que estratificação dos informantes quanto à idade, ao sexo¹⁰ e à escolaridade também

10 Conforme veremos na subseção 6.3.2, a categoria sexo no VMPOSC está definida de acordo com as características biológicas (masculino e feminino) dos informantes e não pelo gênero social do indivíduo.

possam revelar resultados importantes que levem a impulsionar a atuação dos itens na referida amostra.

Em relação à idade, presumimos que os itens ocorram com mais frequência na fala dos adultos e a diminuição da faixa etária contribua para a redução do uso destes MDs.

No que se refere à escolaridade, Paiva (2010) afirma que há indicações de que o processo de escolarização atue de forma mais nítida sobre as mulheres do que sobre os homens. Para a autora, a mulher se revela mais receptiva à atuação normativa da escola, ou seja, mais predisposta à incorporação de modelos linguísticos conservadores. Diante disso, sobre a relação entre o sexo e a escolaridade, entendemos que os homens e os indivíduos menos escolarizados possam utilizar com mais frequência os itens *bem* e *bom*.

Segundo Freitag (2007), existem diversos estudos linguísticos que analisam e categorizam o comportamento dos MDs, mas por vezes são considerados como um vício de linguagem ou um hábito linguístico indesejável porque não são reconhecidos como uma categoria nas gramáticas normativas, assim como os verbos, pronomes e conjunções, por exemplo. Como resultado, esses MDs não aparecem nos materiais didáticos e não são incluídos nos currículos escolares, sendo cercados de estigma social.

No que tange aos fatores extralinguísticos (estilísticos), pressupomos que os informantes, tanto crianças quanto os adultos alternam o estilo a depender das características socioculturais (sexo) do entrevistador que participa da interação. Pretendemos identificar se os usos dos MDs *bem* e *bom* pelo informante na relação com o entrevistador durante a interação é influenciado essa característica sociocultural dos interlocutores do entrevistador.

Questão 3

É possível traçar uma trajetória funcional de *bem* e *bom* a partir da amostra sincrônica de fala português de Chapecó sob uma perspectiva da gramaticalização?

Hipótese 3

Görski (2020) sugeriu, como desdobramento de seu estudo e de modo a melhor

delinear o espectro funcional dos itens, uma análise diacrônica para captar as trajetórias de mudança a partir das formas e dos significados fonte, contemplando a emergência de usos e o desenvolvimento de diferentes instâncias de gramaticalização ao longo do tempo, em diferentes gêneros textuais/discursivos, buscando encontrar também usos de *bem* como partícula modal.

Nossa hipótese, apoiada na análise de aspectos formais e funcionais de *bem* e *bom* na amostra oral, é de que será possível obter indícios sincrônicos para traçar uma trajetória funcional dos itens com base na perspectiva da gramaticalização, tal como foi feito por Martins (2003) e Görski (2020).

A gramaticalização pode ser investigada tanto por uma perspectiva diacrônica, ao se desenvolver uma análise que observa usos originais das formas gramaticais e os percursos de mudança seguidos por elas ao longo do tempo, quanto sincrônica, que considera padrões fluidos com base em usos atuais (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 2).

1.3 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta Dissertação está organizada em oito capítulos. No primeiro capítulo, Introdução, apresentamos o panorama desta pesquisa, explicitamos os objetivos, seguidos pelas questões e hipóteses da pesquisa. Apresentamos brevemente as principais vertentes teóricas que embasam o nosso estudo e os objetivos que movem nosso interesse nesta temática.

Na sequência deste capítulo introdutório, a fim de subsidiar nossa análise, iniciamos a descrição dos fenômenos investigados. Para tanto, o capítulo 2 encontra-se subdividido em quatro seções, a saber: Na seção 2.1 (subseções 2.1.1, 2.1.2) e 2.2 (subseções 2.2.1 e 2.2.2) apresentamos a visão de *bem* segundo a perspectiva das gramáticas normativas, descritivas e com base nos principais dicionários de circulação nacional.

Em seguida na seção 2.3 revisamos os estudos anteriores dos itens *bem* e *bom* no Português Brasileiro (RISSO, 1999; BARBOSA, 2019; MARTINS, 2003; GÖRSKI,

2020) e no Português Europeu (OLIVEIRA, SILVA, 2020). Realizamos também o levantamento dos estudos que investigaram *bien*, *bueno* e *well* em línguas estrangeiras. Estes estudos foram empreendidos por Schourup (1985, 2016), Schiffrin (1987, 2003), Travis (1998), Serrano (1999), De Fina (1997), Defour (2007), Waltereit e Detges (2007), Sakita (2013), Heritage (2015) e Oliveira e Silva (2020).

Na sequência, no terceiro capítulo, descrevemos o Referencial Teórico no qual resumizamos os pressupostos teóricos da perspectiva funcionalista de acordo com Givón (1995, 2001, 2018), Heine (1991, 2013) Hopper (1987, 1991), Heine *et al.* (1991), Traugott (1995, 2003) e Bybee (2003, 2016, 2020) com foco na gramaticalização.

No quarto capítulo, abordamos a metodologia adotada nesta pesquisa. Em 4.1, descrevemos o *corpus* do projeto VMPOSC do qual foi possível extrair a amostra de dados orais utilizada na análise. Na seção 4.2, detalhamos a amostra oral selecionada para o estudo e, na seção 4.3 apresentamos os fatores linguísticos e extralinguísticos (estilísticos e sociais) que poderão auxiliar na descrição do comportamento de *bem* e *bom*. Por fim, na seção 4.4 especificamos os procedimentos para tratamento e análise quali-quantitativa dos dados extraídos do VMPOSC.

No quinto capítulo denominado “O Funcionamento e a Dinâmica de Usos de *bem* e *bom* na amostra investigada” apresentamos os resultados qualitativos e quantitativos da amostra, considerando os objetivos específicos propostos no capítulo 1.

No capítulo seguinte explicitamos a correlação entre os MDs *bem* e *bom* e os fatores linguísticos e extralinguísticos evidenciando a relação dos MDs com as posições, sequências discursivas, estilo, sexo e escolaridade.

Seguindo para os encaminhamentos finais da pesquisa no sétimo capítulo apresentamos a trajetória sincrônica percorrida pelos itens a partir dos resultados obtidos nesta pesquisa.

Por fim, no último capítulo “Considerações Finais” (capítulo 8) retomamos os objetivos específicos elencados no capítulo 1 e sugerimos alguns encaminhamentos para as pesquisas futuras.

Pretendemos com esta pesquisa contribuir para o enriquecimento do rol de estudos descritivos do PB principalmente da modalidade oral da região do Oeste de

Santa Catarina. Desejamos que conhecimentos a respeito de aspectos semânticos-pragmáticos dos usos cotidianos da língua sejam também acessíveis a estudantes de língua estrangeira, a fim de que desenvolvam maior proficiência no uso do PB.

2. BEM E BOM: DESCRIÇÃO DOS FENÔMENOS INVESTIGADOS

Neste capítulo, por meio de um levantamento em literatura de referência, a fim de subsidiar a análise nas seções 5 e 6 e a trajetória de mudança semântico e categorial dos itens na seção 7, objetivamos descrever o comportamento de *bem* e *bom* com base em gramáticas e em dicionários do Português Brasileiro (PB). Na sequência, também apresentamos uma revisão de três estudos brasileiros precursores (RISSO, 1999; MARTINS, 2003; GÖRSKI, 2020) sobre os itens *bem* e *bom*, assim como reunimos alguns trabalhos que descreveram o funcionamento dos itens em diferentes línguas.

2.1 A VISÃO NORMATIVA E DESCRITIVA DO BEM

2.1.1 A Visão das Gramáticas Normativas e dos Dicionários

A palavra *bem*, do ponto de vista morfológico, segundo as gramáticas de cunho prescritivo, como Bechara (1999, 2009), Cunha e Cintra (2008) e Lima (2011), está situada na classe das palavras invariáveis, ou seja, dos advérbios. Cunha e Cintra (2008) e Bechara (2009) também observaram que *bem* pode ser uma interjeição que expressa aplauso: *bem!* ou contentamento diante de algo negativo acontecido a alguém. “O gato a arranhou? Bem feito! Não devia tê-lo maltratado.” (BECHARA, 2009, p. 646). Além disso, os autores, também mencionam que *bem* pode ser empregado como conjunção alternativa (*bem...bem*), comparativa (*bem* como) e concessiva (*se bem* que). Embora essas gramáticas normativas apresentem exemplos desse uso, apenas Bechara (2009) se refere a *bem* como substantivo abstrato, como em “A maior parte dos erros em que laboramos neste mundo provém da falsa definição, ou das noções falazes que temos do *bem* e do mal.” (BECHARA, 2009, p. 306). O autor também destaca a interface entre morfologia e semântica no

emprego do item. Segundo o autor, em muitas palavras do português o plural guarda o mesmo significado do singular, porém isso não acontece com alguns substantivos abstratos em sentidos contextuais: *bem* (o que é *bom*) e *bens* (propriedades). (BECHARA, 2009, p. 79, grifos nossos)

De modo geral, as gramáticas normativas classificam os advérbios sintaticamente como adjuntos adverbiais, que, via de regra, são empregados ao final das orações, mas possuem certa flexibilidade posicional (BECHARA, 2009).

No nível semântico, para Lima (2011), Cunha e Cintra (2008), os advérbios são palavras modificadoras do verbo. Em outras palavras, eles servem para expressar as várias circunstâncias que cercam a significação verbal.

Bagno (2012) ratifica a afirmação tradicional de que os advérbios são classificados como palavras que modificam um verbo, um adjetivo ou outro advérbio. Porém, alerta que essa ideia de modificação não é das mais adequadas, pois não dá conta de todas as funções realmente exercidas pelos advérbios.

Faraco *et al* (2010) e Sacconi (2004) ressaltam ainda que, mesmo que o escopo do advérbio seja o verbo, ele pode modificar também os adjetivos, outros advérbios ou até mesmo uma oração¹¹. Vejamos a seguir alguns exemplos em que Bechara (2009, p. 356, grifos nossos) emprega o advérbio *bem*:

(3) O aluno **talvez não** tenha redigido muito **bem** (modo).

(4) José escreve **bem** (advérbio em referência ao verbo).

(5) José escreve **muito bem** (advérbio em referência ao advérbio bem).

Em (3), o advérbio de dúvida (talvez) e de negação (não) servem para atenuar a oração afirmativa na qual *bem* denota modo, em síntese, neste exemplo se quer modalizar e dizer que o aluno redigiu mal. Enquanto em (4), *bem* desempenha o seu papel de modificador do verbo *escrever* (intransitivo) e remete a um advérbio de modo. Por fim, em (5), o advérbio muito faz referência ao *bem* e possui função de intensificar o valor do advérbio de modo.

De acordo com Cunha e Cintra (2008, 556), “os advérbios recebem a

11 “Felizmente José chegou, (advérbio em referência a toda a declaração: José chegou); o advérbio deste tipo geralmente exprime um juízo pessoal de quem fala e constitui um comentário à oração.” (BECHARA, 2009, p. 288)

denominação da circunstância ou de outra ideia acessória que expressam”. Neste mesmo sentido Faraco *et al* (2010) dizem que, por circunstância, entende-se qualquer particularidade que determina um fato, ampliando a informação nela contida. Portanto, o advérbio objetiva modificar o verbo acrescentando a ele uma circunstância.

Em razão da circunstância expressa, os advérbios podem ser classificados em advérbios de afirmação, dúvida, intensidade, lugar, modo, negação, tempo, entre outros. Na visão de Cunha e Cintra (2008), *bem* pode ser qualificado como um advérbio de modo (conforme exemplo 3 acima) e de intensidade.

Bagno (2012) afirma que os estudiosos são unânimes em afirmar que a classe dos advérbios é extremamente heterogênea e, por isso, rejeitam o tratamento dado a eles pela tradicional gramatical que “nos acostumou a pensar que a classe é bem delimitada e se compõe de palavras que funcionam exatamente do mesmo modo (CASTILHO *et al.*, 2008, p. 403).

Vimos que as gramáticas normativas destacam aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos do item *bem*, não só como advérbio, mas também desempenhando outras categorias gramaticais. Vejamos, a seguir, a caracterização de *bem* segundo os principais dicionários do PB.

Os dicionários, de modo geral, apresentam a etimologia de *bem* e as diferentes categorias e sentidos por ele veiculado no PB. O item *bem* (*bene*) tem origem no adjetivo latino *bonus* (*bom*). Em Ferreira (2010) assim está descrito:

s.m 1. Qualidade atribuída a ações e obras humanas, e que lhes confere um caráter moral. 2. Austeridade moral; virtude. 3. Felicidade, ventura. 4. Favor, benefício. 5. Vantagem, proveito. 6. Pessoa muito amada. 7. *Econ.* Mercadoria ou Serviço que pode satisfazer uma necessidade humana. *adv.* 8. Muito; bastante. 9. Convenientemente ‘Portou-se **bem**’. 10. Com saúde. 11. Com perfeição. *pron. indef.* 12. De maneira boa e adequada ‘ele trabalha **bem**. Ex: Marocas despediu todos os seus namorados, e creio que não perdeu pouco; tinha alguns capitalistas **bem** bons’ (Machado de Assis, Histórias sem Data, p.47). ‘Mesmo devagar, conseguiu ir **bem** longe’ (FERREIRA, 2010, p. 300, grifos nossos).

Em Michaelis (2021, grifo nosso), o item *bem* está assim definido:

Bem (1): adv de modo, adequado e conveniente; com propriedade: ‘ – Como te enganas! – respondeu a velha. – Já compreendi *bem* esse sujeito: a sua corda sensível são as mulheres!’ (AA2).
Bem (2): de forma correta; corretamente, com justeza, com probidade.

Para Houaiss (2008, p. 125) o advérbio *bem* (1) é descrito como de maneira conveniente; com propriedade, acertadamente, devidamente; direito <*comportar-se bem*>. De modo justo, probo ou lícito; com acerto, corretamente <*o patrão agiu bem com os empregados*>. *s.m* aquilo que enseja as condições ideais ao equilíbrio, à manutenção, ao aprimoramento e ao progresso de uma pessoa ou de uma coletividade. Uso empregado substantivo do adv.: *o bem que se está nesta sombra!*

Da Cunha (2019), por sua vez, define *bem* (2) como: adv. de maneira conveniente. Bem (2) *s.m.* “virtude, felicidade”.

De modo geral, percebemos que o item *bem* é descrito prioritariamente como advérbio em todos os dicionários analisados, embora Houaiss (2008) e Da Cunha (2019) apresentem a descrição desse item também como substantivo. Vejamos, a seguir, a caracterização do item segundo as gramáticas descritivas do PB.

2.1.2 A Visão das Gramáticas Descritivas

O item *bem*, segundo as gramáticas descritivas, como Castilho (2010, 2014), Perini (2010), Neves (2011) e Bagno (2012), é analisado consoante os critérios morfológico, sintático e semântico (funcional).

Morfologicamente, as gramáticas descritivas classificam os advérbios com natureza nominal ou pronominal, corroborando com o exposto nas gramáticas normativas. Segundo Castilho (2014) e Neves (2011), os advérbios são palavras invariáveis, “conquanto a precária fronteira entre eles e os adjetivos criem certa trepidação nesta propriedade”. (CASTILHO, 2014, p. 543).

Perini (2010), ao analisar os advérbios, afirma que os estudos sobre o item nas gramáticas tradicionais contemplam apenas a definição conservadora e focam suas análises apenas na propriedade modificadora do advérbio, impossibilitando a percepção quanto às propriedades funcionais do advérbio. Segundo o linguista, é necessário definir cada classe em termos do que denomina como potencial funcional.

Para Bagno (2012, p. 831)

[...] os advérbios são a melhor ilustração possível para [...] a precariedade das classificações definitivas, a instabilidade inerente à gramática de qualquer

língua, os processos ininterruptos de gramaticalização, a possibilidade que as palavras têm de exercerem múltiplas e distintas funções... e os advérbios são assim porque, talvez, nem sequer exista uma classe de advérbios.

Perini (2010, p. 317, grifo nosso) diz que palavras como *sempre*, *gravemente*, *bem* e *sim* são tradicionalmente analisadas como advérbios. O autor prefere utilizar o termo mais geral, *adverbiais*, pois, segundo ele, o que se tem não é uma classe de palavras, mas várias classes diferenciadas. Ele reforçou que não é favorável em classificar os advérbios incluindo-os apenas na categoria de classes de palavras, pois esse tipo de classificação tradicional é provavelmente conveniente em muitos casos (PERINI, 2007).

Vitral (2017, 138) divide os advérbios em dois grandes grupos. O primeiro grupo funciona de maneira muito parecida com a do adjetivo, isto é, as propriedades ou características do advérbio são transferidas para uma oração inteira, para um adjetivo ou para outro advérbio. Neste sentido os advérbios desempenham a função de modificador, como é possível observar nos exemplos trazidos pelo autor em sua obra:

“**Nós comemos mal naquele dia**”;

“Depois do jogo, Neymar andava bem lentamente”.

Vejamos como funcionam os advérbios nessas orações¹²: *mal* qualifica, no caso negativamente, o evento que corresponde à oração “Nós comemos naquele dia”. Enquanto o advérbio *bem* age sobre a palavra *lentamente*, que é também um advérbio e indica igualmente intensidade, isto é, que era bastante lento o andar do atacante.

Conforme Vitral (2017) os advérbios do segundo grupo também apresentam uma grande diversidade de significados e estabelecem relações de significado com orações, com nome ou com adjetivos. Vejamos os exemplos a seguir:

“A diretora chamou só o Pedro;

“Até meus pais estavam dançando na festa”;

“Os terremotos arrasadores também não existem no Brasil”.

Vejamos o comportamento dos advérbios nestas orações:

Para destacar um nome como em só o Pedro e até meus pais;
Para exprimir inclusão que fica, por exemplo, a cargo do advérbio *também* como no exemplo: Os terremotos arrasadores também não existem no Brasil (VITRAL, 2017, p. 139).

12 Exemplos extraídos da Gramática inteligente do português brasileiro de Vitral (2017, p.138-139).

O autor destaca que o uso de advérbios permite fazer inferências, ou seja, extrair um significado que não está dito explicitamente. Na oração “*Os terremotos arrasadores também não existem no Brasil*”, podemos compreender que alguém está dizendo, antes, que alguma outra coisa não existe no Brasil e termina por incluir, ao usar também, os terremotos arrasadores como algo que não acontece no nosso país. Na oração “*Até meus pais estavam dançando na festa*”, inferimos que muitas pessoas estavam dançando na festa e até meus pais, que não se esperaria que dançassem, o estavam fazendo.

De outro ponto de vista Neves (2011) destaca que, no uso real da língua há casos restritos de advérbio flexionado em gênero e número. Todavia, esses usos também chamados pela autora de quantificadores são considerados “erros” pelas gramáticas normativas. Portanto, no âmbito “sintático, ou relacional, o advérbio é uma palavra periférica, isto é, ele funciona com satélite de um núcleo” (NEVES, 2011, p. 234).

No âmbito “sintático, ou relacional, o advérbio é uma palavra periférica, isto é, ele funciona com satélite de um núcleo” (NEVES, 2011, p. 234).

Perini (2010) e Castilho (2014) corroboram com a função relacional dos advérbios, pois eles são palavras relacionadas ao verbo, ao adjetivo ao a outro advérbio, classes que ele toma por escopo. Porém, Castilho (2014, p. 543, grifos do autor) acrescenta que “o exame dos fatos mostra que os advérbios podem igualmente aplicar-se aos substantivos, em expressões metafóricas: “*ele é muito homem* [...] no sentido de *muito viril* [...]”.

Perini (2010) afirma que os adverbiais possuem algumas propriedades importantes, em particular a posição e o escopo. Para o autor o posicionamento de um adverbial depende de ser ele complemento ou adjunto; de estar vinculado sintaticamente a um verbo ou a um nominal e; também do seu escopo.

No âmbito semântico, *bem* é considerado um advérbio modificador, ou seja, afeta o significado do elemento sobre o qual incidem, fazendo uma predicação sobre as propriedades desses elementos, isto é, modificando-os. Para Neves (2011, p. 237), o advérbio *bem* é um qualificador pois “qualifica uma ação, um processo ou um estado expresso num verbo ou num adjetivo”.

Os advérbios podem ser subdivididos em três grandes classes semânticas: (1) predicadores, (2) verificadores e (3) dêiticos. Os *predicadores* são aqueles que atribuem qualidade aos elementos sobre os quais incidem. Por exemplo: “Ana trabalha incansavelmente”. O advérbio incansavelmente transfere para o verbo trabalhar suas próprias qualidades semânticas. Por isso, é comum dizer que o advérbio é o adjetivo do verbo. Os *verificadores* não transferem seus traços semânticos para o elemento sobre os quais incidem, mas enuncia uma avaliação acerca deles. Um dos verificadores mais empregados é sem dúvida o não, com o qual negamos (a) o conteúdo do discurso ou (b) o próprio discurso¹³. Por fim, os dêiticos são os advérbios que nos remetem a situações no tempo e no espaço, apontando para elas: “Hoje está mais quente que ontem”; “Aqui não pode estacionar” (BAGNO, 2012, p. 840).

Por fim, Bagno (2012, p. 837) comenta que algumas palavras classificadas como advérbios parecem ter origem em gramaticalizações e ser herança direta do latim, conforme consta:

bem: em latim, era possível formar um advérbio a partir de um adjetivo acrescentando à sua raiz a terminação *-ē*: assim, do adjetivo *bonu-* ('bom'), se formou o advérbio *benē* (o de *bonu-* sofreu assimilação do *-ē*, de modo que onde esperaríamos *bonē* temos *benē*) (BAGNO, 2012, p. 837).

Esses importantes advérbios se agrupam em sua maioria em pares que se opõem: mais/menos, muito/pouco, sempre/nunca, bem/mal, entre outros (BAGNO, 2012). Ademais, vimos que as gramáticas descritivas expandem a descrição dos aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos do item *bem*, em especial como advérbio. Reunimos um levantamento das principais características de *bem* segundo as gramáticas normativas e descritivas e os dicionários (QUADRO 1).

Quadro 1 - Usos de *bem* segundo gramáticas e dicionários do Português Brasileiro (PB)

BEM				
GRAMÁTICAS NORMATIVAS - CRITÉRIOS				
Bechara	Morfológico	Sintático	Semântico	Exemplos

13 O autor não cita exemplos de advérbios verificadores.

(2009, p. 287)	Advérbio	Adjunto adverbial Posição final ¹⁴	Modo e Intensidade	“Aqui tudo vai bem ”. (modo) “O aluno talvez não tenha redigido <i> muito bem</i> ”
	Interjeição	-	contentamento diante de algo negativo acontecido a alguém	“O gato a arranhou? Bem <i>feito! Não devia tê-lo</i> <i>maltratado.</i> ” (BECHARA, 2009, p. 646)
	conjunção subordinativa	-	alternativa	"bem...bem"
Bechara (2009, p. 287)	conjunção subordinativa	-	concessiva	Nada houve contra ela, se bem que uma voz rouca se levantou no tribunal e que (por: se bem que) dois ou três presentes a acompanharam com certo entusiasmo. (BECHARA, 2009, p. 483)
	substantivo abstrato	-	aquele que é da propriedade de alguém	“E ele tinha tais bens em seu nome”.
Cunha e Cintra (2008, p.556)	Advérbio	Adjunto adverbial	Intensidade e modo	Mas passei a noite mal! bem mal! (J. Régio, JA, 102.) Já bem pertinho estavam Masseu e Ângelo. (L. Jardim, AMCA, 49.)
	Substantivo abstrato	-	-	“Era o deus vivo que os tinha na sua mão, o amigo-inimigo donde lhes vinha todo o bem e todo o mal, a miséria e o pão, o luto e a alegria.” (Branquinho da Fonseca, MS, 173.)
	Interjeição	-	de aplauso	bis! bem! bravo! viva!
	conjunção subordinativa comparativa	posição medial	comparativa	Unidas, bem como as penas Das duas asas pequenas De um passarinho do céu... Como um casal de rolinhas, Como a tribo de andorinhas Da tarde no frouxo véu. (Castro Alves, EF, 125.)
	conjunção subordinativa	-	concessiva	se bem que, bem que

14 O critério que adotamos para definir a posição sintática do item foi a observação de *bem* no exemplo apresentado pelos autores.

Lima (2011)	Advérbio	Adjunto adverbial	Modo e de intensidade	Não há.
DICIONÁRIOS - CRITÉRIOS				
	Morfológico	Sintático	Semântico	Exemplos
Houaiss (2008)	Advérbio	posição mediana	convenientemente, acertadamente, direito, devidamente.	não há exemplos.
Ferreira (2010)	Advérbio	posição mediana e final		'Marocas despediu todos os seus namorados, e creio que não perdeu pouco; tinha alguns capitalistas bem bons' (Machado de Assis, Histórias sem Data, p.47). 'Mesmo devagar, consegui ir bem longe'. Convenientemente: 'Portou-se bem '. De maneira boa e adequada; adequadamente: ele trabalha bem .
Michaelis (2021)	Advérbio	posição mediana	de modo adequado e conveniente, com propriedade, com probidade.	' – Como te enganas! – respondeu a velha. – Já compreendi bem esse sujeito: a sua corda sensível são as mulheres!' (AA2).
Da Cunha (2019)	substantivo masculino	-	de propriedade de alguém	não há exemplos.
GRAMÁTICAS DESCRITIVAS - CRITÉRIOS				
	Morfológico	Sintático	Semântico	Exemplos
Castilho (2014)	Advérbio	Posição mediana e final	modo (ou qualificador)	"comer bem não é comer demais". (D2 POA 291)
Perini (2010)	Advérbio	- Adverbial de complemento. - Adverbial fixo (dentro de um sintagma nominal (SN) Posição mediana e final	modo (ou qualificador)	"Eles já estavam sentindo bem ". (complemento) "O muro está bem pintado". (não pode ser movimentado para nenhum lugar do sintagma ou da oração".
Neves (2011)	Advérbio	Posição mediana	modo (ou qualificador)	"Sei muito bem que ninguém deve passar atestado da virtude alheia" (FP).
Bagno (2012)	Advérbio	- Adverbial. - Posição: Mediana	modo	não há exemplos nesta gramática.

Fonte: A autora (2023)

Feito o levantamento do emprego de *bem*, vimos que este item transita entre várias categorias gramaticais prototípicas, principalmente advérbio, substantivo, interjeição e conjunção com uma multiplicidade de formas e sentidos.

Entretanto Bagno (2012, p. 832) afirma que classificar um advérbio é quase como agir por eliminação: se determinada palavra não se enquadra na classe dos verbos, dos nomes, dos índices de pessoa, dos demonstrativos, dos quantificadores, das preposições e das conjunções então é um advérbio.

Perini (2010) sugere que em vez de advérbios se fale adverbiais:

Palavras como sempre, gravemente, **bem** e sim são tradicionalmente analisadas como advérbios. Aqui vou preferir o termo mais geral adverbiais, porque o que temos não é uma classe de palavras, mas várias classes bem diferenciadas. [...] Já na gramática tradicional, se fala de advérbios de modo, de tempo, de lugar, etc., o que nos nossos termos corresponde a papéis temáticos que podem ser expressos pelos adverbiais; mas há outros advérbios que não tem papel temático como sim e não, por exemplo. Um adverbial é membro de uma classe muito generalizada que se define apenas como palavra invariável (em gênero, número, pessoa, etc.) que não é um conectivo. E os adverbiais em geral têm potencial funcional paralelo a sintagmas maiores [...] (PERINI, 2010, p. 317).

Diante disso, estudiosos como Castilho *et al.* (2008) são unânimes e reiteram que a “classe” dos advérbios é extremamente heterogênea e, por isso, rejeitam o tratamento dado a eles pela tradição gramatical que “nos acostumou a pensar que a classe é bem delimitada e se compõe de palavras que funcionam exatamente do mesmo modo” (BAGNO, 2012, p. 832).

Seguimos, na próxima seção, à verificação do padrão de comportamento desempenhado pelo item *bom*, que também é objeto desta pesquisa, segundo as gramáticas de orientação normativa e descritiva do português brasileiro. Além disso, apresentamos os usos do item conforme descrito nos principais dicionários de circulação atual.

2.2 A VISÃO NORMATIVA E DESCRITIVA DO BOM

2.2.1 A Visão das Gramáticas Normativas e Dicionários

A palavra *bom*, do ponto de vista morfológico, segundo as gramáticas de cunho prescritivo, como Savioli (2006), Bechara (1999, 2009), Cunha e Cintra (2008) e Lima (2011), está classificado na classe dos adjetivos.

A maioria dos adjetivos é constituída por aqueles que derivam de um substantivo ou de um verbo, com os quais continuam a relacionar-se do ponto de vista semântico. De acordo com Cunha e Cintra (2008), a rigor, o adjetivo só existe referido a um substantivo.

No que tange aos graus dos adjetivos, o item *bom* é um adjetivo que forma o comparativo e o superlativo de modo especial, a saber (QUADRO 2):

Quadro 2 - Adjetivos que formam o comparativo e o superlativo

Adjetivo	Comparativo de Superioridade	Superlativo	
		Absoluto	Relativo
bom	melhor	ótimo	o melhor

Fonte: Adaptado de Cunha e Cintra (2008, p. 274)

De acordo com Lima (2011), não é correto dizer *mais bom*, *mais grande*; porém o é - *mais mau*, *mais pequeno*. “Pode-se, todavia, usar da partícula *mais* antes de *bom* e *grande* no caso se contraporem qualidades, em frases como as seguintes: ‘Ele é *mais bom* do que inteligente’ e ‘*Mais grande* do que pequeno’” (LIMA, 2011, p. 150).

Segundo Lima (2011), quanto à flexão de gênero, o adjetivo *bom* é uma exceção à regra dos adjetivos uniformes (uma única forma, com que acompanham os substantivos de ambos os gêneros). “Há exceções como por exemplo: espanhol - espanhola / andaluz - andaluza / *bom* - boa” (LIMA, 2011, p. 142). Quanto à flexão de número, segundo o autor, na escrita, substitui-se o *m* por *n* no adjetivo finalizado em ditongo nasal (*im*, *om*, *um*, *em*) antes do acréscimo do *s*: *bom* — bons (LIMA, 2011,

p. 144).

Bechara (2009), por fim, acrescenta ainda que, no caso dos adjetivos, é possível ocorrer a substantivação do adjetivo, pois, segundo ele, “certos adjetivos são empregados sem qualquer referência a nomes expressos como verdadeiros substantivos”.

Nessas substantivações, o adjetivo prescinde do substantivo que o podia acompanhar, ou então é tomado em sentido muito geral e indeterminado, não marcado, caso em que se usa o masculino (à maneira do neutro latino, mas não do neutro em português, que não existe): ‘o **bom** da história é que não houve fim’; ‘o **engraçado** da anedota passou despercebido’; ‘o triste do episódio está em ver que a vida é assim’ (BECHARA, 2009, p. 145, grifo nosso).

Semanticamente, segundo Bechara (1999, p. 142), “adjetivo é a classe de lexema que se caracteriza por constituir a delimitação, isto é, por caracterizar as possibilidades designadas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma parte ou a um aspecto do denotado”.

Bechara (2009) e Savioli (2006) definem como adjetivo a classe de palavra responsável pela mudança do sentido de um substantivo ou classe similar, conferindo-lhe novas propriedades.

Sintaticamente, conforme se estabelece a relação entre os dois termos na frase, o adjetivo desempenha as funções de adjunto adnominal ou de predicativo. Na concepção de Cunha e Cintra (2008, p. 278), o adjetivo *bom* enquadra-se tanto em adjetivo em função predicativa quanto em colocação do adjunto adnominal. “A qualidade expressa por um adjetivo em função predicativa vem marcada no tempo, e por essa relação cronológica entre a qualidade e o ser é responsável o verbo que liga o adjetivo ao substantivo”. Vejamos os seguintes exemplos:

“O *bom* aluno estuda” (função predicativa)

Nesta frase acrescenta-se a noção de *bom* à de aluno sem termos em mente qualquer referência à ideia de tempo.

Como elemento acessório da oração, o adjetivo em função de adjunto adnominal deverá, portanto, vir com maior frequência depois do substantivo que ele qualifica. Mas nem sempre essa é a regra. Vejamos as duas explicações a seguir:

a) sendo a sequência **substantivo + adjetivo** a predominante no enunciado

lógico, deriva daí a noção de que o adjetivo posposto possui valor objetivo: “rapaz *bom*”. Neste exemplo o adjetivo *bom* vem depois do substantivo rapaz possuindo valor objetivo.

b) sendo a sequência **adjetivo + substantivo** provocada pela ênfase dada ao qualificado. No exemplo “*bom* rapaz”, o adjetivo antes do substantivo assume um valor subjetivo (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 280).

Vimos que as gramáticas normativas apresentam a descrição dos aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos do item *bom*, em especial como adjetivo, embora Bechara (2009) tenha feito menção à possível substantivação do item.

A seguir, tratamos da descrição dos usos do adjetivo *bom*, segundo alguns dicionários de Língua Portuguesa do Brasil.

Os dicionários, de modo geral, apresentam a etimologia de *bom* e as diferentes categorias e sentidos por ele veiculados no PB. O item *bom* tem origem no adjetivo latino *bonus* (*bom*). Em Ferreira (2010, p. 300, grifo nosso), assim está descrito:

[...] adjetivo. 1. Que tem todas as qualidades adequadas à sua natureza ou função. 2. Que funciona bem (órgão ou aparelho); 3. Favorável, lucrativo, proveitoso. 4. Aquele que é honrado, que possui excelência de caráter, que é virtuoso.

Michaelis (2008), além da descrição de *bom* como adjetivo, destaca também a substantivação do item e assim o define: “[...] adj 1. Que tem bondade, justo, caridoso. Super abs sint: boníssimo e ótimo. Comparativo de superioridade: melhor. sm 1. pessoa benévola, bondosa. 2. indivíduo competente, hábil, capaz”. Segundo Michaelis (2021), o adjetivo boníssimo também por ser considerado como o superlativo absoluto sintético de *bom*.

Para Da Cunha (2019, p. 92), *bom* é sinônimo dos adjetivos “benévolo, bondoso, benigno”.

Embora Michaelis (2008) tenha incluído *bom* também na categoria dos substantivos a maioria das gramáticas normativas enquadram este item apenas na categoria gramatical de adjetivos.

Vejamos, a seguir, a caracterização do item segundo as gramáticas descritivas do PB.

2.2.2 A Visão das Gramáticas Descritivas

O item *bom*, segundo as gramáticas descritivas, como Castilho (2014), Perini (2010), Neves (2011) e Bagno (2012), é analisado consoante os critérios morfológico, sintático e semântico (funcional).

Sintática e semanticamente, segundo Neves (2011, p. 185), *bom* enquadra-se na classe dos adjetivos predicativos qualificadores. Esse tipo de adjetivo qualificador indica, para o substantivo que o acompanha, uma propriedade que não necessariamente compõe o feixe das propriedades que o definem. Diz-se que esses adjetivos qualificam o substantivo, o que pode implicar uma característica mais, ou menos, subjetiva, mas sempre revestida de certa vaguidade.

Demonte (*apud* CASTILHO, 2010, p. 526) propôs o seguinte arranjo para os qualificadores:

(i) de dimensão (alto, baixo, grosso, fino, etc); (ii) de velocidade (rápido, lento, lerdo, veloz); (iii) de propriedade física (redondo, curvo, quadrado, leve, pesado, espesso, fluído, doce, amargo); (iv) de cor (branco, preto, azul, amarelo, etc); (v) de idade (velho, arcaico, jovem); (vi) de avaliação (*bom*, mau, lindo, feio); (vii) de atitude (inteligente, idiota, sensível, amável).

O adjetivo *bom*, além de ser identificado como um qualificador de avaliação, é considerado também um adjetivo qualificador polar. Segundo Castilho (2014) os qualificadores polares são aqueles adjetivos que se ordenam em pares antonímicos, tais como: limpo/sujo, bonito/feio, igual/diferente, *bom*/mau, amável/grosseiro, entre outros.

Complementando Castilho (2010), Neves (2011) ressalta que os adjetivos exprimem qualidade que definem o substantivo na sua relação com o falante. São chamados de eufóricos os adjetivos que indicam para o positivo (para o *bom*), disfóricos (de indicação para o negativo, para o mau) ou neutros. Vejamos o exemplo de um adjetivo eufórico: “Vamos ver se é *bom* mesmo no tiro, ou se tudo é conversa” (NEVES, 2011, p. 190, grifo nosso).

A seguir, apresentamos o Quadro 3, baseado em Neves (2011), que trata de modo detalhado a descrição dos aspectos semânticos e sintáticos do adjetivo *bom*:

Quadro 3 - O comportamento do adjetivo *bom* segundo Neves (2011)

BOM	
a) com nome humano = “de boas qualidades”, “bondoso”.	
Posposto (descritivo)	Anteposto (apreciativo)
O senhor é um homem bom , neste mundo de maldade. (IN)	Você é um bom rapaz , mas agora me criou um problema. (CNT)
b) com nome animado = “de <i>bom</i> desempenho”, “eficiente”.	
Posposto (descritivo)	Anteposto (apreciativo)
“Lá havia um rapaz bom nisso”; (VEJ) “E só podia ser mesmo, porque um cavalho bom como aquele eu nunca tinha visto”; (AC) “ Cachorro bom tanto caça com a vista como com o olfato”. (AM).	“ bom aluno , o menino ou o rapaz educado sabe manter-se tranquilo”; (AE) “Você tem bom animal , Pantaleão? (AM) “Continuo sendo um ótimo dentista, um bom marido, bom pai ”. (ANB).
c) com nome concreto = “de boa qualidade”.	
Posposto (descritivo)	Anteposto (apreciativo)
“Não precisa pegar na enxada, tem sempre manteiga para a macaxeira e o cará, mora numa casa boa ”. (FO).	“Vim aqui, correndo, a fim de pedir ao senhor a fineza de reservar um bom cômodo , para pessoa ilustre, que chegará no próximo dia trinta, depois de amanhã, portanto”. (AM)
d) com nome abstrato = “adequado”, “apreciado”.	
Posposto (descritivo)	Anteposto (apreciativo)
“Para que um instrutor possa realizar um trabalho bom , é imprescindível que já tenha sido nadador; (PFI) “Desenvolvido com estilo, cabeçada firme, resultado bom dum centro inteligente de ponta. Dando tudo certo”. (MPB).	“A perspectiva é de bom desempenho ”; (AGF) “Um bom exemplo desse tipo de oportunidade é o investimento em pesquisa pura”. (ANI). “Se houver um bom trabalho , se se gravaram imagens sãs, belas, nobres, tudo a seguir é fácil”. (AE).
e) com nome qualificável (sempre anteposto) = “em quantidade significativa”.	
“Quem determina a forma de utilização é o seu estado físico-químico e também uma boa dose de <i>bom</i> senso. (AGF). “Nós começamos em cinquenta e oito, com um açougue no bairro do Bexiga, e ficamos sós um bom tempo . (AGF).	

Fonte: Adaptado de Neves (2011, p. 207-208)

Vimos que as gramáticas descritivas expandem a descrição dos aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos do item *bom*, em especial como adjetivo. Reunimos, no Quadro 4, a seguir, um levantamento das principais características de *bom* segundo as gramáticas normativas e descritivas e os dicionários.

Quadro 4 - Usos de *bom* segundo as gramáticas e dicionários do PB

BOM				
GRAMÁTICAS NORMATIVAS - CRITÉRIOS				
	Morfológico	Sintático	Semântico	Exemplos
Bechara (1999; 2009)	Adjetivo (masculino e feminino)	Predicativo. Adjunto Adnominal e Substantivação.	Qualidade	“o bom da história é que não houve fim”.
Cunha e Cintra (2008)	Adjetivo (masculino)	Predicativo e Adjunto Adnominal	Qualidade ou Defeito Modo de Ser Aspecto ou Aparência Estado	“Ele é bom e inteligente; mais bom do que inteligente”; “Homem bom ”; “Pessoa simples ”; “Céu azul ”; “Casa arrumada ”.
Lima (2011)	Adjetivo uniforme	Predicativo e Adjunto Adnominal	Qualidade	não há.
DICIONÁRIOS - CRITÉRIOS				
	Morfológico	Sintático	Semântico	Exemplos
Ferreira (2010)	Adjetivo	-	Que tem todas as qualidades adequadas à sua natureza ou função; Aquele que é honrado, que possui excelência de caráter, que é virtuoso.	Não há.
Cunha (2019)	Adjetivo	-	benévolo, bondoso, benigno.	Não há.
Michaelis (2021)	Adjetivo	-	Bondoso, justo, caridoso; Competente, hábil, capaz.	“Ronaldo é bom de bola” “Ele é um homem bom ”.
GRAMÁTICAS DESCRITIVAS - CRITÉRIOS				
	Morfológico	Sintático	Semântico	Exemplos
Castilho (2010)	Adjetivo masculino	Predicativo e Adjunto Adnominal	qualificador	não há.
Castilho (2014)	MD	-	Iniciador	não há.
Perini (2010)	Adjetivo	Predicativo e Adjunto Adnominal Predicativo	qualificador	não há.
Neves (2011)	Adjetivo			

Fonte: A autora (2023)

Revisitando as gramáticas descritivas acima, somente Castilho (2014)

reconhece *bem* e *bom* como MDs, isto é, os demais autores não fazem esse registro. Para o autor, “há muitas formas de apresentação dos marcadores: pelas classes gramaticais; pelo lugar que ocupam no enunciado ou pela função que desempenham” (CASTILHO, 2014, p. 229). Para ele, os MDs dividem-se em: marcadores pragmáticos ou interpessoais (= orientados para o interlocutor) e marcadores textuais ou ideacionais responsáveis pela articulação textual (= orientados para a organização textual). Schifrin (2003) já afirmava que os MDs podem ser definidos de diferentes formas e rótulos a depender da perspectiva teórico-metodológica assumida.

De maneira geral, Castilho (1989, p. 229) define que “os MDs exercem uma função comum e ampla: a função textual, ou seja, todos eles organizam o texto”. Neste sentido, *bem* e *bom* situam-se nessa categoria por serem marcadores textuais iniciadores e sua função está diretamente ligada à coesão textual.

No item destinada à fundamentação teórica dos MDs retomaremos a discussão sobre alguns conceitos acerca desse assunto. Na seção seguinte apresentamos breve levantamento dos estudos brasileiros e estrangeiros, que já investigaram os itens *bem* e *bom*.

2.3 ESTUDOS PRÉVIOS DE *BEM* E *BOM*

Empreendemos, neste capítulo, breve levantamento dos estudos anteriores de *bem* e *bom* no Português Brasileiro e no Europeu e nas línguas espanhola, francesa e inglesa, sem qualquer pretensão de estabelecer comparação entre essas línguas. Portanto, o foco desta subseção é apresentar os principais resultados das pesquisas e identificar tendências comuns com aqueles estudos que também investigaram em suas análises esses itens como MDs. As investigações sumarizadas a seguir apresentam diferentes bases teórico-metodológicas e são apresentadas por ordem cronológica e expõem as seguintes informações sempre que possível: autor(es), tema, problema, objetivos, hipóteses, metodologia e principais resultados.

2.3.1 Estudos Anteriores no Português Brasileiro e Europeu

Os estudos em amostras orais do PB sobre os itens *bem* e *bom*, de que temos notícia, foram desenvolvidos por Urbano e Comitre (1996)¹⁵, Risso (1999), Martins (2003), Barbosa (2019), Martelotta (2004, 2009)¹⁶ e Görski (2020). No Português Europeu (PE), Oliveira e Silva (2020) fizeram uma análise contrastiva dos MDs *bom* e *bem* em relação a *well* em inglês.

Na concepção de Oliveira e Silva (2020),

há marcadores que estabelecem preferencialmente nexos entre dois segmentos discursivos, que podem ocorrer tanto no texto escrito como no discurso oral, contribuindo para a sua coesão e coerência (porque, mas, todavia, por conseguinte, isto é...), confundindo-se alguns deles com conjunções. Mas há também marcadores que ocorrem ao nível da gestão estrutural e interacional, sendo usados sobretudo no discurso oral como *bem*, *bom*, pronto, ora bem e vá (OLIVEIRA e SILVA, 2020, p. 2008, grifos nossos).

Para os autores, os MDs *bem* e *bom* são reconhecidos por Schiffrin (1987), Marcuschi (1989), Urbano (2003), Risso (1999) e Rodrigues (1998) como marcadores conversacionais e por Cuenca (2013) como conectores pragmáticos. Marcuschi (1989) define esses elementos como Marcadores Conversacionais e considera que os MCs

[...] tanto em suas propriedades interacionais (na condução dos atos ilocutórios e das relações interpessoais) bem como em suas propriedades intratextuais (na estruturação da cadeia linguística) atuam simultaneamente como organizadores da interação, articuladores do texto e indicadores de força ilocutória, sendo pois, multifuncionais (MARCUSCHI, 1989, p. 282).

Partindo dessa premissa, o autor afirma que “elementos de todas as classes

15 Urbano e Comitre (1996) pesquisaram os MDs *bem* e *bom* em gravações de língua falada, pertencentes ao acervo do Projeto NURC de São Paulo. A pesquisa objetivou analisar a frequência e as funções desses dois MDs por tipos de inquiridos e por faixa de sexo dos falantes. Por se tratar de uma pesquisa fruto de iniciação científica, infelizmente não localizamos o trabalho na íntegra para consulta.

16 A etapa de coleta de dados utilizou a metodologia de experiência pessoal, de narrativa recontada, de relato de descrição, de relato de opinião e de relato de procedimento. Os estudos de narrativas de experiência pessoal têm demonstrado que, ao relatá-las, o informante está tão envolvido emocionalmente com o que relata que presta o mínimo de atenção ao como fala. (TARALLO, 1999). Como as pesquisas de Martelotta (2004, 2009) tratavam apenas da ordenação dos advérbios *bem* e *mal* no português escrito, optamos por não revisitar os resultados deste estudo.

gramaticais e formas sintáticas podem em princípio funcionar como MCs” (MARCUSCHI, 1989, p. 290), o que indica que o marcador deve ser identificado não por sua classe gramatical, mas sim pela função que ele desempenha no discurso.

Neste sentido, o interesse de Martelotta (2004, 2009), Urbano e Comitre (1996), Risso (1999, 2006), Martins (2003), Barbosa (2019), Görski (2020) e Oliveira e Silva (2020) recaem sobre os itens *bem* e *bom* sob o ponto de vista da categoria dos MDs e sua multifuncionalidade no discurso.

Como não foi possível localizar o trabalho de Urbano e Comitre (1996), iniciamos nossos estudos pela pesquisa desenvolvida por Risso (1999). A autora analisou os MDs de abertura *bom*, *bem*, *olha*, *ah* no português culto falado em uma amostra oral extraída do *corpus* do Projeto NURC Brasil. No início dos anos 2000, Risso (2006) ampliou seu estudo considerando uma parcela do amplo grupo dos marcadores basicamente sequenciadores: *agora*, *então*, *bom*, *bem*, *olha* e *ah*.

Os dados desta pesquisa foram extraídos de 15 minutos de gravação de elocuições formais (EF), diálogos entre informante e documentador (DID) e diálogos entre dois informantes (D2), do Projeto NURC Brasil¹⁷, perfazendo um total de 225 minutos. (RISSO, 1999, p. 263).

Risso (1999) identificou que os MDs *bem* e *bom*, assim como *olha*, *ah*, *agora*, *é o seguinte*, *quanto a*, *para começar*, *primeira coisa*, *primeiro ponto*, e *tem mais ...* são utilizados para encerrar em si uma espécie de ato preparatório de uma declaração subsequente.

Entretanto, neste estudo, a atenção de Risso (1999) recaiu somente sobre os MDs *bom*, *bem*, *olha* e *ah* por apresentarem em comum a propriedade reiterante de iniciadores de turnos de resposta, em estruturas de pares conversacionais adjacentes, na amostra oral analisada e, portanto, por serem veículos de uma sequencialização dependente do contrato de interlocução que propiciam. (RISSO, 1999, p. 260).

Em sua pesquisa, Risso (1999) percebeu que *bom* e *bem* são estruturas de forte acento interpessoal, nos quais se confrontam as opiniões e acordos dos

17 O Projeto NURC Brasil objetiva pesquisar a norma de referência do português culto falado no país. No início da década de 1970, a equipe coletou 400 horas de gravação, com informantes cultos procedentes de Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Mais detalhes a respeito da origem e da constituição do NURC podem ser verificados em [<https://nurc.fflch.usp.br/o-nurc-brasil-origens>].

interlocutores sobre um fato em consideração.

Vejamos a ocorrência do *corpus* extraída por Risso (1999):

(6) L1: nós tamos até fazendo uma estrada agora próximo às grutas de Ituaçu.... lá pro lado de Contendas ().... é um fim de mundo ali (vozes).
L2: não não é o fim... *bom*... fim de mundo atualmente é (vozes) porque você não tem onde ficar em Ituaçu que é uma cidadezinha lá que inclusive me ofereceu hospedagem.... mas me disseram que é uma miséria que não tem nada que preste lugar muito ruim - D2-Sa-98¹⁸ (RISSO, 1999, p. 285).

Ao analisar essa ocorrência (6) é possível perceber que em L2 há uma reação imediata de desacordo (não não é o fim) com a afirmação final de L1 (é um fim de mundo ali). Entre as duas frases o MD *bom* se apresenta sinalizando o cancelamento do desacordo, ou seja, revelando a reconsideração da discordância e, conseqüentemente, consentimento resistente ao ponto de vista do interlocutor.

A autora afirma que sintaticamente os itens *bom*, *bem*, *olha*, *ah* ocupam posição inicial ou intermediária. É, portanto, invariavelmente inicial a posição que ocupam relativamente às unidades frásicas que dão corpo às operações a que acabamos de nos referir.

Esta constatação permite, pois, assegurar o teor de abertura atribuído aos MDs, mesmo quando ocorrentes em posição intratópica ou intraturno, casos em que a abertura será compreendida relativamente a aspectos novos de uma informação já parcialmente desencadeada (RISSO, 1999, p. 142).

Vejamos as ocorrências a seguir:

(7) **Bem**, então vamos tentar reconstruir a maneira de vida desse povo para depois poder entender como surgiu a arte....e... porque surgiu um determinado estilo de arte....
(8) **Bom**... outra coisa que nós vamos ver... nos slides na na aula que vem.... é a...extrema precisão do desenho... eles conseguem chegar a uma fidelidade linear... da natureza... a extrema exatidão do desenho... ou precisão.... (RISSO, 1999, p. 287, grifos nossos).

Nas ocorrências (7) e (8), podemos perceber a posição inicial tanto de *bem* quanto de *bom* e a função de MDs responsáveis pelo planejamento prévio e de uma maior centralização na estrutura ideacional do discurso.

18 Essa é a forma de identificação do informante do estudo de Risso (1999), entretanto a autora não descreve o significado.

Risso (1999) observou que as ocorrências são fruto de elocuições formais, nas quais é possível perceber que tanto *bem*, quanto *bom*, desempenham a função de planejamento prévio e revelaram a “consciência dos falantes de que a tessitura da informação não se dá de forma aleatória, mas obedece a uma estruturação em tópicos que se ordenam e se interrelacionam hierarquicamente” (RISSO, 1999, p. 287). Para a autora, a organização do raciocínio dos interlocutores das elocuições formais costuma fazer parte dos procedimentos didáticos das aulas e demonstra a preocupação do falante com a clareza da exposição do assunto.

Outro estudo anterior de grande relevância para este trabalho é a pesquisa de Martins (2003), que investigou o “*Bom e Bem e suas Multifunções na fala da Região Sul do Brasil*”. Martins (2003) centrou sua análise na multifuncionalidade dos MDs *bem* e *bom* a partir de dados da amostra orais extraídas de 288 entrevistas do Varsul. Os resultados da análise apontaram que, além de sua atuação de origem como adjetivo (*bom*) e advérbio (*bem*), os dois itens assumem outras categorias no contexto discursivo e partilham do domínio funcional de chamada de atenção do interlocutor para a informação. Esse domínio mais amplo recobre os níveis textual e interpessoal de atuação dos itens, que estão superpostos, isto é, ora fazem o papel de organizar o texto (macrofunção articuladora textual), ora marcam a interação entre os interlocutores (macrofunção articuladora interacional). Essas duas macrofunções recobrem funções (avaliativa, questionadora, atenuadora, planejamento verbal, prefaciadora, retórica, especificadora, diretiva, enumerativa, sequenciadora, finalizadora e retomadora) compartilhadas a partir de variados contextos em que os MDs estão inseridos.

Assim como Martins (2003), Risso (2006), em seu estudo intitulado *Marcadores Discursivos basicamente sequenciadores*, afirma que

o acompanhamento do fluxo discursivo em textos de língua falada revela a presença de um conjunto de palavras ou locuções envolvidas no amarramento textual das porções de informação progressivamente liberadas ao longo do evento comunicativo e, simultaneamente, no encaminhamento de perspectivas assumidas em relação ao assunto, no ato interacional (RISSO, 2006, p. 427).

A autora explica que os exemplos mais frequentes de unidades articuladoras

são formas como: agora, então, aí, mas, *bem*, *bom*, enfim, assim, entre outras. Para Risso (2006), esses itens podem aparecer de duas formas: a) duplicando-se em ocorrências conjuntas como: agora então, aí depois, então aí ou; b) acumulando-se com marcadores lexicais que explicitam os movimentos de encaminhamento, fecho e retomada dos tópicos discursivos como em: *bem*, voltando ao assunto; então, para terminar; então, resumindo; entre outros exemplos.

Görski (2020, p.131) revisitou a pesquisa iniciada por Martins (2003) acerca das “funções desempenhadas por *bem* e *bom*, considerando tanto o estatuto gramatical prototípico de advérbio e adjetivo, respectivamente, quanto os usos discursivos como MDs e outros possíveis usos”. Os dados foram extraídos de 72 entrevistas sociolinguísticas de 3 capitais da Região Sul do Brasil (24 por capital - Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre) integrantes do *corpus* do Varsul.

Nesta pesquisa a autora constituiu nova amostra a fim de ampliar o escopo da atuação do fenômeno para entender os padrões contextuais de comportamento e analisar as mudanças que envolvem os usos dos itens *bem* e *bom*. Os resultados da análise indicaram que o uso prototípico como advérbio (85%) e adjetivo (66%) ultrapassa grandemente os demais usos de cada item. Além disso, *bem* adverbial supera em quase 20% o uso de *bom* adjetival. Tal comportamento pode ser explicado em termos de escopo e de características morfossintáticas dos dois itens: *bem* como advérbio prototípico tem escopo sobre um verbo (‘canta *bem*’), um adjetivo (‘*bem* bonito’) ou outro advérbio (‘muito *bem*’); *bom* como adjetivo prototípico tem escopo apenas sobre um substantivo (nome ou pronome), funcionando sintaticamente como adjunto adnominal (‘lugar *bom*’) ou como predicativo (‘ele é *bom*’). Além disso, *bem* é invariável e *bom* é flexionado em número e gênero (*bons*, *boas*) em contextos de concordância nominal, e somente as ocorrências de *bom* foram consideradas no estudo de Görski (2020).

Por fim, Barbosa (2019) em sua pesquisa intitulada *Os Marcadores Discursivos Focalizadores com ‘só’ e ‘bem’: uma proposta de rede construcional* com dados da amostra escrita foram extraídos de *blogs* de diferentes temáticas, apresentando uma modalidade mais informal da língua. Os *blogs* analisados representam os anos de 2008, 2011, 2014 e 2017.

Nesta pesquisa Barbosa (2019) propõe o entrecruzamento das construções

formadas pelos MDs focalizadores constituídos por verbos de percepção cognitiva no modo imperativo em P2 (segunda pessoa), seguidos pelos advérbios focalizadores *só* ou *bem*, como por exemplo: *olha só*, *veja só*, *olha bem* e *veja bem*. Sintaticamente, Barbosa (2019) constatou que *bem* ocupa a posição inicial e intermediária em todas as ocorrências de sua amostra.

Para o autor esses MDs têm como objetivo básico a chamada de atenção por parte do interlocutor por parte do locutor a seu (s) interlocutor(es). O autor presumiu que haveria maior ocorrência de combinações do advérbio *bem* com o verbo *veja*, considerados nesta pesquisa como MDs focalizadores. Entretanto, o autor não descarta a possibilidade de ocorrerem outras combinações do advérbio *bem* com outros verbos de percepção cognitiva (modo imperativo na 2ª pessoa do discurso) tais como: *olha bem* e *repare bem*.

Na apresentação dos resultados de sua pesquisa, Barbosa (2019, p. 156) esclareceu que acompanhado de o verbo, o advérbio *bem* apresentou escopo avaliativo, avaliativo-argumentativo e/ou apreciativo a uma informação do discurso. Em outras palavras, “*veja bem*, *olha bem* e *repare bem*” possuem a função de chamada de atenção a um pedido de análise, do locutor ao interlocutor, com foco na avaliação, argumentação ou apreciação. Vejamos a seguir um exemplo da amostra escrita:

(9) “Sempre fui apaixonada pelo mar, minha mãe conta que era uma criança calma. Fui aquela criança que deu trabalho zero, sabe quantas vezes acordei de madrugada? NENHUMA. Sai da maternidade e já dormia a noite toda. Minha mãe acha que nasci com ‘alma’ velha, e veja bem, eu também acho rrsrsrs!” (*corpus* escrito blogs - sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017 - BARBOSA, 2019, p. 171).

No exemplo da amostra escrita do *corpus* da pesquisa (9), a locutora relata que sua mãe dizia que ela era uma criança calma. Desta forma, para chamar a atenção do interlocutor sobre seu próprio posicionamento, a locutora usa o MD *veja bem* que com “o foco avaliativo gerado por *bem* faz como que o interlocutor reflita acerca dos pontos apresentados por ela anteriormente. E, por esse posicionamento, o interlocutor é levado a chegar à mesma conclusão que a locutora”.

Esses estudos focaram na análise de *bem* e/ou *bom* no PB, enquanto a pesquisa de Oliveira e Silva (2020), objetiva investigar as funções semântico-

discursivas dos MDs *bem* e *bom* no PE em comparação com o MD *well* no inglês.

Para esta pesquisa os dados foram extraídos de 4 (quatro) *corpora*, sendo 3 (três) para o Português Europeu: Projeto Fala Bracarense, C-ORAL-ROM e REDIP; e 1 (um) para o inglês - British National *Corpus* (BYU-BNC).

- a) **O Projeto C-ORAL-ROM - Integrated Reference Corpora for Spoken Romance Languages** disponibiliza um *corpus* multilingue de dados de fala espontânea de 4 (quatro) línguas românicas (Espanhol, Português, Francês e Italiano).

De acordo com Oliveira e Silva (2020, p. 210), o *corpus* C-ORAL-ROM possui um conjunto de 300 mil palavras de cada língua de falantes de diversos perfis. Os trechos foram coletados das transcrições de entrevistas, conversas telefônicas, interação face-a-face, noticiários, conversas públicas e debates políticos, o que possibilita a ocorrência da fala tanto em registro formal quanto informal;

- b) **O *corpus* do projeto Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense** é composto por 80 entrevistas e segue as mesmas diretrizes da transcrição do *corpus* C-ORAL-ROM e as ocorrências variam entre os registros formal e informal, no âmbito público e privado.
- c) **O *corpus* do REDIP - Rede de Difusão Internacional do Português: rádio, televisão e imprensa** possui um compilado de 330 mil palavras de textos escritos e de programas de mídia portugueses (em diz-se mídia), com uma subparte oral integrante do ILTEC (Imprensa da Universidade de Coimbra), um de seus parceiros na composição deste *corpus*;
- d) **No *corpus* do inglês *British National Corpus (BYU-BNC)*** foi considerada apenas a parte oral, constituída por cerca de 6 milhões de palavras, ortograficamente transcritas, e que corresponde, na sua maioria produções de inglês conversacional, de gêneros em diferentes situações de fala, como: escola/universidade, empresas, setor público, momentos de lar e em família.

Para os autores são escassos os estudos comparativos sistemáticos destes dois marcadores em português europeu assim como não existem estudos que comparem o seu funcionamento com o marcador discursivo *well* em inglês.

A partir da análise de amostras de diferentes gêneros discursivos extraídas de *corpora* nas duas línguas, sobretudo orais e de natureza interacional, procuramos determinar, por um lado quais são as condições de uso dos dois marcadores em português, especificando as suas funções semântico-

discursivas e, por outro, relacionamos essas funções com as do marcador discursivo *well*, que, sendo na base um advérbio e, portanto, similar a *bem*, pode ser usado com funções tipicamente desempenhadas por *bem* ou *bom* (OLIVEIRA; SILVA, 2020, p. 207);

Para os autores os resultados da análise contribuem não só para uma melhor compreensão do contraste entre esses MDs, mas também para a problematização de questões que se colocam ao nível da tradução destes marcadores nas duas línguas.

Na Tabela 1, a seguir, reunimos os resultados gerais das pesquisas linguísticas desenvolvidas até o momento, no PB e no PE.

Tabela 1 - Resultados gerais dos estudos sobre MDs, por autor

AUTOR (A)	TOTAL DE DADOS COLETADOS	
	BOM	BEM
Risso (1999, 2006 ¹⁹)	24 ocorrências	11 ocorrências
Barbosa (2019)	- 20	16 ocorrências de <i>veja bem</i> ; 2 ocorrências de <i>repare bem</i> ; e 1 ocorrência de <i>olha bem</i> .
Martins (2003)	754 ocorrências (86%)	118 ocorrências (14%)
Görski (2020)	832 ocorrências (39%): 156 - Florianópolis; 381 - Curitiba; e 295 - Porto Alegre	1322 ocorrências (61%): 493 - Florianópolis; 422 - Curitiba; e 407 - Porto Alegre
Oliveira e Silva (2020)	-	..21

Fonte: A autora (2023)

Conforme podemos observar pelas informações do Tabela 1, ainda são poucas as pesquisas sobre os itens *bem* e *bom* e os estudos demonstram que os itens veiculam sentidos discursivos e atuam em variadas categorias para além daquelas previstas nas gramáticas normativas e descritivas e nos dicionários de língua portuguesa.

Antes de apresentarmos algumas ocorrências dos contextos observados na análise de cada estudo, reunimos, no Quadro 5, uma síntese dos principais fatores

19 Nesta pesquisa Risso (2006) faz uma análise qualitativa do funcionamento de *bem* e *bom*, portanto, não apresentou resultados quantitativos da amostra.

20 Barbosa (2019) em sua pesquisa analisou só e *bem* no PB.

21 Como é uma abordagem qualitativa não há dados quantitativos oriundos desta pesquisa.

linguísticos e extralinguísticos considerados por Risso (1999), Barbosa (1999), Martins (2003), Oliveira e Silva (2020) e Görski (2020)²².

Quadro 5 - Grupo de fatores analisados nas pesquisas do PB e do PE

AUTOR(A):	Risso (1999)
FATORES CONTROLADOS	
FATORES LINGÜÍSTICOS	<p>Função: textual-interativa, de abertura de unidades textuais e sequenciadora.</p> <p>Posição (ões): inicial e intermediária. Entretanto, <i>bem</i> e <i>bom</i> são encontrados com mais predominância na posição inicial.</p> <p>Exemplos: Informante: Bom ... o pior horário ... de saída ... da cidade de manhã ...(D2-SA-098) Informante: bem... o de laboratório é mais válido João...(EF-Rec.-337) Obs: Ocorrências extraídas do <i>corpus</i> da pesquisa de Risso (1999, p. 261).</p>
FATORES SOCIAIS	<p>Faixa etária: 25 a 35 anos; 36 a 55 anos; 56 anos ou mais;</p> <p>Localidade: 5 capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Porto Alegre);</p> <p>Escolaridade: nível superior;</p> <p>Naturalidade: nascidos na cidade do estudo ou residentes desde os cinco anos, filhos de falantes nativos da língua portuguesa, de preferência nascidos na cidade sob pesquisa (SILVA, 1996, p. 85).</p>
AUTOR(A):	Martins (2003)
FATORES LINGÜÍSTICOS	<p>Funções:</p> <p>Interacional: - prefaciadora; chamada de atenção; avaliativa; questionadora; atenuadora; planejamento verbal;</p> <p>Textual: especificadora; enumerativa; sequenciadora; finalizadora; retomadora e; uso retórico e diretivo.</p> <p>Macrofunções: articuladora interacional e articuladora textual;</p> <p>Posições: abertura de turnos de respostas; intraturno; abertura de turnos sem pergunta; abertura de fala citada.</p> <p>Sequências Discursivas: argumentação; narração; descrição; citação; factual.</p> <p>Coocorrência: <i>Bom</i> ou <i>Bem</i> + conector; <i>Bom</i> ou <i>Bem</i> + MDs; <i>Bom</i> ou <i>Bem</i> + elementos reforçadores; (ERs); <i>Bom</i> ou <i>Bem</i> + MDs + ERs; sem coocorrência;</p> <p>Exemplos de ocorrência na posição de abertura de fala citada: Falante: (58) (...) *Então veio o secretário, leu a ata, [a]- o relatório de lá, trabalho, né? depois eu fui falando assim com eles, daí ele veio: "Bom, a senhora não lembra de mim?" daí ele assim: *Pois eu, fa0z (...) (IR, 07) Falante: *Bem, [o]- o bairro aqui antigamente eu me recordo, no tempo que eu era criança, aqui, as ruas aqui eram tudo ruas assim de terra, terra batida, barro e aquele tempo chovia muito aquele tempo, então qualquer chuva (...) (CTB, 21)</p>

22 Como Martelotta (2004, 2009) analisou o *bem* e *mal* no português escrito, optamos por não apresentar os principais os resultados destas pesquisas por não considerá-las relevantes para o nosso estudo.

FATORES SOCIAIS	<p>Faixa etária: 25 a 49 anos / 50 anos ou +;</p> <p>Sexo: masculino e feminino;</p> <p>Localidade: 24 cidades (Curitiba, Londrina, Irati e Pato Branco (PR); Chapecó, Blumenau, Florianópolis e Lages (SC); Flores da Cunha, Panambi, São Borja e Porto Alegre (RS);</p> <p>Informantes: 288 informantes, sendo 24 informantes em cada cidade.</p>
AUTOR(A):	Barbosa (2019)
FATORES LINGÜÍSTICOS	<p>Forma: [verbo no modo imperativo em P2 + bem] em que se encaixam apenas os verbos de percepção cognitiva, tais como: “olhar”, “ver” e “reparar”.</p> <p>Para o autor bem possui escopo avaliativo nos marcadores “veja bem”, “olha bem” e “repare bem”.</p> <p>Função (ões): focalizadora e chamada de atenção a um pedido de análise, do locutor ao interlocutor, com foco avaliativo a uma informação do discurso;</p> <p>Posição: somente intermediária, pois nesta pesquisa bem esteve acompanhado de um dos verbos do modo imperativo;</p> <p>Exemplos:</p> <p>Veja bem, não é pensar “ai acho que hoje quero comprar um lápis azul só para experimentar, acho que vou ao shopping procurar”.</p> <p>Olha só... Reparem bem²³ no detalhe dos olhos, com uma sombra laranja e delineador preto. (<i>corpus</i> escrito blogs – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).</p>
FATORES SOCIAIS	24
AUTOR(A):	Görski (2020)
FATORES LINGÜÍSTICOS	<p>Neste estudo Görski (2020) retomou parte do <i>corpus</i> investigado por Martins (2003). Nesta nova pesquisa a autora apresenta uma descrição sincrônica da multifuncionalidade dos itens <i>bem</i> e <i>bom</i>, com ênfase em seu uso como MDs em dados gerados a partir de entrevistas sociolinguísticas, com foco no contexto dialógico.</p> <p>Funções: Preâmbulo; Redirecionamento; Chamada de atenção; Sequenciação; Especificação; Justificativa / avaliação; Retomada; Discurso direto.</p> <p>Posição: abertura de turnos de respostas e; intraturno;</p> <p>Segundo Görski (2020, p. 147, grifos nossos) nota-se que, enquanto bom predomina em abertura de turno, bem prepondera em posição intraturno, notadamente em retomada e sequenciação.</p>
FATORES SOCIAIS	<p>Faixa etária: 25 a 49 anos / 50 anos ou +;</p> <p>Localidade: 3 capitais da Região Sul (Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre;</p> <p>Sexo: masculino e feminino;</p> <p>Informantes: todos que apresentaram dados.</p>
AUTOR(A):	Oliveira e Silva (2020)
FATORES LINGÜÍSTICOS	<p>Os autores classificam os itens <i>bem</i> e <i>bom</i> como MDs considerando a ocorrência em nível estrutural e modal²⁵.</p> <p>Verificamos que esses itens possuem diversas funções, cuja interpretação está organizada em função destes dois níveis.</p> <p>Bem:</p>

23 Microconstrução de “repare *bem*”.

24 Nesta pesquisa o pesquisador não considerou os fatores sociais, focando a análise apenas nos aspectos textuais da amostra.

25 O nível estrutural está associado à organização do texto, enquanto o nível modal corresponde ao nível subjetivo e interacional geralmente comuns nas comunicações orais.

	<p>níveis: estrutural e modal; funções considerando os 2 níveis: nível estrutural: início de interação e de intervenção ou turno, pré-fecho da interação, mudança de tópico e pausa. nível modal: mitigação, discordância (parcial), reformulação, pedido de esclarecimento ou de especificação.</p> <p>Bom: níveis: estrutural e modal; funções considerando os 2 níveis: nível estrutural: início de intervenção e pausa; nível modal: reformulação e discordância (parcial). Oliveira e Silva (2020, p. 220) concluíram que <i>bom</i> apresenta menor flexibilidade posicional do que <i>bem</i>, ocorrendo essencialmente em posição discursiva no interior de uma intervenção.</p>
<p>FATORES SOCIAIS</p>	<p>- O corpus C-ORAL-ROM - <i>Integrated Reference Corpora for Spoken Romance Languages</i>: foram selecionados falantes de diferentes perfis e nacionalidades.</p> <p>- O corpus do projeto Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense é constituído por 80 entrevistas com a duração de 60 minutos. As entrevistas estão estratificadas de acordo com as seguintes variáveis: Sexo: homens e mulheres; Faixa etária: 4 faixas etárias, sendo: 25 anos; 26-59 anos; 60-75 anos; Acima de 75 anos. Escolaridade: Sem diploma (0-3 anos de escolaridade); 4 a 9 anos de escolaridade; 10-12 anos e; Licenciados.</p> <p>- O corpus do REDIP - Rede de Difusão Internacional do Português: rádio, televisão e imprensa: O corpus oral ou <i>Corp-Oral</i> (ILTEC - 2005 a 2008) contém 56 gravações (50 horas) de conversas entre falantes com os seguintes perfis: Localidade: nascidos e criados na área metropolitana de Lisboa; Idades: entre os 12 e os 74 anos, mas a maioria dos falantes possuem de 20 a 30 anos. Escolaridade: diversas profissões e graus de habilitações académicas; Informantes: falantes que possuíam relações pessoais entre si, como por exemplo: casais, pais/filhos e irmãos; e até relações mais distantes (desconhecidos) passando por várias relações formais e semi formais (professores/alunos, colegas de trabalho).</p> <p>- No corpus oral do inglês <i>British National Corpus (BYU-BNC)</i> é constituído por cerca de 6 milhões de palavras originadas de muitas horas de inglês conversacional sobre diferentes assuntos e abrangendo os mais diversos perfis de falantes. Os textos foram produzidos por falantes nativos, de idades, gêneros, grupos sociais e regiões variadas, sendo considerado um original corpus da variedade do inglês do Reino Unido.</p>

Fonte: A autora (2023)

Fazendo um panorama dos resultados dos estudos anteriores percebemos que o funcionamento de um “dado marcador discursivo varia não só de uma língua a outra bem como também entre diferentes situações comunicativas dentro de uma mesma língua” (GÖRSKI, 2020, p. 147), uma vez que os itens podem assumir funções especializadas em certos tipos de discurso, que podem estar relacionadas com papéis específicos na interação.

A seguir, extraímos de Risso (1999, p. 44) os excertos (10) e (11) em que, neste caso, o item *bom* e *bem* ocorrem:

(10) [...] O poste da frente da minha casa, que é um dos postes mestre [da] da luz, quebrou em três pedaços Ele torceu assim mas foi tudo, não ficou uma árvore aqui em pé, nada, foi assim uma destruição aqui. E foi pra lá [e Beraqui] e aí teve lugares mais piores ainda, piores, piores. Aqui pra cima. **Bom...** [aqui] aqui veio [na] [na] no colégio aqui [dá] dá o que, acho que dá dois quilômetros daqui, fica pra cima daquele prédio lá, uma distância que dê daqui...(PB 11 L. 0470)

(11) Inf²⁶. - **bem...** o de laboratório é mais válido João... sempre 225 que você pode fazer porque normalmente é difícil você 226 fazer o experimento de laboratório... é mais válido...(RISSO, 1999, p. 276, grifo da autora).

Na ocorrência (10) o item *bom* encontra-se em um contexto de planejamento verbal, no qual o informante faz uso de uma breve pausa objetivando a organização do texto, antes de dar continuidade no turno.

Martins (2003) citou o trabalho de Risso (1999) e acrescentou a atuação de *bem* e *bom* como elementos que auxiliam o falante a ganhar tempo para reorganizar sua resposta.

Já na ocorrência (11) percebemos que *bem* aparece logo na abertura do segmento-prólogo, ao mesmo tempo em que sinaliza a atitude responsiva da professora perante ao aluno, antecipa um certo tom de reparo ou restrição confirmado pelo enunciado que precede a resposta propriamente dita.

Vejam outras ocorrências do emprego de *bem* e *bom* nas entrevistas revisitadas por Görski (2020, p. 144) no trecho abaixo:

(12) E: [...] Aqui o Bom Pastor, que é uma igreja que tem aqui que é da mesma paróquia que a minha ali perto, né? [...] não são sei se você frequenta muito lá...

F: **Bem**, eu vou aos domingos algumas reuniões, mas não é sempre. (CTB Inf. 01) – *Resposta imediata*.

(13) F: [...] Chegou cá e disse: "Senhores não viram meu vaca Chérie"? E ficou Bacacheri.

E: Por causa da vaca dele.

F: Da vaca que sumiu, que fugiu. *Bom*, de certo saiu namorar, né? porque ali era tudo fazenda de certo saiu namorar, e ele saía de atrás.

26 Essa expressão refere-se ao informante.

Bom, lá é é sobre lá. (CTB Inf. 24) – *Fechamento*.

(14) E: E você falou que você é espírita. E é uma coisa que eu tenho curiosidade, eu acho que você pode me esclarecer alguma coisa no que diz respeito à reencarnação. Você pode me falar alguma coisa sobre isso?

F: Posso. Posso falar bastante coisa. **Bom**, eh os católicos diziam que Lázaro ressuscitou, né? Na verdade, ele morreu e levantou no mesmo corpo, né? Eu já não acredito. Eu já acredito num mundo paralelo a este, um mundo espírita. (CTB Inf. 09) – *Especificação*.

Segundo Görski (2020), nas ocorrências descritas, os itens *bem* e *bom* assumem funções diferentes, como por exemplo, resposta imediata (12), fechamento (13) e especificação (14). No âmbito sintático, a autora percebeu que, nos contextos de uso dos MDs, as partículas aparecem em abertura de turno (62%) e em posição intraturno (38%).

Em (12), é perceptível que o falante, ao fazer o uso de *bem*, introduz de imediato o que o entrevistador o havia solicitado e, portanto, a resposta é pertinente ao teor da pergunta, conforme o esperado pelo entrevistador. A aproximação na resposta mantém a interação no ato interlocutivo processado entre eles.

Na ocorrência (13), *bom* assume uma posição de fechamento de turno/tópico. A informação dada após a palavra *bom* encerra o tópico que vinha sendo abordado “o sumiço da vaca”. Portanto, neste contexto o item *bem* está sendo utilizado em contextos que finalizam ou concluem tópicos e turnos no decorrer do ato discursivo. (GÖRSKI, 2020, p.143). Silva e Macedo (1996) classificam como finalizadores os elementos que dão um fecho ao turno de um falante.

Por fim, na ocorrência (14), o item *bom* enquadra-se na função especificadora. É evidente que o item *bom* assume uma função de especificação. Ao fazer as perguntas, o entrevistador abre portas para que uma resposta de teor mais geral se transforme em respostas com dados mais específicos. Valle (2001) identificou, neste contexto, em que o RADs (*Sabe? – Não Tem? – Entende?*) atuam como ponte entre o elemento que focaliza e sua especificação, sinalizando suas características, detalhando-o, clareando-o, qualificando-o ou reformulando-o (GÖRSKI, 2020, p.143).

Resumindo os resultados de Görski (2020), temos: sintaticamente, o item *bem* assumiu uma posição intraturno com menor frequência na abertura de turno. Em contrapartida, *bom* prevalece em abertura de turno com presença menor em posição

intraturno. Em termos semântico-pragmáticos, *bem* se destaca em contextos de retomada, de sequenciação e de resposta imediata – os dois primeiros intraturno e o último em abertura de turno; *bom*, por sua vez, se concentra encabeçando preâmbulo e resposta imediata – ambos em abertura de turno. (GÖRSKI, 2020).

Em síntese, nosso levantamento identificou que Risso (1999, 2006) e Martins (2003) analisaram exclusivamente os usos discursivos de *bem* e *bom* como MD, ao passo que Görski (2020) mapeou, num primeiro momento, três grupos para cada item: advérbio/adjetivo, MD e outros. Neste último grupo, a autora incluiu expressões cristalizadas, substantivos, locuções conjuntivas subordinativas (se *bem* que, *bem* que, ainda *bem* que, ainda *bem*). Outro diferencial entre as pesquisas pode ser percebido por meio do levantamento da amostra.

Görski (2020) não só levantou todas as ocorrências dos itens na fala dos entrevistados, mas também as ocorrências em que os itens ocorriam na fala do entrevistador. Risso (1999) e Martins (2003) investigaram apenas os usos de *bom* e *bem* na fala dos informantes do NURC e do Varsul, respectivamente.

A seguir faremos breve explanação dos estudos anteriores sobre os itens *bom* e *bem* em outras línguas sob diferentes perspectivas teórico-metodológicas.

2.3.2 Estudos anteriores em outras línguas

Oliveira e Silva (2020) afirmam que os MDs são atualmente estudados em um número considerável de línguas, mesmo se apresentando de acordo com abordagens e/ou perspectivas distintas. Contudo, a maioria dos investigadores considera que os MDs constituem um conjunto vasto de expressões (lexicalizadas ou não) com origem em diferentes estruturas e classes de palavras.

Para fundamentar nossa pesquisa, revisitamos 9 (nove) estudos anteriores voltados à descrição do uso de *bem* e *bom* e correlatos *bien*, *bueno* e *well* em outras línguas, os quais serão brevemente apresentados nesta seção.

Nas línguas românicas, localizamos, até este momento, as pesquisas sobre o espanhol falado de Travis (1998) e Serrano (1999), que analisaram *bueno*, e De Fina

(1997), que investigou *bien*. Também Waltereit e Detges (2007), além de descreverem sincronicamente o uso de *bien* e *bueno* no espanhol, analisaram diacronicamente o uso de *bien* nas línguas espanhola e francesa.

Nas línguas germânicas, Schourup (1985, 2016), Schiffrin (1987), Sakita (2013) e Heritage (2015) analisaram o *well* em dados sincrônicos, enquanto Defour (2007) fez uma análise diacrônica de *well* no inglês.

No Quadro 6, apresentamos dados gerais sobre essas e outras pesquisas e, quando possível, os principais resultados de cada uma.

Quadro 6 - Síntese dos estudos anteriores sobre *bem* e *bom* em outras línguas

AUTOR(ES) E ANO	LÍNGUA	ITENS	CATEGORIA	TIPO DE AMOSTRA	PERÍODO
Waltereit e Detges (2007)	Espanhol e francês	<i>Bien e bueno</i>	MD	Oral e escrita (sincrônica/diacrônica)	Séculos XVIII e XIX
Travis (1998)	Espanhol colombiano	<i>Bueno</i>	MD	Oral (diacrônica)	1997
Serrano (1999)	Espanhol	<i>Bueno</i>	MD	Oral (sincrônica)	..27
De Fina (1997)	Espanhol	<i>Bien</i>	MD	Oral (sincrônica)	1997
Schiffrin ²⁸ (1987, 2003)	Inglês	<i>Well</i>	MD	Oral (sincrônica)	1987
Defour (2007)	Inglês	<i>Well</i>	MD	Escrita (diacrônica)	De 1417 a 1681.
Sakita (2013)	Inglês	<i>Welll</i>	MD	Oral (sincrônica)	2013
Heritage (2015)	Inglês	<i>Well</i>	MD	Oral (sincrônica)	2007
Schourup (1985, 2016)	Inglês	<i>Well</i>	MD	Oral (sincrônica)	1985

Fonte: A autora (2023)

Considerando o levantamento realizado nas pesquisas dos MDs ou partículas nos quais *bien*, *bueno* e *well* (correlatos de *bem* e *bom*) obtivemos a percepção acerca de alguns resultados das pesquisas citadas anteriormente a saber:

As pesquisas de Waltereit e Detges (2007) foram divididas em duas etapas, são elas: 1ª abordagem: os autores analisaram sincronicamente *bien* e *bueno* no

27 No estudo de Serrano (1999), não foi possível identificar o ano de coleta dos dados do estudo.

28 Schiffrin (1987) também estudou os MDs *oh*, *well*, *and*, *but*, *or*, *so*, *because*, *now*, *then* e *I mean*. Neste estudo, a autora analisou uma amostra de dados de entrevistas sociolinguísticas com americanos para verificar o uso e a distribuição das formas no discurso.

espanhol. Para eles, ambos os itens costumam ser tratados em conjunto como mecanismos de negociação da coerência discursiva em situações em que a coerência se mostre em risco: em fechamento de tópico em curso na fala do interlocutor e começo de um novo tópico pelo falante, quando o falante discorda da argumentação do interlocutor; em abertura de turno, em respostas que não convergem diretamente com as expectativas contidas na pergunta. (GÖRSKI, 2020, p. 137).

Vejam, a seguir, um exemplo de negociação de coerência discursiva na amostra de Waltereit e Detges (2007): **Bien**. *Eh... creo que hubo un tema que no quedó demasiado claro y me gustaría... repetirlo antes de la próxima consulta.* (**corpus** oral, 1992).

Neste exemplo é perceptível que o falante não tem clareza do questionamento feito pelo entrevistador. Para os autores, neste exemplo, *bien* não sinaliza aprovação da argumentação do entrevistador, por isso o falante apresenta dúvida acerca do assunto.

Nos exemplos a seguir *bien* e *bueno* se apresentam, mais uma vez, com argumentação contrária ao entrevistador, vejamos:

Bien, no. Te tienes que presentar antes de examinarte para que después te puedas examinar.
Bueno, pues no sé. (**corpus** oral, 1992)

Além disso, *bien* e *bueno* são usados quando o falante discorda do falante anterior, dando assim ao discurso que se desenrola uma reviravolta inesperada (e potencialmente colocando em risco a sua coerência).

Na concepção de Waltereit e Detges (2007) nestes exemplos *bien* e *bueno* se destacam como marcadores de desacordo.

Enquanto na 1ª abordagem os autores fizeram uma pesquisa sincrônica, na 2ª abordagem os autores comparam o marcador *bien* em espanhol com a partícula modal *bien* em francês em termos diacrônicos. Nesta segunda parte da pesquisa, Waltereit e Detges objetivaram apresentar a diferença funcional do uso de *bien* como marcador discursivo e/ou como partícula modal.

Para eles, o *bien* em espanhol pode ser usado apenas como marcador discursivo, enquanto o *bien* em francês pode ser usado apenas como partícula modal,

como é possível notar no exemplo a seguir: *Vous avez bien reçu mon message?*

Como partícula modal, *bien* em francês é, entre outras coisas, empregado em perguntas sim/não, já que indica que o falante espera uma resposta afirmativa em vez de uma negativa. No exemplo acima *bien* é restrito à posição de partícula modal após o verbo finito.

Por fim, ao analisar os estudos de Waltereit e Detges (2007), percebemos que os autores não aprofundaram suas pesquisas acerca dos usos de *bien* como partícula modal, dedicando-se principalmente ao estudo funcional de *bien* e *bueno*.

Travis (1998) em sua pesquisa diacrônica de *bueno* no espanhol colombiano concluiu que o item é usado em contextos de: aceitação, aceitação parcial, de reorientação de tópico e de correção.

O autor identificou em gravações de conversa do espanhol colombiano que o MD *bueno* é usado para marcar aceitação, resposta (mas não aceitação total), reorientação (ou mudança de tópico) correção. Como as três últimas são funções inter-relacionadas e apresentam traços de sobreposição, Travis (1998) acaba propondo duas funções: uma de aceitação total e outra de resposta parcial, que agrega também reorientação e correção, quando o falante aceita, mas acrescenta algo mais em seu discurso. Para exemplificar o uso de *bueno*, optamos por citar exemplos de duas das quatro funções elencadas por Travis (1998), são elas: aceitação e aceitação parcial. Na Tabela 2 há a exposição das funções da amostra oral.

Tabela 2 - Bueno e suas funções na amostra no espanhol colombiano

Functions	acceptance	response	reorientation	correction	TOTAL
Tokens	39 (48%)	14 (17%)	25 (31%)	3 (4%)	81 (100%)
			42 (52%)		

Fonte: Travis (1998, p. 269)

Para o autor, *bueno* pode ser usado para marcar a aceitação de uma oferta, ou uma proposta, ou também o recebimento de informações, indicando que o locutor entendeu e aceitou o que o outro disse. Das 81 ocorrências do item, *bueno* de aceitação representou 48%, ou seja, 39 ocorrências.

Em (15) Santi utiliza o *bueno* para indicar a aceitação do que Ângela lhe disse.

(15) Angela: .. Tiene que seguir así.
Santi: .. Sí?
Angela: Sí.
Santi .. Ah, **bueno**, chao (TRAVIS, 1998, p.14)

Em (16) *bueno* é utilizado para indicar a aceitação de uma oferta.

(16) H1: - ¿Quieres fumar?
H2: - **Bueno**.(TRAVIS, 1998, p.14)

As funções resposta parcial, reorientação e correção representaram 52% da amostra de Travis (1998). A seguir podemos identificar um exemplo de resposta parcial, vejamos:

(17) Milena: .. No es suficiente.
Rosario: Sí... **Bueno**, pero a veces cositas pequeñas no?
Hay proyecticos así =, como =, ... puntuales, .. ¿No? (TRAVIS, 1998, p.14)

Neste exemplo *bueno* indica que Rosario concorda com Milena, mas somente concorda parcialmente. A concordância parcial é similar à aceitação, entretanto, neste caso a falante concorda, mas acrescenta seus comentários que justificam a aceitação parcial sobre o que está sendo dito por Milena.

As funções de reorientação e correção representaram 28% do uso de *bueno* no espanhol colombiano, entretanto não apresentaremos mais exemplos desta amostra por não serem exemplificados com clareza na pesquisa.

Outro autor que estudou o MD *bueno* no espanhol foi Serrano (1999). A autora afirma que *bueno* é um MD de início de turnos na conversação e marcador de contraposição. Os resultados desta pesquisa apontam que o item serve para manter a interação comunicativa e tem seu uso associado ao valor positivo. Por outro lado, *bueno* também poderá significar o valor oposto do sentido positivo apresentado anteriormente.

Serrano (1999) estudou o funcionamento discursivo de *bueno* em uma amostra oral (entrevistas), com informantes estratificados por sexo, idade e escolaridade. Na

análise da distribuição sociolinguística do uso de *bueno*, a autora constatou que, em geral, homens e mulheres usavam o MD de forma semelhante em termos de frequência. Mas percebeu que as mulheres usavam este MD com mais frequência nos inícios de turnos e os homens de baixa escolaridade utilizavam o MD para prefaciar uma resposta desfavorável ou em desacordo com o interlocutor.

Citemos um dos exemplos de Serrano (1999) extraídos das entrevistas oriundas de conversas coloquiais espontâneas dos informantes de Santa Cruz do Tenerife, na Espanha.

(18) A: Es muy grato disfrutar del trabajo, ¿no?

B: **Bueno**, el trabajo es solamente un medio de subsistencia desde un punto de vista físico... nada más. (SERRANO, 1999, p. 18)

Nesta ocorrência extraída do *corpus* da pesquisa de Serrano (1999), *bueno* encontra-se em posição inicial e com a função discursiva de introduzir uma posição contrária à ideia apresentada pelo interlocutor A. No uso de *bueno*, o falante une a aceitação, mas contrapõe o argumento com a sua intenção retórica de introduzir um argumento novo, inclusive divergindo com a opinião do falante A.

É a partir da aceitação do argumento que o falante se permite expressar sua opinião contrária. Por isso, para Humel (2012, p. 54), *bueno* não é simplesmente um MD de contraposição, mas é responsável por unir a aceitação de um argumento com um contra-argumento.

Enquanto isso, De Fina (1997) voltou sua atenção aos estudos de *bien* no espanhol com estudantes no contexto de sala de aula. Em sua análise a autora argumenta que *bien* possui duas funções principais: uma transitória e uma avaliativa.

Para a autora o MD *bien* pode assumir funções especializadas em certos tipos de discurso, ou seja, dependendo do contexto conversacional e da natureza do evento comunicativo. Esta pesquisa foi realizada em ambiente escolar e controlada por um dos interlocutores, neste caso, a professora. Segundo Görski (2020), para fazer um panorama comparativo, a autora relacionou o uso deste MD no discurso da sala de aula com o seu uso na conversação e discutiu as semelhanças e diferenças das variações situacionais.

Na análise desta pesquisa, De Fina (1997)²⁹ constatou que os significados e a frequência de ocorrência do MD *bien* variou em diferentes ocasiões comunicativas. Para a autora, o tipo de relação estabelecida entre os falantes foi crucial para o resultado da pesquisa. Para ela os usos transitórios e avaliativos de *bien* parecem estar relacionados a um alto grau de controle da interação por parte de um dos falantes.

Segundo ela, é provável que o *bien* tenha ocorrido em situações em que os alunos foram responsáveis pela gestão do evento interacional. Por fim, a autora afirma que “a análise de marcadores dentro dos jogos de linguagem pode, portanto, não apenas melhorar nossa compreensão da variação, seus significados e funções, mas também dos fatores que a determinam” (DE FINA, 2017, p. 352).

Na língua inglesa, Defour (2007) fez uma análise diacrônica do MD *well* a partir de uma amostra escrita extraída de um *corpus* composto por 23 coleções de cartas com um total de 450 mil palavras originadas de 1417 a 1681.

Esta pesquisa encontra-se ancorada na perspectiva da gramaticalização³⁰ e, segundo a autora, o significado semântico deste MD é correlacionado ao nível proposicional (uso adverbial de *well*) e o significado pragmático aos níveis textual (marcador que atua na estruturação do discurso, delimitando turnos e tópicos) e interpessoal (MD que sinaliza a expressão de um ponto de vista ou de uma atitude subjetiva do falante direcionada a um destinatário).

Para Görski (2020), Defour (2007),

em seu estudo sobre a multifuncionalidade de *well* no inglês – que a gramaticalização pode explicar tanto a coexistência sincrônica de uma forma com diferentes significados proposicionais e pragmáticos, como o desenvolvimento e diversificação funcional de múltiplos significados a partir de um dado elemento proposicional, especialmente movimentos que, em situações dialógicas, envolvem aumento de subjetivização (base para consideração ativa do turno precedente e desenvolvimento de uma posição pessoal) e de intersubjetivização (atenção à face do interlocutor e criação de uma base comum de compreensão) (GÖRSKI, 2020, p. 136).

29 Os exemplos das ocorrências de *bien* não foram apresentados em virtude do espaço destinado para a explanação desta pesquisa.

30 O termo “Gramaticalização” foi utilizado pela primeira vez em 1912 na publicação de Antoine de Meillet intitulada: *L'évolution des formes grammaticales*.

Os resultados revelaram que a perspectiva histórico-evolutiva exibia semelhanças, bem como diferenças, que podiam ser rastreadas até características do *well* como elemento proposicional.

Os autores que empreenderam pesquisas do MD *well* em uma perspectiva sincrônica foram Schiffrin (1987, 2003), Sakita (2013), Heritage (2015) e Schourup (1985, 2016).

Resumidamente Schiffrin (1987) constatou que *well* é um MD que possui função sequenciadora e agrupa unidades de fala. Para a autora, os MDs sinalizam relações entre as unidades de conversação através de suas propriedades sintáticas e de sentido, se assim a possuírem, e através de sua posição sequencial inicial ou final, demarcando as margens destas unidades.

Por outro lado, Sakita (2013) classificou *well* como MD de resposta, prefaciador de uma resposta negativa ou inesperada, sinalizador de mudança de turno ou um MD de atenuação e de polidez.

Com sua flexibilidade referencial e gramatical, *well* é caracterizado exclusivamente como um MD de meta-postura porque, em vez de indexar uma postura específica, ele negocia e regula as relações de postura. Este MD é analisado em duas categorias contextuais: primeiro, na divergência de postura entre os enunciados e, segundo, nas mudanças de postura embutidas na mudança de tópico.

Heritage (2015) considerou *well* como MD de abertura de turnos em dados de interação conversacional natural do inglês, de gravações telefônicas gravadas. O autor destaca o papel agentivo do falante e a função de *well* em início de turno como “um alerta geral de que, no turno subsequente, a perspectiva ou projeto do falante será privilegiada sobre a dos interlocutores” (HERITAGE, 2015, p. 101).

Tanto Sakita (2013) quanto Heritage (2015) focaram suas pesquisas especificamente no funcionamento de *well* como partículas discursivas, pragmáticas ou MDs.

Por fim, Schourup (1985, 2016) considerou que a partícula *well* pode desempenhar a função principal básica demonstrativa, mas possui outras funções secundárias: antes de perguntas, respostas e exclamações; introduzindo o discurso direto, indicando mudança de tópico, final de sentença, entre outras funções.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Partindo da premissa funcionalista de que a linguagem é uma atividade sociocultural e sua estrutura é motivada por fatores diversos (GIVÓN, 1995), apresentamos, neste capítulo, os principais pressupostos teóricos do Funcionalismo Linguístico Norte-Americano e da Gramaticalização. Na sequência, revisitamos a literatura sobre a definição e a classificação dos MDs.

3.1 FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Apresentamos nesta seção breve contextualização dos pressupostos teóricos do Funcionalismo Linguístico Norte-Americano postulados por Givón (1979, 1995, 2001, 2002, 2018), Traugott (1995, 2003, 2013), Heine (1991, 2003, 2013), Traugott e Heine (1991), Hopper e Traugott (1993, 2003), Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2003, 2006, 2010, 2020) são alguns dos autores que nortearam o rumo da perspectiva funcionalista. Neste sentido, esses autores abordaram o Funcionalismo Linguístico levando em consideração o objetivo da interação, os participantes e o contexto nos quais estes indivíduos encontram-se inseridos.

Em um contexto geral, os primeiros estudos funcionalistas derivaram dos ensinamentos oriundos do Círculo Linguística de Praga em meados de 1928. O Funcionalismo Linguístico é uma das correntes linguísticas que estudam a língua em situações reais de comunicação e de uso. Essa teoria postula que o indivíduo utilizará a língua de acordo com o contexto e as situações nos quais se encontra.

Martinet (1974), fundador da Sociedade Internacional de Linguística Funcional - SILF, foi um dos primeiros linguistas a dedicar seus estudos ao funcionalismo linguístico. Em sua concepção

[...] para compreender como uma língua pode ser definida como duplamente articulada, é preciso convencer-se de que a função fundamental da linguagem humana é de permitir a cada homem comunicar a seus semelhantes sua experiência pessoal (MARTINET, 1974, p. 12, tradução nossa).

Portanto, na abordagem funcionalista de Martinet, o interesse recai na articulação entre a estrutura gramatical e a situação comunicativa. Para embasar os conceitos que serão aqui apresentados cabe fazer um apanhado geral dos conceitos e principais características desta vertente. Este trabalho dará enfoque aos pressupostos da vertente funcionalista presentes nas pesquisas de linguistas norte-americanos.

No Brasil, na década de 1980, surgiram os primeiros estudos funcionalistas desenvolvidos por Castilho que mesmo “sem invocar uma linha específica dentro do funcionalismo trabalha dentro da consideração de uma interface entre a sintaxe, a semântica e a pragmática, visão que está na base de qualquer teoria funcionalista”. (NEVES, 1999, p. 72).

No contexto brasileiro, atualmente registra-se um considerável número de grupos de pesquisa³¹ de abordagem funcionalista. Segundo Neves (1999, p. 75) a multiplicidade de orientações que caracteriza a visão funcionalista da linguagem se reflete no cenário brasileiro, onde múltiplos são os interesses dos que se auto-intitulam funcionalistas. A própria indicação das correntes teóricas eleitas torna-se problemática, já que uma grande parte dos investigadores conciliam as propostas funcionalistas relacionando-a com outras vertentes.

Em entrevista a Görski *et al.* (2020), Votre diz que a influência de novas incursões de funcionalistas clássicos, como Traugott, que se associou a Trousdale, contribuiu para alguns grupos funcionalistas adotarem uma abordagem mais sintaticista, como construcionalismo e manifestações do que entendo como cognitivismo funcional (VOTRE, 2020).

Tendo isso dito, Cunha, Costa e Cezário (2003) afirmam que a abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. Em outras palavras, o funcionalismo linguístico fundamenta-se na concepção da língua enquanto instrumento de interação social, maleável e sujeito às diversas influências advindas das diferentes situações comunicativas e segundo Martelotta e Kenedy (2015) essas

31 Segundo o Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq no Brasil, há 25 grupos de pesquisas destinados aos estudos funcionalistas.

mudanças, podem causar alterações na estrutura gramatical e lexical da língua.

Na visão funcionalista a língua, segundo Cunha, Costa e Cezário (2003), o funcionalismo concebe a linguagem como um instrumento de interação social e segundo porque seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua.

Segundo esta vertente, presume-se que o conhecimento gramatical de um falante se origina principalmente de sua experiência particular com as formas linguísticas em termos de frequência e contextos de uso (TAVARES, 2013).

Diante disso, em relação a linguística baseada no uso, Bybee (2010) reitera que essa teoria “se desenvolveu diretamente e é, em certo sentido, apenas um novo nome para o funcionalismo linguístico norte-americano”, caracterizando uma “extensão das abordagens desenvolvidas na linguística cognitiva e na funcional” (BYBEE, 2010, p. 2).

Essa vertente teórica objetiva a integração entre a linguística funcional e a cognitiva investigando os processos cognitivos dinâmicos e recorrentes que são responsáveis pela criação da gramática, pela mudança linguística e pelo processamento da linguagem (CUNHA, 2013).

Segundo Givón (1995), o funcionalismo adota como ponto de partida as seguintes características:

1. a linguagem como atividade sócio-cultural;
2. a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;
3. a estrutura é não-arbitrária, motivada e icônica;
4. mudança e variação estão sempre presentes;
5. o significado é dependente do contexto e não-atômicos;
6. as categorias não são discretas;
7. a estrutura é maleável, não rígida;
8. as gramáticas são emergentes;
9. as regras de gramática permitem algumas exceções (GIVÓN, 1995, p. 9, tradução nossa).

Givón (1995) afirma que a gramática não é indissociável dos demais fatores inerentes à língua e externos a ela. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), uma concepção mais ampla de contexto, que contempla toda a estrutura linguística, incluindo sintaxe, fonologia, morfologia, semântica, pragmática. Todo esse conjunto deve levar em consideração os fatores extralinguísticos (perfil dos falantes, tempo e espaço de interação) e as unidades discursivas como a sequência tipológica, gênero

discursivo.

Portanto, apesar de haver diversas perspectivas de estudos funcionais, os funcionalistas estudam a língua na interação social, rejeitando a autonomia da língua em face ao discurso.

Diante disso, a concepção de gramática segundo Cezário, Furtado da Cunha (2013), na abordagem funcionalista, está pautada em virtude do discurso e não ao contrário. Para os autores a gramática da língua está sujeita a variações e mudanças pois o falante utilizará a língua considerando o seu objetivo de comunicação. Toda e qualquer mudança no uso da língua será impulsionada pelas pressões sociais por justamente emergir de tal uso. É nessa mesma concepção que Bybee (2003, p. 145) afirma que a “gramática não é um sistema estático, fechado ou autônomo, mas é altamente suscetível a mudanças e altamente afetada pelo uso da linguagem”, por isso está em constante mudança.

Para Bybee (2006), a gramática surge com o uso rotineiro de uma forma no discurso. Para a autora, embora todos os linguistas provavelmente concordem que a gramática é a organização cognitiva da linguagem, uma teoria baseada no uso demonstraria de forma mais específica que a gramática é a organização cognitiva da experiência do indivíduo com a linguagem.

Corroborando as ideias de Bybee (2006), Givón (1995) acrescenta que a gramática se relaciona diretamente com o processamento mental, com a interação social e cultural, mudança, variação e evolução da linguagem.

Ainda sobre a concepção da gramática segundo o funcionalismo, Bybee (2006) considera que a frequência de uso de certas construções ou instâncias particulares de construções têm um impacto na representação que se evidencia no conhecimento do falante de construções convencionalizadas e na variação e mudança da língua. Portanto, para ela, as instâncias particulares de construções podem adquirir suas próprias características pragmáticas, semânticas e fonológicas. Além disso, argumenta-se que as construções de alta frequência passam por processos de gramaticalização (que produzem mais mudanças), funcionam como membros centrais de categorias formadas por construções e mantêm suas formas antigas por mais tempo do que instâncias de baixa frequência sob a pressão de novas formações (BYBEE, 2010).

Assim como a língua, a gramática também é dinâmica e emergente, pois “esta é suscetível à mudança e intensamente afetada pelo uso que lhe é dado no dia a dia, inclusive em termos de frequência” (TAVARES, 2013, p. 31).

O uso conserva a gramática, contudo as pressões sociais e o uso da língua também podem modificar a gramática. Para Tavares (2013), “a gramática sempre está sujeita à mudança, posto que depende do uso que é feito dela nas diversas situações da vida cotidiana”.

Perante o exposto, supomos que uma construção gramatical pode sofrer mudanças ou desaparecer se deixar de ser utilizada pelos falantes. Embora os julgamentos de valor não se apliquem, “os padrões linguísticos estão sujeitos à avaliação social positiva ou negativa e, nessa medida, podem determinar o tipo de inserção do falante na escala social” (Mollica e Braga, 2008, p. 13).

Diante disso, as estruturas gramaticais estão em contínua modificação, adaptando-as às necessidades e avaliação social dos falantes. Quando novos itens que antes não eram gramaticalizados passam a ser utilizados frequentemente por uma comunidade, pode-se chamar este fenômeno da gramaticalização.

3.2 GRAMATICALIZAÇÃO: UM FENÔMENO DE MUDANÇA

A Gramaticalização (GR) consiste em um processo de mudança linguística intrinsecamente ligado aos usos da língua. Os estudos oriundos desta vertente integram as pesquisas de cunho funcionalista, iniciadas por Meillet (1912) e seguidas por Givón (1995, 2001, 2018), Heine (1991, 2013), Hopper (1987, 1991), Heine *et al.* (1991), Traugott (1995, 2003) e Bybee (2003, 2016, 2020).

Acredita-se que o termo tenha sido cunhado por Antoine Meillet, em 1912⁷, na entendendo a gramaticalização como a atribuição de um caráter gramatical a um item que antes era autônomo (HOPPER; TRAUGOTT, 1993).

Hopper e Traugott (2003) definem GR como o processo de mudança pelo qual itens e construções passam, em certos contextos linguísticos, a desempenhar funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções

gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 15).

Nas palavras de Castilho (1997), a gramaticalização é o estudo de mudanças linguísticas situadas no *continuum* que se estabelece entre unidades independentes, localizadas em construções menos ligadas, e unidades dependentes tais como clíticos, partículas, auxiliares, construções aglutinativas e flexões.

Diante disso pode-se afirmar que este fenômeno ocorre quando uma unidade ou estrutura lexical antes independente passa a assumir uma nova função mais gramatical do que antes.

A literatura sobre gramaticalização parece concordar que não é suficiente definir esse fenômeno como o “processo pelo qual um item lexical se torna um morfema gramatical, mas sim é importante dizer que esse processo ocorre no contexto de uma construção particular³²” (BYBEE, 2003, p. 602, tradução nossa), ou seja, deve-se falar em gramaticalização pensando no todo de uma construção e compreendendo o seu sentido e sua forma.

Corroborando com a concepção de Bybee (2003), Martelotta (2010, p. 57) enfatiza que as estruturas sintáticas das línguas não podem ser descritas apenas por critérios morfossintáticos ou pelas propriedades semânticas dos elementos que as compõem, o significado da construção não equivale à soma dos significados das unidades que apresenta.

Dessa forma, Gonçalves e Wiedemer (2017, p. 96), apoiados em Hopper (1991) afirmam que a gramática nunca é e nunca será um produto acabado. Para os autores subjaz a concepção de língua como atividade em tempo real e em constante adaptação: “novas formas estão constantemente emergindo para a codificação de antigas funções, bem como novas funções despontam para formas já existentes no sistema linguístico” (GONÇALVES; WIEDEMER, 2017, p. 97).

A GR pode ser analisada a partir de duas perspectivas metodológicas: sincrônica e diacrônica. Nossa pesquisa encontra-se amparada na perspectiva sincrônica, pois as atenções estão voltadas para a “identificação de graus de gramaticalidade que uma forma linguística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua” portanto sobre o

32 Process by which a lexical item becomes a grammatical morpheme, but rather it is important to say that this process occurs in the context of a particular construction (BYBEE, 2003, p. 602).

enfoque discursivo-pragmático (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 16, grifos dos autores).

Hopper e Traugott (1993) afirmam que o recorte sincrônico permite o arranjo *continuum* de gramaticalidade, capaz de refletir a multifuncionalidade do item/construção em estudo, mas não etapas da sua mudança. Assim, o estudo sincrônico evidencia a mudança, uma vez que são distinguidas acepções mais ou menos gramaticais de um item/construção, mas não é suficiente para comprovar as relações de derivação, o que justifica a ênfase dada à perspectiva diacrônica nos trabalhos relacionados à GR (LOPES-DAMASIO, 2008, p. 25).

Na seção 7, delineamos uma possível trajetória funcional de *bem* e *bom* sob a perspectiva da GR.

3.2.1 Princípios da gramaticalização

O processo da gramaticalização apresenta cinco princípios, que buscam explicar os estágios iniciais da mudança linguística. Esses princípios são estratificação, divergência, especialização, persistência e a decategorização, descritos e exemplificados a seguir.

3.2.1.1 Estratificação

Segundo Hopper (1991), em um domínio funcional, novos itens estão constantemente surgindo, entretanto isso não significa que as formas antigas desaparecerão, mas elas coexistem simultaneamente. Em outras palavras, o autor afirma que em um mesmo domínio funcional amplo, novas “camadas” estão continuamente emergindo e coexistindo.

Complementando Hopper (1991), Görski e Tavares (2017, p. 40) afirmam que

o autor propõe que o termo *camadas* seja empregado em referência a formas linguísticas distintas que, em decorrência do processo de gramaticalização, tornam-se disponíveis “para servir a funções similares ou mesmo idênticas” (HOPPER, 2003, p. 125).

O autor acrescenta que uma palavra pode apresentar diversos usos e cada uso corresponderá a uma camada num domínio funcional. Assim, entendemos que *bem* e *bom* manterão seus usos no PB em suas categorias gramaticais prototípicas, mas novos usos surgirão (como MDs, por exemplo) e conviverão simultaneamente com os usos mais antigos.

O princípio de estratificação evidencia a possibilidade de dois ou mais itens linguísticos competirem pelo desempenho de determinado domínio funcional em algum ponto de seu percurso funcional, o que pode acontecer com os itens *bem* e *bom* com seus usos prototípicos, MDs e expressões cristalizadas.

Nesta perspectiva, Tavares (1999) acrescenta que

tal diversidade decorre do fato de que, quando uma forma ou conjunto de formas emerge em um domínio funcional, não substitui imediatamente um conjunto já existente de formas funcionalmente equivalentes, sendo possível que nunca venha a substituí-lo (TAVARES, 1999, p. 52).

Em outras palavras, segundo o princípio da estratificação, *bem* apresenta características morfológicas de advérbio, entretanto, também pode assumir outros usos, como MD ou expressão cristalizada³³, por exemplo. O mesmo caso ocorre com *bom*, que apresenta características morfológicas de adjetivo, mas também coexiste como substantivo e MD. Nesta última categoria, a exemplo de Martins (2003) e Görski (2020), entendemos que os itens compartilham do mesmo domínio funcional de chamada de atenção para a informação. Em outras palavras, os MDs *bem* e *bom* atuam como camadas que compõem o domínio funcional que recortamos neste trabalho: o domínio funcional da chamada da atenção do interlocutor para a

33 Em nosso estudo, a construção concessiva *se bem que* e a construção adverbial *bem assim* foram consideradas como expressões cristalizadas. “Em algum momento na história do português ocorreu uma inovação, que foi repetida e se convencionizou”. (LOPES, 2022, p. 268-269). Essas expressões se unem objetivando formar uma nova construção e cristalizam-se em um novo formato. Restam como mais um indicador qualitativo da atuação de *bem* e *bom* a ser objeto de investigação futura, conforme detalharemos na subseção 4.4.

informação.

Para Görski e Valle (2021), na perspectiva da abordagem funcionalista, um domínio funcional corresponde a uma função comunicativa, que é codificada pela gramática, cujos limites podem ser rearranjados “por mudança diacrônica, pela criatividade do falante ou por variação dialetal” (GIVÓN, 1984, p. 37). “É no contexto discursivo que se observa a função comunicativa das construções gramaticais, cujo escopo são as relações coerentes entre proposições e seu contexto discursivo-pragmático”, de acordo com Görski (2017, p. 45).

Para Givón (1984 *apud* GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 45),

os planos articulados da semântica proposicional e da pragmática discursiva, que são codificados gramaticalmente, podem ser subdivididos em domínios funcionais, os quais se distribuem num *continuum*, sendo inter-relacionados de forma gradiente, num espaço cognitivo multidimensional.

Os domínios funcionais podem ser descritos como a metáfora da lente: a depender do ângulo de visão, o campo pode ser captado de forma mais abrangente ou mais focada.

Podemos dizer, segundo Görski *et al.* (2003), que um domínio funcional pode se configurar num gradiente de macrofunção > funções > subfunções - noção que pode ser estendido para macrodomínio > domínio > microdomínio funcional.

Na subseção 5.2, detalhamos essa questão considerando nossa amostra de dados.

3.2.1.2 Divergência

Este princípio ocorre “quando uma forma lexical sofre gramaticalização em clítico ou afixo, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e passar a sofrer as mesmas mudanças que itens lexicais comuns³⁴” (HOPPER, 1991, p. 22, tradução nossa).

Rost Snichelotto (2009, p. 80) afirma que “embora os MDs não tenham (pelo

34 Divergence: When a lexical form undergoes change to a clitic or affix, the original lexical form may remain as an autonomous element and undergo the same changes as ordinary lexical items.

menos aparentemente) chegado à cliticização, conforme prevê o princípio, pode-se pensar na situação de convivência entre a categoria-fonte”. Görski (2020, p.136) complementa Rost (2009) reiterando que “formas lexicais originais podem permanecer em uso ao lado de formas inovadoras”. Este é o caso dos nossos itens. As formas inovadoras de *bem* e *bom* como MD podem atuar de forma autônoma, enquanto os itens continuam a operar como advérbio, adjetivo, substantivo, simultaneamente. Todas estas funções coexistem e podem atuar harmonicamente no discurso.

O controle da frequência mostrou que os usos inovadores (MDs e expressões cristalizadas) ocorrem ao mesmo tempo que os usos de base – *bem* adverbial e *bom* adjetival, corroborando com o princípio da divergência proposto por Hopper (1991).

3.2.1.3 Especialização

Segundo Hopper (1991) no interior de um domínio funcional, várias formas com nuances semânticas diferentes podem ser possíveis num estágio. À medida que ocorre a gramaticalização, essa variedade de escolhas formais se estreita e um menor número de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais³⁵.(HOPPER, 1991, p. 22, tradução nossa)

Na concepção de Tavares (1999, p. 52) este princípio está fortemente relacionado ao princípio da estratificação, segundo o qual mais de uma forma pode estar disponível em uma língua para servir a funções similares ou idênticas.

Conforme Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007), a especialização

[...] tem relação com a questão do estreitamento da escolha de formas pertencentes a um mesmo domínio, ou seja, relaciona-se com o estreitamento de opções para se codificar determinada função, à medida que uma dessas opções começa a ocupar mais espaço porque está mais gramaticalizada. Uma consequência – indício, portanto, dessa especialização – é o aumento na frequência de uso da forma mais adiantada no processo de

35 Specialization: Within a functional domain, at one stage a variety of forms with different semantic nuances may be possible; as grammaticalization takes place, this variety of formal choices narrows and the smaller number of forms selected assume more general grammatical meanings.

gramaticalização (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 82).

Entendemos como princípio da especialização quando uma forma passa ser mais usada em desfavor de outra, pois quanto mais uso desta forma, mais gramaticalizada ela será.

Relacionando a nossa pesquisa as duas formas (*bem* e *bom*) poderão coexistir, entretanto se um destes MDs for mais frequente que o outro, essa forma tornar-se-á mais constante e, portanto, mais gramaticalizada.

3.2.1.4 Persistência

Quando uma forma sofre gramaticalização, de léxico à função gramatical, alguns traços de seu significado lexical original tendem a se aderir a ela, contanto que seja gramaticalmente viável, e os detalhes de sua história lexical podem estar refletidos em restrições na sua distribuição gramatical³⁶ (HOPPER, 1991, p. 23, tradução nossa).

Nas palavras de Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007),

O princípio da persistência é o que prevê a manutenção de alguns traços semânticos da forma-fonte na forma gramaticalizada, o que pode ocasionar restrições sintáticas para o uso da forma gramaticalizada (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 83).

Em relação aos itens *bem* e *bom* acreditamos que quando são usados como MDs eles perdem a marca original de advérbio e adjetivo e assumem novas funções semânticas-pragmáticas no discurso.

36 Persistence: When a form undergoes grammaticalization from a lexical to a grammatical function, so long as it is grammatically viable some traces of its original lexical meanings tend to adhere to it, and details of its lexical history may be reflected in constraints on its grammatical distribution.

3.2.1.5 De-categorização ou Descategorização

Formas que sofrem gramaticalização tendem a perder ou neutralizar os marcadores morfológicos e os privilégios sintáticos característicos de categorias secundárias, tais como adjetivos, preposições, particípio, etc³⁷ (HOPPER, 1991, p. 23, tradução nossa).

Em relação a de-categorização entendemos que *bem* e *bom* não percam seus traços morfológicos (advérbio e adjetivo, respectivamente) quando estão em processo de gramaticalização.

3.3 MARCADORES DISCURSIVOS

Nesta seção, de modo geral, revisitamos a literatura disponível sobre a forma e o funcionamento dos MDs, segundo Schiffrin (1987), Marcuschi (1989, 2000); Heine (2013), Bybee (2003, 2016, 2020), Heine e Traugott (2003). De modo específico, examinamos outros trabalhos relevantes que foram realizados no PB por Risso (1999, 2006), Tavares (1999, 2003 e 2013), Görski e Tavares (2013), Valle (2001, 2014), Rost (2002) e Rost Snichelotto (2009).

Hansen (1998), Portolés (2001), Fraser (1999), Maschler e Schiffrin (2015) consideram os MDs como sinais ou pistas que guiam o processo interpretativo, sendo, por conseguinte, o seu significado mais processual do que conceitual.

Nota-se que as pessoas sempre usaram em seu discurso elementos verbais que contribuem com a coesão discursiva e textual. Não é de hoje, segundo Silva e Macedo (1996), que os linguistas se interessam por essas partículas que podem ser chamadas de MDs ou marcadores conversacionais. Esses elementos discursivos não acrescentam novas informações para o desenvolvimento do assunto, mas “situam-no

37 De-categorialization: Forms undergoing grammaticalization tend to lose or neutralize the morphological markers and syntactic privileges characteristic of the characteristic of secondary categories such as Adjective, Participle, Preposition, etc. (HOPPER, 1991, p.22-23)

no contexto geral, particular ou pessoal da conversação” (MARCUSCHI, 2000, p. 62).

Para Heine (2013), o termo MD é usado em uma ampla gama de sentidos e para uma série de fenômenos diferentes, estendendo-se de partículas monossilábicas semelhantes a interjeições e expressões orais. Para ele,

[...] o status dos marcadores discursivos permanece incerto pois há pouco consenso sobre se eles são uma categoria sintática ou pragmática, sobre quais tipos de expressões a categoria inclui ou sobre a relação dos marcadores discursivos com outras categorias postuladas, como conectivos, interjeições, partículas modais ou frases adverbiais (HEINE, 2013, p. 1206, tradução nossa).

Por não estarem previstos nas gramáticas normativas como uma categoria prototípica, os MDs são “estruturas às margens da língua, sendo alvo de estigma e de restrição de uso” (FREITAG, 2007, p. 33). Para a autora, hoje em dia há uma gama de estudiosos que se dedicam a sistematizar o comportamento dos MDs, entretanto, a falta de prescrição gramatical torna-os estigmatizados, sendo muitas vezes considerados um ‘vício de linguagem’ ou um ‘cacoete linguístico’.

Os MDs são considerados por Heine e Traugott (2003) e Heine (2013) como itens muito importantes para firmar a comunicação e se constituem como peça fundamental na interação entre os falantes. Para Rost (2002, p. 37), a motivação para o uso desses elementos é a necessidade de o falante em realizar “estratégias interativas no sentido de reorganizar o fluxo do pensamento e, ao mesmo tempo, registrar essa reorganização para o ouvinte”.

Silva e Macedo (1989, 1996) propõem uma divisão dos MDs em 9 (nove) subgrupos, considerando a sua função:

- 1) Iniciadores:** iniciam turnos (*ah, bom, bem, olha*);
- 2) requisitos de apoio discursivo:** uso interativo para testar a atenção do interlocutor (*né? tá? sabe? entendeu? viu? não é mesmo?*);
- 3) redutores:** modalizam a postura do locutor (*eu acho, pô, sei lá*);
- 4) esclarecedores:** retomam com maior clareza partes do discurso (*quer dizer, deixa eu ver*);
- 5) preenchedores de pausa:** preenchem o silêncio, enquanto o falante processa o que será dito (*assim, hãa, bem*);
- 6) sequenciadores:** marcam sequência no discurso (*aí, então, depois*);
- 7) resumidores:** encerram uma lista de itens e resumem (*e essas coisas, e tal, coisa e tal, e tudo*);
- 8) argumentadores:** iniciam argumentação contrária ao discurso precedente (*agora, é mas, não mas, sim mas*) e;
- 9) finalizadores:** dão fecho ao turno do falante (*então tá, é isso aí, tudo bem*) (SILVA; MACEDO, 1989, p. 11, grifos nossos).

Conforme se verifica, são os MDs iniciadores de turno de Silva e Macedo (1989) os que mais se aproximam aos itens *bem* e *bom* que analisamos neste trabalho, porém a caracterização de sua função está atrelada à sua posição no discurso. Concordamos com Urbano (1999, p. 200) que essa definição do tipo de MD com base na função sintática do item pode levar à confusão entre propriedade e função. Ainda em relação à proposição de Silva e Macedo (1989), o MD *bem* se insere na categoria dos preenchedores de pausa. Portanto, vamos ver, na subseção 6.1.1, que, além da posição inicial e da estratégia de preenchimento de pausa, esses MDs ocupam variadas funções sintáticas (inicial, intermediária e final) e semântico-pragmáticas (por exemplo, sequenciadora, argumentadora, entre outras).

Risso (2006, p. 428) afirma que os MDs “constituem-se como segmentos prefaciadores, proferidos pelo locutor como formas especiais de adiamento de um conteúdo tópico, durante a interação”. Para esta autora, esses MDs se manifestam no curso da fala, como “parte ou totalidade de atos verbais preparatórios de declarações seguintes” (RISSO, 2015, p. 429).

Até o momento, diversos autores brasileiros apresentaram estudos diacrônicos e/ou sincrônicos, em amostras orais e/ou escritas, sobre o funcionamento dos MDs nos atos comunicativos. Vejamos alguns deles:

- Dal Mago (2001) desenvolveu um estudo sobre a multiplicidade de funções que a expressão *quer dizer* vem assumindo no discurso oral;
- Valle (2001) analisou os itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivo *Sabe? Não tem? Entende?*;
- Rost (2002) analisou a funcionalidade de *olha* e *veja*;
- Martins (2003) investigou os itens *bem* e *bom*;
- Rost Snichelotto (2009) analisou a funcionalidade de *olha* e *vê*;
- Valle (2014) investigou a multifuncionalidade, os processos de mudança e o uso variável de MDs derivados de verbos cognitivos *sabe?, sabes?, entende?, entendeu?, entendesse?, tá entendendo? e tás entendendo?*;
- Rost Snichelotto e Dal Mago (2021) apresentam uma síntese de estudos sobre MDs realizados a partir de amostra do Varsul, derivados de diferentes categorias gramaticais, como formas verbais (*sabe? e entendeu? olha, veja, vê*

e *quer dizer*), reduções frasais (*tá?*), adjetivos (*certo?* e *bom*) e advérbios (*bem*);

- Scherer (2014), Trapp (2014), Bertozzo (2014) e Strapazzon (2018) analisaram MDs considerando a fala de crianças, adolescentes e adultos da amostra oral do *corpus* do VMPOSC, a saber:

a) Scherer (2014) focou na mudança linguística do verbo causativo *deixar* acompanhado dos verbos de percepção ou de cognição, como *ver*, *pensar* e *lembrar* até seus usos como MDs;

b) Trapp (2014) objetivou analisar e descrever os contextos de uso dos MDs *sabe?* e *entende?*;

c) Bertozzo (2014) analisou os itens *como*, *que nem* e *tipo* em seus usos prototípicos (conectores) até os usos discursivos como MDs.

d) Strapazzon (2018) analisou o comportamento multifuncional do item *assim* (e perífrases).

4. METODOLOGIA

Descrevemos, neste capítulo, os procedimentos metodológicos que nortearam esta pesquisa. Para tal, apresentamos a descrição do *corpus* utilizado e o detalhamento da amostra oral selecionada para a investigação dos MDs *bem* e *bom*. Além da apresentação do *corpus* do projeto VMPOSC (Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina) de onde extraímos os dados da nossa amostra, expomos brevemente os fatores linguísticos e extralinguísticos que levantamos nas pesquisas anteriores sobre o uso de *bem* e *bom*. Por fim, dedicamos uma seção para detalhamento do tratamento e da análise dos dados considerando não só a multifuncionalidade dos itens *bem* e *bom* mensurando a dinâmica social do uso de um ou do outro item, mas também sua frequência de uso.

Este estudo consiste em uma abordagem quali-qualitativa baseada em evidências empíricas. Na abordagem qualitativa (interpretativa), realizamos o levantamento de todas as ocorrências dos itens *bem* e *bom* na amostra oral de Chapecó, considerando, além do estatuto gramatical prototípico como advérbio, adjetivo, substantivo, locuções e conjunções, os usos como MDs. Além disso, objetivamos traçar um possível percurso gramaticalização dos itens em estudo. Já na análise quantitativa, embora tenhamos uma quantidade limitada de dados de MDs coletados, optamos por apresentar a frequência e os percentuais de ocorrência dos itens *bem* e *bom*, relacionando-os aos fatores linguísticos e extralinguísticos.

A seguir, apresentamos o projeto VMPOSC e o detalhamento da amostra investigada.

4.1 O CORPUS: O PROJETO VMPOSC

O VMPOSC foi iniciado em 2012 e é uma iniciativa de pesquisadores do Grupo de Pesquisa *Estudos Sociolinguísticos e Interfaces*, do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

Este projeto é coordenado pela Professora Dr^a Cláudia Andrea Rost Snichelotto e possui certificação tanto na UFFS quanto no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O Grupo de Pesquisa *Estudos Sociolinguísticos e Interfaces* orienta-se para o “desenvolvimento de pesquisas sobre fenômenos em variação e/ou mudança linguística do português brasileiro, em amostras sincrônica e diacrônica, na Mesorregião Grande Fronteira do Mercosul e adjacências” (ROST SNICHELOTTO, 2012, p. 1).

Os principais objetivos do projeto VMPOSC são:

- (i) constituir de uma amostra de fala composta por entrevistas sociolinguísticas com informantes monolíngues em português, de Chapecó/SC e região; (ii) constituir uma amostra de escrita, composta por gêneros discursivos ‘cartas de leitor’, ‘anúncios’ e ‘cartas pessoais’ do português de Chapecó/C; (iii) a descrição e análise dos fenômenos do português falado e escrito na região Oeste de Santa Catarina (ROST-SNICHELOTTO, 2012, p. 4).

Como se verifica, o *corpus* do VMPOSC é composto por uma amostra sincrônica de fala (entrevistas sociolinguísticas) e outra de escrita (cartas de leitor, anúncios e cartas pessoais). Entretanto, em virtude de os MDs *bem* e *bom*, nosso objeto de estudo, serem mais recorrentes na fala, optamos por analisar apenas a amostra oral. A entrevista sociolinguística é um macrogênero textual, segundo Tavares (2014, p. 204), pois “[...] costuma conter, em sua composição, diferentes gêneros textuais [...] — a narrativa de experiência pessoal e o relato de opinião — [...]”.

As entrevistas e a coleta de materiais escritos são da cidade de Chapecó, estado de Santa Catarina. A cidade está localizada na Mesorregião da Grande Fronteira do Mercosul e é considerada a capital do Oeste de Santa Catarina e polo no que tange ao desenvolvimento social e econômico da região. Essa diversidade de níveis sociais e de faixa etária contribuem nas relações sociais e comunicativas e estas situações comunicativas diversas podem influenciar nos recursos linguísticos empregados nas interações face a face.

A seguir detalhamos a respectiva amostra investigada.

4.2 A AMOSTRA DA PESQUISA: DADOS ORAIS

A escolha da amostra oral foi motivada pelo interesse em trabalhar com dados do Estado de Santa Catarina e também pela inclusão da faixa etária mais jovem (de 7 a 14 anos), célula que o banco de dados do VARSUL não contemplou na constituição de sua amostra de Chapecó. A amostra oral do VMPOSC (TABELA 3) buscou complementar parcialmente a amostra oral da região de Chapecó do projeto VARSUL, coletada no final dos anos 1980 e início dos anos 1990.

Tabela 3 - Distribuição da amostra de fala do VMPOSC segundo o perfil dos informantes

Idade/Sexo	Escolaridade							
	Ensino Fundamental 1º Ciclo ³⁸		Ensino Fundamental 2º Ciclo		Ensino Médio		Ensino Superior	
	M	F	M	F	M	F	M	F
C (De 7 a 14 anos)	2	2	2	2	-	-	-	-
J (De 15 a 24 anos)	2	2	2	2	2	2	2	2
B (De 25 a 49 anos)	-	-	-	-	-	-	2	2
A (mais de 50 anos)	-	-	-	-	-	-	2	2
Total parcial	4	4	4	4	2	2	6	6
Total por célula social	8		8		4		12	
Total	32 informantes							

Fonte: Adaptado de Rost Snichelotto (2012, p. 06)

A amostra estimada do VMPOSC é composta por um conjunto de 32 (trinta e duas) entrevistas sociolinguísticas com informantes da zona urbana de Chapecó, monolíngues em português, estratificados conforme expresso na Tabela 3.

Os informantes do projeto VMPOSC foram selecionados considerando os

38 No Brasil, o Ensino Fundamental compreende nove anos de estudo e está dividido em dois ciclos: o 1º equivale aos anos iniciais (do 1º ao 5º ano) e o 2º corresponde aos anos finais (6º ao 9º ano).

seguintes critérios:

(i) falante de português (português como língua materna); (ii) morador da cidade há pelo menos 2/3 da sua vida; (iii) não ter morado fora da região por mais de um ano no período da aquisição da língua; (iv) não causar estranheza a outros falantes da região; (v) os pais devem ter nascido na cidade ou na região (ROST SNICHELOTTO, 2012, p. 12).

É importante destacar que o critério para a seleção dos informantes foi adaptado do Projeto Varsul³⁹ no qual as pesquisas derivadas deste projeto consideraram somente a fala de adultos. Em virtude disso, Rost Snichelotto (2012) afirma a decisão do VMPOSC acrescentar a faixa etária mais jovem (C - 7 a 14 anos) objetivando colaborar para a comparação dos resultados entre as variedades da Região Sul, entre as regiões brasileiras e entre as línguas românicas.

Antes do início da coleta de dados, a equipe⁴⁰ responsável pelo projeto fez algumas visitas com vistas à observação e ao conhecimento da comunidade local, localização do perfil social desejado e realização de um contato prévio com os informantes ou seus responsáveis para preenchimento e gravação da ficha social.

Como forma de demonstrar o compromisso ético nas pesquisas científicas, o projeto foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFFS (CEP/UFFS). Após a emissão do parecer nº 423158 e aprovação no CEP/UFFS⁴¹, o projeto foi autorizado a dar início à etapa de coleta de dados.

Como em nossa pesquisa, a entrevista sociolinguística foi o instrumento de coleta de dados utilizado para se chegar aos propósitos metodológicos do projeto VMPOSC, apresentamos a seguir algumas percepções acerca deste gênero textual. Valle e Görski (2014) consideram que a configuração de uma entrevista sociolinguística envolve uma relação dialógica entre um entrevistador e o entrevistado, o informante. Geralmente segue um roteiro pré-determinado (embora não rígido), de tópicos a serem abordados com maior ou menor profundidade e extensão a depender

39 Foram consideradas as faixas etárias A (25 a 49 anos) e B (mais de 50 anos) e em razão da escassez dos recursos financeiros as faixas etárias mais jovens não foram incluídas.

40 Equipe coordenada pela Prof^a Dr^a Cláudia Andrea Rost Snichelotto (UFFS).

41 O projeto foi aprovado pelo CEP/UFFS sob a aprovação nº 17011413.2.0000.5564. O VMPOSC foi financiado com recursos financeiros da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina - FAPESC (Chamada Pública nº 04/2012 Universal). Ao aceitar participar da pesquisa os informantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e declararam a concordância em integrar a pesquisa.

de fatores como a disposição e as características de cada entrevistado.

As entrevistas foram conduzidas de acordo com o modelo de entrevistas sociolinguísticas, por voluntários e mestrandos⁴² do PPGEI e realizadas em locais indicados pelos informantes, a fim de deixá-los mais confortáveis.

Até o momento da consulta ao *corpus* da pesquisa, foram coletadas 19 (dezenove) entrevistas, ou seja, 59% das entrevistas já foram coletadas.

A amostra oral é constituída por 19 (dezenove) entrevistas de informantes do VMPOSC, assim distribuídos (Tabela 4):

Tabela 4 - Distribuição da atual amostra oral de Chapecó do projeto VMPOSC

Idade/Sexo	Ensino Fundamental 1º Ciclo		Ensino Fundamental 2º Ciclo		Ensino Médio		Ensino Superior	
	M	F	M	F	M	F	M	F
C (De 7 a 14 anos)	2	2	2	2	-	-	-	-
J (De 15 a 24 anos)	-	-	2	-	1	1	1	2
B (De 25 a 49 anos)	-	-	-	-	-	-	2	2
Total parcial	4		6		2		7	
Total	19 informantes							

Fonte: Lopes (2017, p. 102)

Entretanto tivemos acesso aos áudios de 15 (quinze) entrevistas disponíveis no banco de dados do VMPOSC, que estão distribuídos da seguinte forma (TABELA 5):

Tabela 5 - Distribuição da amostra oral utilizada nesta pesquisa

Idade/Sexo	Ensino Fundamental 1º Ciclo		Ensino Fundamental 2º Ciclo		Ensino Médio		Ensino Superior	
	M	F	M	F	M	F	M	F
C (De 7 a 14 anos)	2	2	2	2	-	-	-	-

42 Os mestrandos foram: Eliane Scherer, Kelly Trapp, Eduardo Berger e André Fabiano Bertozzo.

J (De 15 a 24 anos)	-	-	-	-	1	1	1	-
B (De 25 a 49 anos)	-	-	-	-	-	-	2	2
Total parcial	4		4		2		5	
Total	15 informantes							

Fonte: A autora (2023)

Para a obtenção dos dados analisados nesta pesquisa buscamos as entrevistas coletadas já transcritas pelos integrantes do projeto e após a conclusão deste estudo pretendemos transcrever as entrevistas que ainda não foram registradas, como contribuição para a constituição do banco de dados do projeto supracitado.

Na próxima seção, apresentaremos o detalhamento dos grupos de fatores controlados neste estudo.

4.3 FATORES LINGUÍSTICOS E EXTRALINGUÍSTICOS

O Quadro 7, a seguir, detalha os fatores linguísticos e extralinguísticos, que adotamos como critério de análise para a investigação dos dados sincrônicos desta pesquisa e que presumimos que permitam a busca de possíveis generalizações sobre o funcionamento dos itens *bem* e *bom* na amostra oral dos informantes do VMPOSC.

Quadro 7 - Grupos de fatores controlados nesta pesquisa

LINGUÍSTICOS	EXTRALINGUÍSTICOS	
	ESTILÍSTICOS	SOCIAIS
<p>Posição no contexto: - Inicial; - Intermediária ou; - final.</p>	<p>Entrevistador masculino x Informante masculino; (M-M)</p> <p>Entrevistador masculino x Informante feminino; (M-F)</p> <p>Entrevistador feminino x Informante masculino; (F-M)</p> <p>Entrevistador feminino x</p>	<p>Idade: C (de 7 a 14 anos); J (de 15 a 24 anos); B (de 25 a 49 anos).</p>

	Informante feminino. (F-F)	
<p>Macrofunções:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Articuladora interacional; - Articuladora textual e; articuladora interacional/textual. 	-	<p>Sexo do informante: M – Masculino (Homem) e; F – Feminino (Mulher).</p> <p>Sexo do entrevistador: M – Masculino (Homem) e; F – Feminino (Mulher).</p>
<p>Funções:</p> <p>As funções que remetem a macrofunção articuladora textual são:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Retórica/Preâmbulo; - Diretiva; - Enumerativa; - Sequenciadora; - Retomadora. <p>Enquanto as funções que remetem a macrofunção articuladora interacional são:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Avaliativa/Justificativa; - Atenuadora/Modalizadora e; - Planejamento Verbal. <p>As funções que remetem a macrofunção articuladora interacional/textual são:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sequenciadora e; Planejamento Verbal. 	<p>Sequências Discursivas: Narrativa; Descritiva, Dissertativa, Narrativa/descritiva.</p>	<p>Escolaridade: Ensino Fundamental 1º Ciclo; Ensino Fundamental 2º Ciclo; Ensino Médio; e Ensino Superior.</p>

Fonte: A autora (2023)

Os fatores linguísticos buscam captar peculiaridades sintáticas e semântico-pragmáticas dos itens. Enquanto os fatores extralinguísticos (sociais) captam aspectos relacionados ao entendimento da língua, de acordo com o sexo, idade e escolaridade dos falantes. Por fim, os fatores extralinguísticos (estilísticos) procuram obter informações do contexto situacional, manifestado pelo emprego de diferentes sequências discursivas, pela interação entre papéis sociais dos interlocutores e pelo registro.

4.4 TRATAMENTO DOS DADOS: PASSOS METODOLÓGICOS

Para seleção dos dados de análise, extraídos das entrevistas sociolinguísticas do VMPOSC, seguimos estes três passos:

1) Levantamento de todos os contextos de uso de *bem* e *bom*, independente da categoria gramatical (adjetivo, advérbio, substantivo, locução conjuntiva⁴³ ou MD), por meio da audição de cada uma das gravações em áudio e da leitura da transcrição de cada uma das entrevistas realizadas pela equipe do projeto VMPOSC e por mim, autora deste trabalho. Apresentamos a seguir trechos das entrevistas nas quais *bem* (Quadro 8) e *bom* (Quadro 9) foram identificados em suas mais diversas categorias e funções:

Quadro 8 - Trechos de entrevistas com ocorrências de *bem*

Identificação do Informante	Trecho da Entrevista	Categoria	Tempo
CH-M-B-ES	<p>E *E, Claudson antes você comentou né sobre o teu trabalho, que você ta se organizando agora, com né com dois trabalhos, você pode falar um pouquinho do dos teus trabalhos e como que é lá na escola, e como que é aqui agora, também na oficina.</p> <p>I: *É, ham, bem.... a escola é, eu sou né, então minha graduação sou professor de ciências e biologia, trabalho desde 2007 em escolas estaduais, e a dificuldade é grande de ser professor assim, uma porque ham, os contratos no estado ham, ainda do professor público de, de educação básica ele é um contrato temporário né, são poucos concursos, a maioria das escolas tem a maioria quase de professor.</p>	<p>MD (planejamento verbal)</p>	15'25
CH-F-B-ES	<p>Entrevistador: ah sim.</p> <p>Entrevistado: *... hã, na parte da mãe a família é bem menor são em quatro irmãos a minha mãe é a mais velha hã: dos meus avós eu só tenho a minha avó materna viva ainda, ela eles moram todos em Concórdia menos a minha mãe que que tá aqui, em Chapecó* Hã: então são em quatro os outros três também são casados, são duas mulheres e dois homens então tem uma tia e dois tios são casados todos constituíram famílias bem pequenas [...].</p>	<p>Advérbio (modo)</p>	45'09

43 Locuções conjuntivas são expressões constituídas por duas ou mais palavras que, juntas, exercem função de conjunção, ligando duas orações. (BECHARA, 2009, p. 86)

CH-M-B-ES	<p>E: Sim, * I [inint] neste convívio, neste grupo familiar, pai mãe e irmãos cêis fazem alguma festa, alguma janta [inint] ... tem algum tipo de encontro, aniversário Natal ou Ano Novo?</p> <p>I:* É... Na verdade os grandes encontros assim ou grandes festividades né entre aspas, é... ficam por conta de feriados, assim né, aniversários essas coisas bem como tu falou.</p>	<p>Expressão cristalizada Conjunção comparativa.</p>	4'14
CH-F-B-ES	<p>E: Tá, e você trocaria esse bairro aqui em Chapecó por outro? *Qual que você gostaria talvez de, de morar?</p> <p>I: *Olha, trocaria, moro no Presidente Médice e sempre gostei muito do São Cristóvão que foi o bairro que eu cresci então acho que é um bairro tranquilo também, tem o Jardim Itália que também acho um bairro mais, calmo assim, e se bem que no Presidente Médice aonde eu moro o bom de lá é estar próximo das diferentes coisas né mercado padaria e isso faz diferença, mas assim eu gosto de outros bairros também aqui do... não moraria no centro.</p>	<p>Expressão cristalizada Locução conjuntiva concessiva.</p>	00'51

Fonte: A autora (2023)

A seguir apresentamos os trechos das entrevistas nas quais *bom* foi identificado em suas mais diversas categorias e funções:

Quadro 9 - Trechos das entrevistas com ocorrências de *bom*

Identificação do Informante	Trecho da Entrevista	Categoria	Tempo
CH-M-C-EFI	<p>E: Dois irmãos. Você é o mais novo, mais velho?</p> <p>I: Bom... tem o meu irmão é de dois anos e, daí, tem a minha irmã que é mais velha que eu e tem o outro irmão que é bem mais velho que ela. Daí, eu sou só mais velho que o meu irmãozinho ali.</p>	<p>MD (função enumerativa)</p>	6'48
CH-F-C-EFII	<p>E: Uhum. E aqui da escola? Que que tu acha aqui da escola?</p> <p>I: Ah assim eu acho a escola boa de estudar. Tem um bom ensino, os professores explicam bastante, acho legal.</p>	<p>Adjetivo (qualificador)</p>	7'56
CH-M-C-EF	<p>E: Uhum. E quando você sabe que ele está bom?</p> <p>I: Bom, aí só experimentando sabendo né se ficou bom ou não.</p>	<p>MD + coocorrência do conector aí</p>	15'21
CH-F-C-EF	<p>E: Onde você estuda?</p> <p>I: Na Escola Estadual Bom Pastor.</p>	<p>Substantivo</p>	6'57

Fonte: A autora (2023)

Identificamos as ocorrências de *bem* nas categorias: MD, advérbio e nas expressões cristalizadas (conjunção comparativa e locução conjuntiva concessiva), enquanto localizamos o item *bom* como: MD (e MD+coocorrência), adjetivo e substantivo.

Após esse levantamento, constatamos que, das 15 (quinze) entrevistas com informantes do VMPOSC, todas (100%) apresentaram ocorrências de *bem* e *bom* em diversas categorias gramaticais. Entretanto, a fim de dar conta de nosso primeiro objetivo específico, qual seja descrever o funcionamento e a dinâmica de usos dos *bem* e *bom* na amostra de fala dos informantes de Chapecó, verificamos que somente em 8 entrevistas (53,3%) houve ocorrência dos MDs por nós analisados. A discussão desses resultados será apresentada no Capítulo 5, deste trabalho.

Nossa estratificação final de informantes que apresentaram dados de MDs está exposta na Tabela 6, a seguir:

Tabela 6 - Distribuição da amostra oral com ocorrências de MDs

Idade/Sexo	Ensino Fundamental		Ensino Superior	
	M	F	M	F
C (De 7 a 14 anos)	2	2	-	-
B (De 25 a 49 anos)	-	-	2	2
Total	8 informantes			

Fonte: A autora (2023)

Na Tabela 6 é possível observar que a ocorrência de *bem* e *bom* como MDs apenas informantes de duas faixas etárias (faixas C e B) e de dois níveis de escolaridade (Ensino Fundamental e Superior) apresentaram ocorrências de *bem* e *bom* como MDs.

Dado o caráter dialógico das entrevistas sociolinguísticas, Görski (2020) encontrou uma incidência alta desses MDs na fala do entrevistador (110 ocorrências). Entretanto, em nossa pesquisa não identificamos nenhum dado de MD nos discursos dos entrevistadores.

2) Codificação de cada um dos dados dos MDs *bem* e *bom* segundo fatores

linguísticos e extralinguísticos controlados na Tabela 6, a fim de cumprir o segundo objetivo específico, que objetiva correlacionar os usos dos MDs *bem* e *bom* a fatores linguísticos e extralinguísticos, a fim de detalhar seu comportamento na amostra de fala dos informantes de Chapecó.

Na codificação dos dados em planilha do editor Microsoft Excel, consideramos *bem* e *bom* como variável de referência (dependente) e outros grupos de fatores como variáveis independentes. Esse tipo de controle de variáveis de diferentes naturezas nos ajuda a observar o comportamento multifuncional de cada uma das formas. As figuras a seguir, ilustram nossa codificação dos itens *bem* e *bom*:

Figura 1 - Captura de tela dos Fatores Linguísticos e Extralinguísticos (A)

INFORM.	FAIXA	IDADE	SEXO/GÊNERO	FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE	POSICAO
Joao	C	11	M	1a	Ens.fundamental 1°	Inicial
Amanda	C	12	F	1a	Ens.fundamental 2°	Inicial
Nicolas	C	12	M	1a	Ens.fundamental 2°	Inicial
Nicolas	C	12	M	1a	Ens.fundamental 2°	Inicial
Fernando	J	15	M	1a	Ens. Médio	Intermediária
Fernando	J	15	M	1a	Ens. Médio	Intermediária
Fernando	J	15	M	1a	Ens. Médio	Intermediária
Fernando	J	15	M	1a	Ens. Médio	Intermediária
Fernando	J	15	M	1a	Ens. Médio	Intermediária

Fonte: A autora (2023)

Figura 2 - Captura de tela dos Fatores Linguísticos e Extralinguísticos (B)

MACROFUNCOES	SEQUENCIA.DISCURSIVA	PERFIL INFORMANTE	PERFIL ENTREVISTADOR
Textual	Descritiva	INFO/C/M	ENTR/F
Interacional	Dissertativa	INFO/C/F	ENTR/M
Interacional/Textual	Narrativa	INFO/C/M	ENTR/M
Interacional	Narrativa	INFO/C/M	ENTR/M
não se aplica	não se aplica	não se aplica	não se aplica
não se aplica	não se aplica	não se aplica	não se aplica
não se aplica	não se aplica	não se aplica	não se aplica
não se aplica	não se aplica	não se aplica	não se aplica
não se aplica	não se aplica	não se aplica	não se aplica

Fonte: A autora (2023)

Figura 3 - Captura de tela dos Fatores Linguísticos e Extralinguísticos (C)

CLASSE	FUNÇÕES	TRECHO ANTES
MD	ENUMERATIVA	
MD	ATENUADORA	[...] E então o pessoal que tá saindo agora e... mas é...
MD	PLANEJ. VERBAL	
MD	ATENUADORA	
ADVÉRBIO	não se aplica	Porque é um bairro tranquilo,
ADVÉRBIO	não se aplica	Olha das pessoas que eu conheço e que são de fora e vieram para cá. Todas elas me dei super
ADVÉRBIO	não se aplica	é
ADJETIVO	não se aplica	uma coisa interessante que eu sempre quis saber, mas não, não é algo
ADVÉRBIO	não se aplica	[...] E então o pessoal que tá saindo agora e... mas é...

Fonte: A autora (2023)

Figura 4 - Captura de tela dos Fatores Linguísticos e Extralinguísticos (D)

OCORRENCIA	TRECHO DEPOIS	TEMPO
bom	...tem o meu irmão, é de dois anos [...]	06'48
bom	... na verdade eu não sei direito [...]	42'08
bom	... a gente...mais, a gente estuda, a gente estuda mais a palavra do estudo de Deus.	11'02
bom	... a gente não costuma se falar muito assim, mas... [...]	16'44
bem	seguro em si, tipo...pelo, pelo... localização dele e pelas pessoas que eu moro próximo.	14'02
bem	As pessoas que eu conheci no acaso também.	0'51
bem	tranquilo. Como as outras festas, só que no Natal geralmente se reúne a família toda.	3'23
bom	foi sobre a história do começo de Chapecó [...]	4'25
bem	...é um curso bem bom.	7'12

Fonte: A autora (2023)

Ademais, nas capturas de tela, são apresentadas as planilhas dos itens *bem* e *bom* distribuídos de acordo com as variáveis controladas neste estudo.

A apresentação e a discussão desses resultados é realizada no capítulo 6 desta Dissertação.

3) Análise quantitativa dos dados em termos de número de ocorrências e frequência de uso dos itens na amostra investigada, tendo em vista a restrição da amostra e a reduzida quantidade de MDs levantados neste estudo.

Cabe o destaque de que priorizamos a análise qualitativa sobre a quantitativa porque nosso interesse principal não é fazer generalizações sobre o uso de *bem* e *bom*, mas sim observar as especificidades discursivas de cada item e identificar possíveis padrões. Nesse sentido, os usos de *bem* e *bom*, analisados, qualitativa e quantitativamente, permitirão uma descrição mais refinada do domínio funcional e das propriedades de natureza linguística e extralinguística dos itens na fala dos 8 informantes do VMPOSC. Além disso, essa análise nos ajudará a identificar indícios sincrônicos das etapas de gramaticalização pelas quais eles passaram. Dessa forma, cumprindo nosso terceiro e último objetivo específico, qual seja traçar uma possível trajetória funcional de *bem* e *bom* sob a perspectiva da gramaticalização.

A apresentação e a discussão desses resultados estão disponíveis no Capítulo 7, deste estudo.

5. O FUNCIONAMENTO E A DINÂMICA DE USOS DE *BEM* E *BOM* NA AMOSTRA INVESTIGADA

Neste capítulo, cumprimos nosso primeiro objetivo específico que é descrever o funcionamento e a dinâmica de usos de *bem* e *bom* na amostra oral investigada. Para tanto, dividimos este capítulo em duas subseções: primeiramente, na seção 5.1, organizamos uma apresentação inicial da frequência e dos percentuais de dados levantados na amostra considerando todos os usos de *bem* e *bom* desde suas categorias gramaticais prototípicas (advérbio, adjetivo, substantivo e locuções conjuntivas) até os usos discursivos como MDs, descritos no levantamento bibliográfico do capítulo 2 (seções 2.1 e 2.2), e as expressões cristalizadas, com base no estudo de Görski (2020); na sequência, na seção 5.2, nosso foco recai sobre a caracterização do domínio funcional dos itens *bem* e *bom* e sobre a descrição da multifuncionalidade dos itens. O levantamento de hipóteses e a discussão dos resultados são feitos à luz dos pressupostos teórico-metodológicos do Funcionalismo Linguístico, conforme a subseção 3.1, e, sempre que possível, comparados aos resultados de outras pesquisas sobre a descrição de *bem* e *bom*, segundo a subseção 2.3.

5.1 APRESENTAÇÃO INICIAL DOS DADOS

Nesta etapa nossa intenção foi levantar todas as ocorrências de *bem* e *bom* na amostra oral do VMPOSC, a fim de observar a frequência e os percentuais de uso de *bem* e *bom* desde suas categorias gramaticais prototípicas (advérbio, adjetivo, substantivo e locuções conjuntivas) até os usos discursivos como MDs, categoria que daremos maior ênfase na análise dos resultados deste estudo.

Foi o que fez Görski (2020) quando categorizou todas as ocorrências de *bem* e *bom* (não só como MDs), considerando os usos como categorias prototípicas (advérbio, adjetivo e substantivo), como expressões cristalizadas e outros usos

(substantivo, se bem que, bem que, ainda bem que, ainda bem). No total, a autora localizou 1322 dados de *bem* e 832 dados de *bom*, o que corresponde a 61% e 39% do total de 2154 dados, respectivamente. Chamou a atenção da autora a grande diferença no número de ocorrências de usos prototípicos de cada item, como advérbio (85%) e adjetivo (66%), isto é, *bem* adverbial supera em quase 20% o uso de *bom* adjetival. Todavia, esses usos ultrapassam grandemente os demais usos (substantivo, expressões cristalizadas e MDs) das formas sob análise.

Görski (2020, p. 142) afirma que,

[...] nas colunas de MD, nota-se que em apenas 2% das ocorrências do item *bem* a partícula atua como MD; bom, por sua vez, desempenha essa função discursiva em 30% dos dados desse item. Já em outros usos, essa distribuição praticamente se inverte: 12% para *bem* e 4% para bom.

Portanto, segundo a autora, os resultados percentuais indicam que, apesar de o item *bem* se revelar o mais recorrente na amostra porque provavelmente apresenta um espectro de uso mais alargado, *bom* é o item privilegiado para atuar como MD no domínio funcional de chamada da atenção do interlocutor para a informação (GÖRSKI, 2020, p. 142).

O controle da frequência mostrou que esses usos inovadores – MDs e outros usos⁴⁴ – competem com usos dos itens *bem* adverbial e *bom* adjetival, o que converge com o princípio da estratificação postulado por Hopper (1991), segundo Görski (2020).

Diferentemente de Görski (2020), Martins (2003) focou apenas no levantamento das ocorrências dos MDs *bem* e *bom* na amostra do *corpus* do VARSUL, isto é, a autora excluiu da sua análise os usos dos itens como categorias prototípicas (advérbio, adjetivo, substantivo). Restringindo os dados dessa forma, a autora localizou 872 MDs, sendo 754 (86%) ocorrências de *bom* e 118 (14%) de *bem*. Somente 14% dos informantes fazem uso das formas *bem* e *bom* como MDs, sendo que 86% dos informantes optaram pelo uso categórico de uma ou outra forma: 78% utilizam apenas o item *bom* e 8% usam somente *bem*.

Baseada em Görski (2020)⁴⁵, de modo geral, nossa hipótese é que os itens

44 Para a autora (2020), esses usos dizem respeito às expressões cristalizadas, substantivos, conjunções e locuções conjuntivas.

45 Tendo em vista que Risso (1999) fez apenas uma análise qualitativa dos itens, optamos por retomar em nossa análise os resultados obtidos por Martins (2003) e Görski (2020).

apresentem mais recorrência em suas categorias prototípicas (*bem* advérbio e *bom* adjetivo) do que em MDs. Também temos a expectativa de, em menor recorrência, encontrar os itens operando como MDs, tais como elencado por Martins (2003) e Görski (2020). De modo específico, considerando que ambos MDs compartilham o domínio funcional de chamada da atenção do interlocutor para a informação (MARTINS, 2003; GÖRSKI, 2020), tínhamos a expectativa de encontrar maior frequência de ocorrência do MD *bom* em relação ao MD *bem* na amostra.

A distribuição das categorias e os respectivos resultados de nossa amostra são detalhados na Tabela 7:

Tabela 7 - Distribuição geral dos usos de *bem* e *bom* na amostra do VMPOSC

Item	Categorias					Total geral
	MDs	Advérbios	Locuções conjuntivas ⁴⁶	Adjetivos	Substantivos	
	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%
Bem	5/1,7	290/97,3	3/1	-	-	298/80
Bom	19/25	-	-	56/73,7	1/1,3	76/20
Total parcial	24/6,4	290/77,6	3/0,8	56/15	1/0,2	374/100
Total final				374		

Fonte: A autora (2023)

A Tabela 7 revela que, de modo geral, foram levantadas 374 (trezentos e setenta e quatro) ocorrências dos itens *bem* e *bom* na amostra do VMPOSC. Corroborando com a análise de Görski (2020), também localizamos mais dados de *bem* ($298/374 = 80\%$) do que de *bom* ($76/374 = 20\%$) em nossa amostra. Conforme esperado, *bem* e *bom* atuam em suas categorias gramaticais prototípicas, como advérbios, adjetivos, locuções conjuntivas e substantivos, confirmando nossa hipótese. Esse resultado também demonstra a aplicabilidade do princípio da estratificação, postulado por Hopper (1991), conforme vimos na subseção 3.2.1, a *bem* adverbial, que coocorre com MDs e locuções conjuntivas, e a *bom* adjetival, que coocorre com MDs e substantivos.

46 Expressões cristalizadas.

De modo específico, dentre as 298/374 (79,6%) ocorrências do item *bem*, observamos sua recorrência nas seguintes categorias gramaticais (por ordem de relevância): 290 (97,3%) ocorrências como advérbio, 5 (1,7%) dados de MD e 3 (1%) ocorrências de locução conjuntiva. Embora esse item também ocorra como substantivo no PB (os bens, por exemplo), conforme Cunha e Cintra (2008) e Da Cunha (2019), não localizamos nenhuma ocorrência dessa categoria em nossa amostra. Dentre as 76/374 (20,3%) ocorrências do item *bom*, identificamos sua recorrência nas seguintes categorias gramaticais (por ordem de relevância): 56 (73,7%) ocorrências como adjetivo, 19 (25%) dados de MD e 1 (1,3%) ocorrência como substantivo⁴⁷.

Görski (2020) justifica a diferença na frequência de ocorrência entre os itens devido a provavelmente o espectro funcional mais alargado de *bem* em relação a *bom*. Em termos de escopo e de características morfossintáticas essa diferença de resultado entre *bem* e *bom* é explicada assim pela autora:

[...] *bem* como advérbio prototípico tem escopo sobre um verbo ('canta bem'), um adjetivo ('bem bonito') ou outro advérbio ('muito bem'); *bom* como adjetivo prototípico tem escopo apenas sobre um substantivo (nome ou pronome), funcionando sintaticamente como adjunto adnominal ('lugar bom') ou como predicativo ('ele é bom') (GÖRSKI, 2020, p. 142, grifo nosso).

No que diz respeito ao adjetivo *bom*, cabe a ressalva observada por Görski (2020, p. 142) de se considerar a flexão em gênero e número (*bom/bons, boa/boas*)⁴⁸ desse item. Logo, em nossa pesquisa, o total de ocorrências do adjetivo *bom* na Tabela 2 inclui as respectivas formas flexionadas em gênero e número, a saber: 43 ocorrências de *bom*, 6 dados de *boa*, 3 dados de *bons* e 4 ocorrências de *boas*, totalizando 56 dados de *bom*⁴⁹.

Vejamos a seguir um exemplo de cada uma das ocorrências do adjetivo *bom* flexionado em nossa amostra:

47 Bom Pastor - nome de escola (substantivo próprio).

48 Apesar de reconhecer a flexão em gênero e número do adjetivo *bom*, Görski (2020) informou que, no seu quantitativo de dados, só contemplou as ocorrências de *bom* (masculino, singular).

49 Em razão da maior frequência de ocorrência de *bom* adjetival na amostra, elegemos esta forma como representante das demais flexões.

1) Boa (flexão em gênero feminino e número singular):

(18) E: Uhum. E aqui da escola? Que que tu acha aqui da escola?

I: Ah assim eu acho a escola **boa** de estudar. Tem um bom ensino, os professores explicam bastante, acho legal. (CH-F-C-EFI)

2) Boas (flexão em gênero feminino e número plural):

(19) E: E sobre a escola, o tempo que cê ia a escola esse período da infância, tem lembranças das aulas como eram?

I: Eu com uma metralhadora na escola faria sucesso. É um tempo que não... não tenho assim grandes e **boas** lembranças não enfim, eu sempre fui um guri retraído assim CDF nerd, então era o preferido do ... na época não tinha o tal do bullying mas....(CH-M-B-ES)

3) Bom (flexão em gênero masculino e número singular):

(20) E: E você lembra de algum natal? Como foi? O do ano passado?

I: Humm, do ano passado, foi **bom**, estava toda a minha família lá também, só estávamos nós, e não tinha ninguém de diferente lá. (CH-F-C-EFII)

4) Bons (flexão em gênero masculino e número plural):

(21) E: Que que você acha das pessoas que vem visitar Chapecó?

I: Eu acho que elas fazem uma boa escolha né, porque tem, tem **bons**, tem lugares ótimos para ir visitar. (CH-M-C-EFII)

Vejamos no Quadro 10 o escopo de *bom* adjetival flexionado:

Quadro 10 - Escopo em gênero e número de *bom* adjetival

Palavra	Flexão de gênero e número	Escopo
Boa	gênero feminino no singular	substantivo feminino singular (escola)
Boas	gênero feminino no plural	substantivo feminino no plural (lembranças)
Bom	gênero masculino no singular	verbo (foi)
Bons	gênero masculino no plural	substantivo masculino singular (lugares)

Fonte: A autora (2023)

Outro aspecto que queremos ressaltar diz respeito ao advérbio *bem*, que, segundo as gramáticas tradicionais (BECHARA, 1999; 2009; CUNHA; CINTRA, 2008; LIMA, 2011), morfologicamente é uma palavra invariável, ou seja, não apresenta flexão em gênero e número; sintaticamente é uma palavra relacionada a verbos, a adjetivos e/ou a outros advérbios; semanticamente é uma palavra que indica uma determinada circunstância, principalmente de modo e intensidade. Contudo, em nossa amostra, o item *bem* também compõe expressões cristalizadas: a locução conjuncional subordinativa adverbial concessiva *se bem que* e a construção adverbial *bem assim*⁵⁰. Conforme a tabela 2, localizamos 3 ocorrências de *se bem que* e 1 ocorrência de *bem assim*, representando respectivamente 0,83% e 0,27% da amostra total. Vejamos exemplos dessas ocorrências:

(22) E: E é por essas....

I: E daí porque que eu vou ficar trabalhando né de professor, se eu vou fazer um mestrado, um doutorado, e não vou ganhar, vou tá ganhando, ali começa, com dois e trezentos vou me aposentar nem com quatro mil, porque é que eu vou fazer tudo isso, se em qualquer outra categoria te triplica, te, por essas e outras que eu to procurando outras alternativas de trabalho né, daí uma foi ham, abri uma sociedade numa empresa, de um comércio de uma, um serviço assim que, na minha visão é um serviço pro município, no no nosso município com bastante espaço de trabalho né, **se bem que**, ham, ideologicamente eu sou contra assim, o crescimento do número da frota de veículos nas cidades, mas a gente vê que isso, é assim, não tem. (CH-F-B-ES)

Morfologicamente, ***se bem que*** é uma locução conjuntiva subordinativa adverbial concessiva construída com outras conjunções *se* e *que* e, semanticamente, veicula o sentido adverbial de concessão, isto é, exprime ideia contrária ao fato expresso na oração principal. Portanto, neste caso, a expressão cristaliza-se assumindo um novo sentido adverbial concessivo. Na ocorrência 22, o informante, ao utilizar a expressão *se bem que*, expressa um fato (sua situação no trabalho e as alternativas para uma possível mudança de trabalho) e se opõe à realização de outro fato principal, no caso o crescimento da frota de veículos na cidade.

50 Na tabela 2 esse dado entrou na soma geral de *bem* adverbial.

Vejamos agora a ocorrência de *bem* assim:

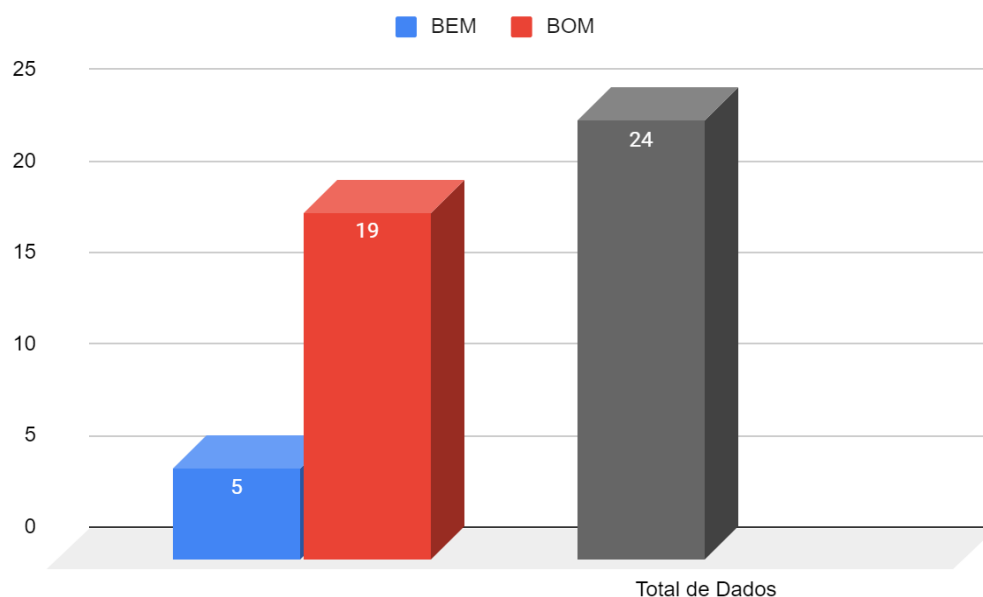
(23) E: É, pode ser engraçada... Interessante...

I: Pois é... *Olha só... *Da história de Chapecó a gente conhece um pouco da história que foi então a época do incêndio né, da, da igreja da matriz, uma história *bem* triste assim para a história de Chapecó, e... tu vê assim, não conheço nenhuma história engraçada, tem aquela brincadeirainha que eles falam lá que mora em, nem sei explicar direito a história, já faz tempo que eu ouvi, que tinha de um lado do rio e do outro aqui do Uruguai daí diziam já pegou, já pegou daquele jeito **bem assim**, né, já sim, daí era Xaxim, Chapecó, Xanxerê, são umas histórias mas eu não sei nem contar essas histórias.

Bem assim se cristaliza pela junção de 2 advérbios: *bem* (advérbio de verificação) + *assim* (advérbio de modo). O primeiro é um advérbio de verificação (justamente, exatamente): “O outro sabe que não é bem assim” (NEVES, 2011, p. 240, grifo da autora); O segundo também é um advérbio, formando uma nova estrutura que pode ser parafraseada por *já pegou daquele jeito exatamente assim*.

Após esse detalhamento, voltamos à discussão dos resultados da frequência de MDs, que interessa aos objetivos desta dissertação. Na amostra oral do VMPOSC, segundo a Tabela 2, embora seja baixa a frequência de ocorrência de uso dos MDs (24 MDs = 6,5% comparado a 350 dados das demais categorias = 93,5%), essa é a única categoria compartilhada por *bem* e *bom*. Esse resultado confirma nossa expectativa de, em menor recorrência, encontrar os itens operando como MDs, tal como elencado por Görski (2020).

Vejamos a seguir, de modo específico, o Gráfico 1, que evidencia a superioridade na frequência de dados do MD *bom* (19/24 = 79%) em relação ao MD *bem* (5/24 = 21%).

Gráfico 1 - Distribuição geral dos usos dos MDs *bem* e *bom* na amostra do VMPOSC

Fonte: A autora (2023)

Conforme o Gráfico 1, em nossa pesquisa e nos estudos em questão (GÖRSKI, 2020; MARTINS, 2003), os informantes empregaram de modo mais recorrente o MD *bom* em detrimento do uso do MD *bem*, ou seja, o uso de *bom* como MD ultrapassa em quase 60% o uso de *bem* nesta mesma categoria. Esse resultado, como alertou Görski (2020), ainda demonstra inversão na distribuição do uso dos itens considerando as demais categorias: 293/350 (84%) para *bem* e 57/350 (16%) para *bom*.

Por fim, queremos chamar a atenção para mais um tipo de forma dos MDs que localizamos em nossa amostra e que julgamos relevante comentar. Martins (2003) controlou as seguintes coocorrências dos MDs *bem* e *bom*:

- *Bem* ou *Bem* + conector (*mas, porque, aí, e, então*);
- *Bom* ou *Bem* + MDs (*viu?, né, sabe?, tá?, tipo*);
- *Bom* ou *Bem* + elementos reforçadores (*lá, aqui, só*);
- Sem ocorrência.

Os resultados de Martins (2003) revelaram que *bem* e *bom* ocorriam com mais frequência em contextos sem coocorrência e esse resultado também se confirmou em nossa pesquisa, uma vez que, em nossa amostra, dos 24 dados totais dos MDs, localizamos apenas 1 coocorrência do MD *bom* junto ao conector *aí*, conforme

exemplificado abaixo:

(24) E: Uhum. E quando você sabe que ele está bom?

I: Bom, aí só experimentando sabendo né se ficou bom ou não. (CH-M-C-EFII)

Nesta ocorrência, percebemos que *aí* (advérbio de lugar) neste trecho coocorre com o MD *bom*, atuando como sequenciador do discurso.

Finalizada a apresentação inicial da frequência e dos percentuais de dados levantados na amostra, considerando todos os usos de *bem* e *bom* desde suas categorias gramaticais prototípicas (advérbio, adjetivo, substantivo e locuções conjuntivas) até os usos discursivos como MDs, passamos a restringir nossa análise apenas às 24 ocorrências em que *bem* e *bom* atuam como MDs na amostra do VMPOSC, ou seja, as ocorrências das outras categorias de *bem* e *bom* foram excluídas da análise daqui em diante.

Nas próximas subseções, primeiramente, tratamos do domínio funcional da chamada da atenção do interlocutor para a informação e da multifuncionalidade dos itens e, na sequência, correlacionamos os usos dos MDs a fatores linguísticos e extralinguísticos a fim de detalhar seu comportamento na amostra de fala dos informantes de Chapecó.

5.2 DOMÍNIO FUNCIONAL DE *BEM* E *BOM*

Os MDs *bem* e *bom* compartilham, como constatado por Risso (1999), Martins (2003) e Görski (2020), o domínio funcional de chamada da atenção do interlocutor para a informação, assim também é o nosso entendimento conforme resultado exposto no Gráfico 1, na subseção anterior.

Vimos, na subseção 3.2.1, que a noção de domínio funcional é relativa e não absoluta. O ajuste de foco da lente do analista pode recobrir áreas funcionais gerais (microdomínios) ou mais restritas (subdomínios ou microdomínios). Essa interação inter(sub)domínios ocorre devido ao caráter contínuo da mudança decorrente de processos de gramaticalização, que envolvem a emergência e a difusão de padrões

de uso motivados pela interação entre aspectos cognitivos e comunicativos (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 46).

Bom e *bem* têm seu foco na informação a ser veiculada pelos participantes da interação (RISSO, 1999). Por essa razão, a autora citada por Martins (2003) atribui aos contextos de uso de *bem* e *bom* a propriedade comum de chamada de atenção do interlocutor para a informação a ser provida pelo interlocutor. Segundo a autora (2003), além dessa propriedade conferir aos itens um compromisso maior com a estrutura ideacional, também comporta uma ligação, altamente forte com a estrutura interpessoal, pois não só auxiliam na organização do texto, marcando a relação texto/falante, como servem também na eventual projeção de um aspecto interpessoal na dinâmica das relações textuais, o que dá a eles, em algumas ocorrências, a característica marcante de unidades interativas (MARTINS, 2003, p. 39).

Da mesma forma, Görski (2020, p.148) aponta que “ambos os marcadores coexistem num mesmo domínio funcional de chamada de atenção para a informação numa situação dialógica, mas apresentam especificidades de uso”. Em especial, a autora indica que, no português, *bom* é o item privilegiado para atuar como MD no domínio funcional de chamada da atenção do interlocutor para a informação.

Para Görski (2020, p. 155), os MDs sinalizam um duplo movimento: de estruturação discursiva – encabeçando abertura/fechamento/sequenciação –, e de negociação – indicando algum tipo de posicionamento do falante em relação ao discurso precedente (do entrevistador ou dele próprio). Em outras palavras, os itens tanto acomodam o enunciado na situação dialógica da troca de turnos, como organizam o fluxo informacional atuando como estratégias retóricas de chamada de atenção e contribuindo para a coesão e coerência discursiva.

Após conceituarmos o domínio funcional dos MDs *bem* e *bom*, na próxima subseção, passamos ao detalhamento da definição das características das macrofunções interacional e textual, que estão sob o escopo desse macrodomínio.

5.2.1 Macrofunções dos MDs *Bem e Bom*

5.2.1.1 Caracterização e hipóteses

Considerando o princípio da estratificação (HOPPER, 1991), as formas *bem* e *bom*, segundo a subseção anterior, passam a ter diferentes valores semântico-pragmáticos e cada uso corresponde a uma camada num domínio funcional. Assim, o domínio funcional de chamada da atenção do interlocutor para a informação abarca um duplo movimento dos itens, que tanto acomodam o enunciado na situação dialógica da troca de turnos, como organizam o fluxo informacional atuando como estratégias retóricas de chamada de atenção e contribuindo para a coesão e coerência discursiva (MARTINS, 2003; GÖRSKI, 2020).

Esse duplo movimento (\pm interacional e \pm textual) depreendido do domínio funcional da chamada da atenção da informação nos permite distribuir os contextos em que *bem* e *bom* atuam numa certa ordem que poderá contribuir para uma proposta inicial de trajetória de mudança categorial e semântico-pragmática, que apresentaremos na subseção 7.1.

Assim, adotamos, Martins (2003) e Görski (2020) na análise da amostra oral do Varsul, a identificação de duas macrofunções na descrição dos itens na amostra oral do VMPOSC: macrofunção articuladora interacional (mais voltada à relação falante-ouvinte) e macrofunção articuladora textual (mais voltada à relação falante-texto). Todavia, salientamos que não se trata de rótulos conceitualmente excludentes, apenas realçam alguns valores semântico-pragmáticos dos itens.

Com isso, estendemos aos MDs *bem* e *bom* o alerta de Rost Snichelotto (2009, p. 228) sobre os MDs *olha* e *vê*:

Não estamos afirmando que os MDs *olha* e *vê* estão desempenhando funções textuais, e sim que, em alguns contextos de uso, apresentam traços relacionais que, com a frequência de uso, podem vir a incorporar características de tais contextos e se regularizar em determinadas funções textuais.

É nessa direção também a afirmação de Castilho (1989, p. 273) de que um mesmo MD pode corresponder a mais de uma função mesmo que todos os MDs exerçam a função básica de organização do texto. Consoante a esta afirmação, Risso (1999) destaca que dificilmente uma forma desempenha uma única função, assim, nem sempre é possível distinguir os MDs que exercem a função textual daqueles que têm a função interacional, motivo pelo qual concordamos com os autores (CASTILHO, 1989; RISSO, 1999) e decidimos criar uma terceira macrofunção, possível no *continuum* funcional que defendemos, como se verá mais adiante.

Vejamos a definição e a exemplificação de cada uma das macrofunções:

a) **macrofunção:** interacional

A macrofunção articuladora interacional está relacionada à articulação do ato comunicativo pelo próprio falante e, segundo Rost (2002, p. 74), “caracteriza um maior grau de intersubjetividade, com uma sinalização clara da interação face a face e de um maior envolvimento dos parceiros conversacionais”. Essa macrofunção é responsável por expressar as diferentes intenções do falante (componente “orientado para o ouvinte” e “orientado para o falante”). Nesse sentido, Martins (2003) afirma que o foco de atenção no ato comunicativo pode refletir sobre o texto que está sendo produzido, sobre o próprio falante ou o interlocutor.

(25) E: falando do ensino básico que que o acesso ao ao ensino de língua estrangeira tu acha que, qual língua estrangeira que seria interessante, pras crianças na escola, hoje a gente tem o Inglês e como opção uma segunda língua geralmente o Espanhol né qual você acha, tá bom assim, ou você acha que qual língua seria bom oferecer? *Ensinado no ensino fundamental ou?

I: *eu acho que minimamente as duas mas **bem ...** não vejo que hoje as crianças saiam com o inglês ou um espanhol afiado da escola muito pelo contrário é uma coisa muito muito fraca. (CH-F-B-ES)

Na ocorrência (25), *bem* está inserido em um contexto no qual a presença do item parece suavizar uma possível resposta negativa do falante, em relação ao fato de as crianças não saírem da escola com conhecimento suficiente em línguas estrangeiras. Desta forma, a ocorrência apresenta traços da macrofunção interacional, pois o falante se preocupa com a reação do interlocutor frente a sua resposta.

b) **macrofunção:** interacional/textual

A macrofunção articuladora interacional/textual está relacionada à articulação

do ato comunicativo pelo próprio falante, ao mesmo tempo em que suas atenções estão voltadas para a organização do texto veiculado, ele também direciona o seu foco para a reação e para as atitudes do interlocutor frente a resposta.

(26) E: Há pouco tempo aconteceu o carnaval na TV passava bastante assim desfiles né e qual que é a tua opinião sobre o carnaval brasileiro?

I: **Bom**, eu acho...**bom**...depende da região onde a pessoa mora, por exemplo eu moro em Santa Catarina, que é mais afastado do Rio de Janeiro que é onde se comemora na verdade o carnaval [...]. (CH-F-C-EF)

Na ocorrência (26), *bom* encontra-se em um contexto em que o informante interrompe intencionalmente o seu discurso objetivando organizar suas ideias antes de dar sequência a seu raciocínio. O trecho da entrevista se refere a um assunto que demanda a opinião do informante e notamos sua preocupação não só com a coesão e com a manutenção do turno de fala como também com a preservação de sua face em relação ao ouvinte, sobre o que estava sendo dito. Desta forma, a ocorrência apresenta traços da macrofunção interacional/textual, pois o falante se preocupa com a reação do interlocutor frente a sua resposta

c) **macrofunção:** textual

A macrofunção articuladora textual está relacionada à articulação do texto produzido pelo falante. Essa macrofunção é responsável por organizar a atitude do falante diante do próprio texto e a estrutura deste ato comunicativo estará permeado de elementos que visem ao entendimento sobre o que está sendo dito. Görski (2004) afirma que essa macrofunção caracteriza um maior grau de subjetividade, com atuação em contextos que relacionam operações como argumentação, causalidade e exemplificação, responsáveis por contribuir com a organização da atitude do falante diante do próprio texto.

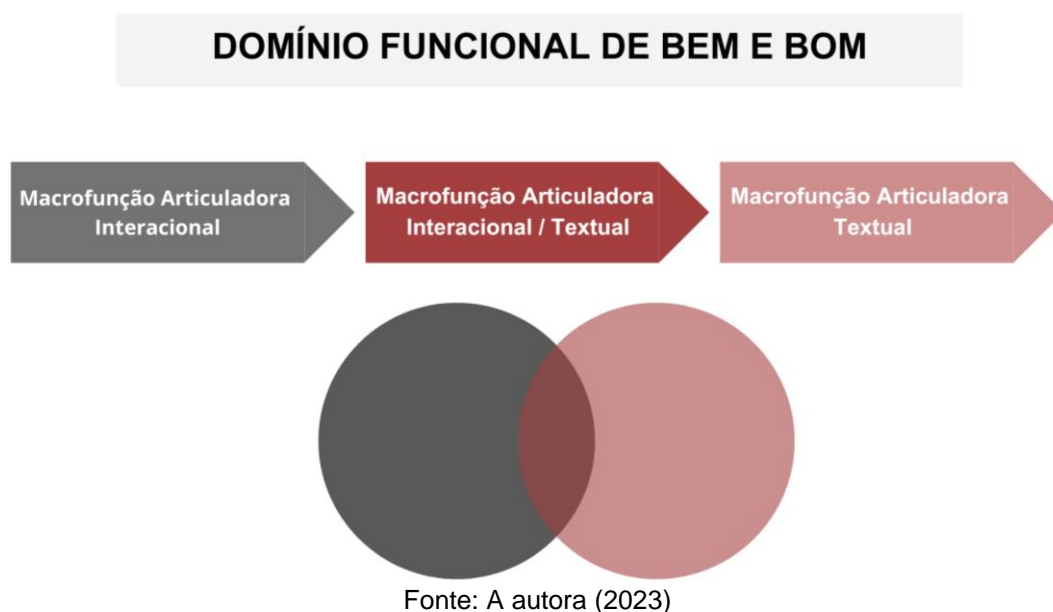
(27) E: E os teus tios moram aqui em Chapecó, na região ou são de longe?

I: Eu tenho alguns tios por parte do meu pai que moram aqui ainda, mas acho, se não me engano são apenas dois atualmente e o resto, **bom**, alguns já são falecidos, mas é Rio Grande do Sul aí Paraná. (CH-M-B-ES)

Na ocorrência (27), *bom* possui traços da macrofunção textual, pois o informante utiliza o item como forma de organização do texto, visando à coesão textual. Nesta ocorrência, o falante, ao utilizar o MD, objetiva sequenciar o turno explanando sobre os locais de moradia de seus familiares. Desta forma, a ocorrência apresenta traços da macrofunção textual, pois o falante se preocupa com a organização textual e com a coesão do texto entregue ao interlocutor.

Na sequência, para fundamentar a análise dos dados e a proposta de trajetória de mudança categorial e semântico-pragmática desta pesquisa, apresentamos a Figura 5 que ilustra o domínio funcional em que *bem* e *bom* atuam e suas respectivas macrofunções.

Figura 5 - Domínio Funcional dos MDs *bem* e *bom*



Segundo a Figura 5, na análise de algumas ocorrências dos MDs *bem* e *bom* da amostra do VMPOSC, identificamos alguns usos ambíguos na observação de traços contextuais \pm interacionais e \pm textuais, por isso nossa necessidade de incluir entre as duas macrofunções uma terceira macrofunção que captasse de modo mais preciso os valores semântico-pragmáticos dos itens. Vale lembrar que, no processo de mudança segundo a perspectiva funcionalista que assumimos, é prevista a distribuição das formas num *continuum* funcional e, nessa trajetória, também são esperados contextos de ambiguidade e/ou de sobreposição (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). Consoante a isso, Risso (2006) afirma que um MD pode estar destinado a atuar

em mais de uma macrofunção, pois o item desempenha uma função que estará inclinada a corresponder processos de envolvimento pessoal (maior subjetividade) e interpessoal (maior intersubjetividade) entre os sujeitos envolvidos no discurso.

Em relação aos estudos anteriores de *bem* e *bom* como MDs, em termos de frequência de uso, Martins (2003) identificou uma frequência mais alta de *bom* em relação a *bem* e uma tendência de *bom* se manifestar em contextos com traços mais interacionais e *bem* em contextos mais textuais. Contudo, cabe registrar que o estudo de Görski (2020) não segmentou os MDs em macrofunções como realizado por Martins (2003).

Portanto, em nosso estudo, consoante os resultados de Martins (2003), embora tenhamos distribuído os itens de acordo com as três macrofunções, presumimos que o MD *bom* tenha uma capacidade maior de transitar entre as três macrofunções, com predomínio na macrofunção interacional, enquanto o MD *bem* situa-se com mais frequência na macrofunção articuladora textual.

5.2.1.2 Resultados e análises

Apresentamos, na Tabela 8, a distribuição dos usos dos MDs *bem* e *bom* de acordo com as três macrofunções.

Tabela 8 - Distribuição dos usos de *bem* e *bom* em relação às macrofunções

Macrofunções	MDs					
	BEM		BOM		Total	
	N	%	N	%	N	%
Interacional	3	30	7	70	10	41,6
Interacional/textual	1	17	5	83	6	25
Textual	1	12,5	7	87,5	8	33,4
Total parcial	5	21	19	79	24	100
Total geral	24 dados					

Fonte: A autora (2023)

Segundo a Tabela 8, os resultados revelam que, dos 24 dados de MDs na amostra pesquisada, 10 dados (41,6%) ocorreram na macrofunção interacional, sendo que 3 (30%) são do MD *bem* e 7 dados (70%) são do MD *bom*; 8 dados (33,4%) se situam na macrofunção textual, sendo 1 dado (12,5%) do MD *bem* e 7 dados (87,5%) do MD *bom*; e 6 dados (25%) foram registrados no entremeio, isto é, na macrofunção interacional/textual, dentre os quais identificamos 5 MDs *bom* (83%) e 1 MD *bem* (17%).

Nossa amostra é bastante restrita em termos de frequência, mas é possível observar alguns indícios que confirmam parcialmente nossa expectativa com base em Martins (2003). O item *bom* ocorreu com maior frequência na macrofunção articuladora interacional, como esperado. No entanto, foi surpreendente encontrar a mesma quantidade de ocorrências desse item na macrofunção articuladora textual, contrariando nossa expectativa inicial.

Do mesmo modo, contrariando nossa expectativa, o item *bem*, que esperávamos encontrar com maior frequência na macrofunção articuladora textual devido ao seu caráter mais abstrato e orientado para o falante, foi identificado em maior quantidade na macrofunção interacional.

Por fim, cabe o destaque dos usos ambíguos que captamos na observação de traços contextuais \pm interacionais e \pm textuais, e que organizamos como a terceira macrofunção. Nesta macrofunção de entremeio, isto é, na macrofunção interacional/textual, a frequência de ocorrência do MD *bom* (5 dados) foi superior ao MD *bem* (1 dado).

Após a apresentação dos resultados gerais das macrofunções desempenhadas por *bem* e *bom*, na próxima subseção, vamos detalhar ainda mais a distribuição da multifuncionalidade dos MDs, caso em que esperamos certa especialização de uso.

5.2.2 Multifuncionalidade dos MDs *Bem* e *Bom*

Na seção 2.3, vimos que *bem* e *bom* são MDs multifuncionais, segundo

diversas pesquisas de diferentes autores brasileiros e estrangeiros. Entre eles podemos lembrar os trabalhos de Risso (1999, 2006), Martins (2003) e Görski (2020), que elencaram multifunções que esses itens podem desempenhar no PB, bem como os estudos de Travis (1998), Serrano (1999), De Fina (1997) e Waltereit e Detges (2007), que investigaram o espanhol e, estes últimos, o francês também. Além da investigação nas línguas românicas, Schourup (1985, 2016), Schiffrin (1987), Defour (2007), Sakita (2013) e Heritage (2015) analisaram a partícula *well* do inglês.

Schiffrin (2001, p. 58) destaca que

[...] embora marcadores tenham funções principais [...], seu uso é multifuncional. É esta multifuncionalidade em níveis diferentes do discurso que ajuda a integrar os vários processos simultâneos subjacentes à construção do discurso e assim ajuda a criar a coerência. (SCHIFFRIN, 2001, p. 58, tradução nossa).

Em relação aos processos simultâneos, cabe o alerta de Urbano (1999, p.198) de que pode ocorrer a “coocorrência e a sobreposição de funções dos MDs”, nas quais um mesmo MD pode estar situado em contextos em que poderá corresponder a mais de uma função

Martins (2003) descreveu um amplo quadro geral de macrofunções e funções que *bem* e *bom* assumem no discurso, considerando as definições apresentadas por alguns pesquisadores, conforme consta no Quadro 11:

Quadro 11 - Multifuncionalidade de *bom* e *bem* segundo Martins (2003)⁵¹.

Propriedade de chamada de atenção para a informação	
Funções da Macrofunção Interacional	Funções da Macrofunção Textual
<ul style="list-style-type: none"> - Avaliativa; - Questionadora; - Atenuadora (Silva; Macedo, 1996; Rost, 2002); - Planejamento Verbal (Risso, 1999; Urbano, 1999; Rost, 2002); - Prefaciadora (Schiffrin, 1987; Risso, 1999; Rost, 2002). 	<ul style="list-style-type: none"> - Retórica (Urbano, 1999; Rost, 2002); - Especificadora (Valle, 2001); - Diretiva (Rost, 2002); - Enumerativa (Silva; Macedo, 1996); - Sequenciadora (Silva; Macedo, 1996; Risso, 1999); - Finalizadora (Silva; Macedo, 1996); - Retomadora (Risso, 1999; Valle, 2001; Dal Mago, 2001).

Fonte: Martins (2003, p. 52)

51 Para verificar os exemplos apresentados para cada uma dessas funções de *bem* e *bom*, consulte Martins (2003, p. 144).

Görski (2020, p. 142) observou que os MDs *bom* e *bem* encabeçam três tipos de contexto sintático na fala do informante:

- (i) em abertura de turno – o informante responde de imediato a pergunta do entrevistador, faz algum tipo de rodeio antes de responder ou se contrapõe ao interlocutor;
- (ii) intraturno – o informante rompe em alguma medida o fluxo discursivo; dá continuidade ao fluxo discursivo; retoma algo interrompido para dar sequência; introduz algum tipo de esclarecimento à informação precedente; introduz discurso direto;
- (iii) fecha o turno/tópico.

A partir de cada uma dessas três posições em que os MDs se inserem no turno, Görski (2020)⁵² identificou 10 tipos diferentes de contexto:

- abertura de turno: resposta imediata convergente, preâmbulo e redirecionamento com ressalva;
- intraturno: redirecionamento do (sub)tópico, sequenciação, retomada, especificação de informação genérica, introdução de discurso direto e justificativa/avaliação;
- fechamento de turno/tópico: o MD encabeça uma conclusão em alguma instância.

Inspirados principalmente nas descrições de Martins (2003) e Görski (2020), devido à multifuncionalidade e ao caráter *continuum* dos itens, a seguir, elaboramos a distribuição dos contextos de ocorrências em que *bem* e *bom* se situam nas entrevistas do VMPOSC, objetivando contribuir com a proposta de trajetória funcional traçada, a partir dos dados de nossa amostra. Vejamos, no Quadro 12, essa distribuição em um *continuum* de nove funções segmentadas em três macrofunções:

Quadro 12 - Espectro funcional dos MDs *bem* e *bom* segundo a amostra do VMPOSC

Propriedade de chamada de atenção para a informação		
Funções da Macrofunção Interacional	Funções da Macrofunção interacional-textual	Funções da Macrofunção Textual
-Avaliativa/Justificativa	-Planejamento Verbal ⁵³ ;	-Diretiva (Rost, 2002; Martins,

52 Para verificar os exemplos apresentados para cada um desses contextos encabeçados por *bem* e *bom*, consulte Görski (2020, p. 144).

53 Na análise de nosso fenômeno, entendemos que a função de planejamento verbal encaixa-se no

(Martins, 2003; Görski, 2020); -Atenuadora/Modalizadora (Silva; Macedo, 1996; Rost, 2002; Martins, 2003; Santana, 2020); -Planejamento Verbal (Risso, 1999; Urbano, 1999; Rost, 2002; Martins, 2003);	-Sequenciadora ⁵⁴ (Risso, 1999; 2006 ⁵⁵)	2003, Görski, 2020); -Enumerativa (Silva; Macedo, 1996; Martins, 2003); -Retórica/Preâmbulo (Urbano, 1999; Rost, 2002; Martins, 2003, Görski, 2020); -Retomadora (Risso, 1999; Valle, 2001; Dal Mago, 2001; Martins, 2003; Görski, 2020); -Sequenciadora (Silva; Macedo, 1996; Görski, 2020).
---	---	---

Fonte: A autora (2023)

Como as macrofunções já foram descritas e exemplificadas detalhadamente na subseção anterior, na sequência, definimos e expomos algumas ocorrências ilustrativas de cada uma das nove funções desempenhadas pelos 24 itens de nossa amostra.

5.2.2.1 Função avaliativa

Bem e bom se situam contextos de avaliação/justificativa do conteúdo que está sendo exposto pelo próprio informante (MARTINS, 2003; GÖRSKI, 2020). Vejamos a seguir, exemplos dos itens inseridos no contexto avaliativo de acordo com a amostra analisada.

(28) E: - Você costuma acompanhar programas de rádio? de notícias sobre o país? Já pensou sobre a situação do ensino hoje?

I: - O ensino no Brasil é um dos mais precários que tem hããã, outros países mais desenvolvidos em questão de tecnologia, educação ou saúde e tudo, país mais, sei lá mais que mas se fala pelo menos no mundo que é praticamente perfeito é os Estados Unidos, mas.... aham da educação. **Bom**, a educação aqui no Brasil a eles, como eu falei, tem muitos políticos corruptos que desviam dinheiro para eles

entremeio entre as macrofunções interacional e a textual. Entretanto, a depender do fenômeno investigado, Martins (2003), Risso (1999), Urbano (1999) e Rost (2002) classificaram-na apenas na macrofunção interacional.

54 Em nosso estudo entendemos que a função sequenciadora encontra-se mais propensa a atuar na macrofunção interacional/textual, entretanto, considerando o contexto a função estará situada mais à esquerda ou mais à direita do *continuum*.

55 Em seus estudos, Risso (1999, 2006) classificou a função sequenciadora na macrofunção interacional/textual.

mesmos, para outras coisas que poderiam ser voltadas para a educação que na minha opinião é uma coisa muito importante porque os jovens de hoje podem ser o futuro do Brasil ou do mundo, que eles poderiam se importar mais (CH-F-C-EF, 34'41).

(29) E: - Você costuma acompanhar programas de notícias sobre a cidade ou o país? Por que algumas pessoas se afastam da religião hoje?

I: - Por causa da cultura de cada local, da família... tem muitos jovens revoltados também que... **Bom...** eles falam do tipo de música também que influencia bastante, tem o rock, o rock tem alguns que falam sobre o demônio esse tipo de coisa que influenciam bastante que qualquer coisa de ruim que acontece na vida deles eles ficam traumatizados. E daí porque muitas coisas mudaram, a igreja é bem restrita... às religiões sobre algumas coisas e eles não admitem muitas coisas, tanto a igreja evangélica você não pode beber ou essas coisas, mas tipo ouvir qualquer tipo de música que você vai ouvir também (CH-F-C-EF, 38'03).

Em (28), o entrevistador faz uma pergunta que engatilha no informante uma opinião sobre a situação educacional do Brasil, o qual se posiciona negativamente sobre as atitudes dos políticos frente as demandas governamentais. Enquanto em (29), o entrevistador também instiga a mesma informante a justificar seu ponto de vista acerca da atitude dos jovens diante das situações cotidianas da vida.

5.2.2.2 Função atenuadora

Bem e bom introduzem contextos de atenuação nos quais o falante evita dar uma resposta imediatamente negativa à pergunta do entrevistador. Em outras palavras, a sua resposta deixa o entrevistador com a incerteza da afirmação dita pelo falante. **(30)** “*Bom*, que eu saiba não” (SILVA; MACEDO, 1996, p. 41).

Para Rost (2002), os itens atenuadores “introduzem contextos que apresentam um não comprometimento do falante com as informações, indicando uma posição de incerteza em relação ao que será dito em seguida”. É o que podemos observar na ocorrência 31:

(31) E: - Por que você acha que as pessoas não vão na igreja mais, deixam de ir... deixam de seguir a religião?

I: - **Bom** ... na verdade eu não sei direito [...]” (CH-F-C-EF, 42’08).

Em (31), a informante demonstra insegurança quanto à opinião sobre o assunto tratado na pergunta feita pelo entrevistador e por este motivo prefere manter sua resposta na incerteza: “na verdade eu não sei direito”.

(32) E: - E como é que eles são os teus vizinhos?

I: - **Bom**, a gente não costuma se falar muito assim, mas quando a gente se fala eles são legais, eles ajudam. (CH-M-C-EF, 16’44).

Para Rost (2002, p. 62), “o emprego de elementos atenuadores parece diminuir a força ilocutória dos enunciados opinativos e, assim, faz com que o locutor não se veja comprometido com os juízos emitidos”. Em (32), como a informante não costuma falar com os vizinhos, a sua única opinião é sobre as poucas ocasiões nas quais há contato com eles.

(33) E: - Sobre o trânsito da cidade, que que cê acha como é que se comporta os motoristas e pedestres?

I: - Eu acho que... o trânsito de Chapecó é muito ruim, eu acho que... é muito carro, é muito pedestre maluco, é muito motorista maluco, é muito semáforo o trânsito não flui ... **bem**... enfim de uns anos para cá virou um caos né com as coisas que há agora não dá mais para virar a esquerda, há não sei o que né, enfim eu acho que tem um trânsito muito pesado, é complicado. (CH-M-B-ES, 23’47).

Percebemos que, em (33), o informante disserta sobre o trânsito de Chapecó mas emprega o MD *bem* para atenuar a sua resposta negativa/ruim sobre a situação, enquanto segue com a avaliação do cenário apresentado. Diante disso, entendemos que nesta ocorrência *bem* se insere em contextos de atenuação de uma avaliação aparentemente negativa por parte do informante.

Santana (2020, p. 217) denominou essa mesma função como modalizadora. O autor pontua que

[...] a função modalizadora ocorre em processo discursivo que requer um posicionamento ou atitude do falante sobre determinado assunto projetado pelo interlocutor em um ato de fala. Por essa razão é comum que emoções, hesitação, insegurança, dúvida, bem como a necessidade de improvisar e reformular a sequência de ideias venham à tona.

Esse tipo de contexto também pode ser caracterizado pela presença de pausas prolongadas de algumas sílabas, repetições de palavras e uso de expressões como “não sei” ou “como é que diz...”, além de outras estratégias utilizadas para a composição de opiniões avaliativas sobre assuntos mais delicados e/ou de maior complexidade para o comunicador.

Vejamos a ocorrência de *bem dizer assim* em um contexto de atenuação:

(34) E Complicado né...

I: *É... eu até já fui até assim convi... teve uma escola que eu assim trabalhei ano passado que tinha um funcionário de 40 horas que ia trabalhar 20, 25 horas por semana no té (inint) no laboratório de informática, porque ele e o diretor iam juntos no mesmo carro trabalhar e o diretor virava e mexia, tinha que vim pro centro daí o técnico vinha antes e eles fechavam o laboratório de informática, e deixavam só os professores né uma escola de interior né, e daí como eu tinha uma função de coordenação, quando me os professores reclamaram pra mim que, o laboratório tava fechado e eles não podiam me entregar uns documentos, eu já fui na veia do diretor e disso ó, né, falei numa reunião falei ó i ó eu tenho um problema aqui que não tão me entregando os documentos por que o laboratório ta fechando então, o técnico teria que ficar porque ele é contratado 40 horas, fui convidado a sair da escola **bem dizer assim**, não por que se tu não ta de acordo a escola sempre funcionou assim, e se tu não ta de acordo [...] (CH-F-C-EF, 19'44).

Em (34) percebemos que *bem* na expressão **bem dizer assim** atua como um marcador modalizador, pois modaliza o discurso, uma vez que, em vez de dizer claramente que o informante quase foi demitido do trabalho, ele diz de uma forma atenuada: “*fui convidado a sair da escola bem dizer assim*”. Ouvindo o restante do trecho da entrevista, o informante também utiliza pausas longas e demonstra indignação com os fatos ocorridos em seu local de trabalho.

5.2.2.3 Função de planejamento verbal

Bem e *bom* se inserem em contextos que evidenciam a intenção simultânea do falante na manutenção do contato com o interlocutor e no ganho de tempo enquanto

organiza as informações a serem ditas. Geralmente o que ocorre é que os itens são inseridos em alguns contextos em que o falante necessita de tempo para organizar as suas ideias a fim de dar sequência no seu discurso.

Silva e Macedo (1996) nomeiam esta função como preenchedores de pausas⁵⁶, enquanto Risso (1999, p. 277) afirmou que as palavras *bom*, *olha* e *ah* funcionam como enchimentos verbais que funcionam fundamentalmente para manter o canal de interlocução aberto, pois nem sempre o informante está preparado para um pronto atendimento a cada nova questão.

Para Martins (2003), essa função se refere à organização textual, ou seja, o falante pode fazer uso destes itens para ganhar tempo na construção da fala antes de dar sequência ao seu discurso. Adotamos essa mesma denominação em nossa pesquisa, porém entendemos que essa função esteja no entremeio entre a função interacional e a textual, ou seja, na macrofunção interacional/textual, justamente porque o falante mantém a atenção do interlocutor ao mesmo tempo em que encadeia suas informações.

Vejamos algumas ocorrências desse tipo encontradas na amostra do VMPOSC:

(35) E: - Vizinhança rotativa. Sim, entendi.

I: - E eu lembro que... a casa que a gente morava ... era a casa que ficava ao lado da casa do meu avô né então, o terreno era o mesmo, era o mesmo terreno e, duas casas... i... quando ele faleceu a gente teve que sair dali só que [inint] (pausa longa). **Bom....** era muito para entender as coisas eu sei que rolou uma certa pressão para que a gente saísse... (CH-M-B-ES,19'37).

No exemplo acima, *bom* se insere em um contexto em que atua como elemento de planejamento verbal, pois o informante objetiva organizar o seu raciocínio antes de dar continuidade a seu discurso. É perceptível que o informante está relembando fatos marcantes de sua vida.

Vejamos mais um exemplo:

(36) E: - E, Claudson antes você comentou né sobre o teu trabalho, que você tá se organizando agora, com né com dois trabalhos, você pode falar um pouquinho do dos teus trabalhos e como que é lá na escola, e como que é aqui agora, também na oficina.

56 Urbano (1999) caracteriza este tipo de contexto com a função retardadora.

I: - É, ham.... **bem**.... a escola é, eu sou né, então minha graduação sou professor de ciências e biologia, trabalho desde 2007 em escolas estaduais, e a dificuldade é grande de ser professor assim, uma porque ham, os contratos no estado ham, ainda do professor público de, de educação básica ele é um contrato temporário né, são poucos concursos, a maioria das escolas tem a maioria quase de professor. (CH-M-B-ES,15'25).

Em (36) é perceptível que o informante ao mencionar sobre o seu trabalho seu discurso apresenta traços de hesitação e a pausa longa após o MD *bem* é utilizada para que ele organize mentalmente as informações a serem transmitidas na sequência discursiva.

5.2.2.4 Função enumerativa

Bem e *bom* introduzem contextos em que o falante enumera fatos. Para Martins (2003, p. 49), os falantes fazem uso destes MDs como forma de indicar um contexto que enumera situações, acontecimentos, podendo ser caracterizado com expressões como: “primeiro isso, segundo aquilo”.

Consoante a Martins (2003), Silva e Macedo (1996, p. 41) afirmam que principalmente o MD *bom* parece ser bastante usado em enumerações. Vejamos o exemplo das autoras:

(37) “**Bom**, eu acordo às seis e meia, vou para escola, meu pai me leva - quer dizer, meu pai me deixa perto da escola, não é? É só um pouquinho de eu andar, aí venho, chego da escola, tiro o uniforme...” (MACEDO; SILVA, 1996, p. 42, grifo nosso).

No exemplo acima, mesmo que o falante não utilize as expressões que denotam ideia de sequência de fatos, ele faz referência a sua rotina enumerando alguns momentos do seu cotidiano: a sequência de ações pela manhã logo ao acordar até o retorno para casa após o término de sua aula.

Vejamos na sequência uma ocorrência de *bom*⁵⁷ em contexto enumerativo na amostra do VMPOSC:

(38) E: - Dois irmãos. Você é o mais novo, mais velho?

I: - **Bom...** tem o meu irmão é de dois anos e, daí, tem a minha irmã que é mais velha que eu e tem o outro irmão que é bem mais velho que ela. Daí, eu sou só mais velho que o meu irmãozinho ali (CH-M-C-EF, 06'48).

Em (38), a pergunta feita pelo entrevistador contribui para o contexto de enumeração, demonstrando uma posição ativa diante do informante. Em resposta, o informante descreve o número de irmãos que possui e relata a idade de cada um.

5.2.2.5 Função sequenciadora

Bem e *bom* introduzem “um novo fato/comentário dando continuidade à resposta em curso, podendo retomar parcialmente a informação precedente para então prosseguir” (GÖRSKI, 2020, p.143). Em determinados contextos, *bem* e *bom* atuam na macrofunção textual “demarcando as grandes partes de uma exposição ou, em plano mais pontualizado, abrindo lances menores de informações integradas na constituição interna de um determinado tópico” (RISSO, 1999, p. 494).

Essa sequenciação também foi observada por Silva e Macedo (1996) afirmando que os itens marcam a sequência de um discurso e podem estar acompanhados de elementos de função sequenciadora como: *mas*, *aí*, *então*, *e*.

Conforme Risso (1999), *bem* e *bom* possuem a função textual-interativa e geralmente são utilizados em turnos de abertura ou na função sequenciadora do discurso. Risso (2006, p. 495) afirma que *bem* e *bom* são estruturas de forte acento interpessoal, em que se confrontam as opiniões dos interlocutores sobre um fato em consideração. A autora acrescenta que o estatuto prototípico concessivo assumido

57 O MD *bem* não foi localizado nesse tipo de função em nossa amostra.

por *bom* e *bem*, na mediação de lances típicos de consentimento ou admissões parciais de pontos de vista.

Em seu estudo, apesar de Risso (2006) identificar que a função sequenciadora corresponde ao maior envolvimento dos parceiros conversacionais, em contrapartida consideramos que esta função também está envolvida na atitude do falante diante do próprio texto, ou seja, enquadra-se como macrofunção interacional/textual.

Schiffrin (1987, 2003) em seu estudo de *well* identificou este marcador discursivo também na função sequenciadora.

Retomemos um exemplo de ocorrência de *bom*⁵⁸ extraído da amostra do VMPOSC:

(39) E: - Uhum. E quando você sabe que ele está bom?

I: **Bom... aí** só experimentando sabendo né se ficou bom ou não. (CH-M-C-EF, 15'21).

No exemplo acima **bom...aí** atuam como elementos sequenciadores do discurso, bem como encontram-se no início do turno, deixando implícito um ponto dúvida em relação ao argumento do interlocutor.

5.2.2.6 Função diretiva

Bem e *bom* remetem a contextos em que o falante vai direto à informação que lhe foi solicitada, portanto os itens introduzem um contexto de imediatismo da resposta esperada pelo entrevistador (MARTINS, 2003, p. 48-49).

Trata-se, segundo Görski (2020, p. 143), de uma “resposta imediata convergente: o MD introduz uma resposta direta, colaborativa, pertinente ao teor da pergunta, conforme o esperado pelo entrevistador”.

Vejamos um exemplo desse emprego do MD *bom*⁵⁹ em nossa amostra:

58 O MD *bem* não foi localizado nesse tipo de função em nossa amostra.

59 O MD *bem* não foi localizado nesse tipo de função em nossa amostra.

(40) E: - E os teus tios moram aqui em Chapecó, na região ou são de longe?

I: - Eu tenho alguns tios por parte do meu pai que moram aqui ainda, mas acho, se não me engano são apenas dois atualmente e o resto, **bom**, alguns já são falecidos, mas é Rio Grande do Sul aí Paraná. (CH-F-B-ES, 9'24).

Em (40), o informante responde de imediato a pergunta elaborada pelo entrevistador. O uso de *bom* não impede que o falante siga normalmente o seu discurso. Neste contexto, o falante segue o turno sem interrupções.

5.2.2.7 Função retórica / questionadora

Bem e *bom* ocorrem em um contexto no qual o falante formula uma pergunta que ele mesmo responde na sequência discursiva. Görski (2020, p.143) denominou essa função de “preâmbulo: o MD introduz um fundo/contextualização/repetição da pergunta que retarda, em alguma medida, o atendimento ao tópico proposto pelo entrevistador”.

Vejamos o exemplo de uso do MD *bom*⁶⁰ em uma ocorrência extraída de nossa amostra:

(41) E: - E sobre as férias Marizete, o que que você costuma fazer nas férias?

I: - O que que eu costumava fazer? **Bom...**(CH-F-B-ES, 34'45).

Em (41) o falante formula uma pergunta retórica que ele mesmo responde na sequência. Nesse sentido, *bom* inicia a auto-resposta, caracterizando o efeito de subjetividade do falante frente ao interlocutor.

Nesta ocorrência costumeiramente o entrevistador faz uma pergunta. Ao invés de responder de imediato, o falante responde com uma outra pergunta. Em (41) a interlocutora faz uma pergunta e, sem permitir que o entrevistador prossiga com seu

60 O MD *bem* também não foi localizado nesse tipo de função em nossa amostra.

turno, ela mesma responde, fazendo um novo questionamento.

5.2.2.8 Função retomadora

Bem e bom atuam em contextos que funcionam na retomada de um ponto suspenso (Martins, 2003, p. 51). Risso (2006, p. 493) afirma que a atuação funcional de *bem* e *bom* estende-se às operações de retomada de um ponto de relevância temporariamente suspenso, em razão da interposição de informações subsidiárias incidentes na informação básica que vinha em curso. Görski (2020, p.143) nomeou essa função também como de retomada: “o MD sinaliza retomada do fluxo informativo interrompido por digressões de diferentes extensões (não deixa de envolver também um certo redirecionamento)”.

Antes de passarmos para o exemplo do item em contexto retomador na nossa amostra, cabe-nos uma contextualização sobre o desenvolvimento da ocorrência. Nos tópicos anteriores da entrevista⁶¹, o informante discorre sobre a sua infância, sua família e faz uma explicação saudosa e detalhada de sua antiga rotina familiar. Na sequência, ele comenta sobre os vizinhos e os vínculos emocionais firmados naquela época. Ele interrompe o assunto (vizinhança) e segue comentando sobre o que sentia falta na casa antiga, sobre os membros de sua família e sobre como foi difícil conviver com tantas mudanças em sua vida. Logo em seguida o entrevistador retoma o questionamento sobre a vizinha do informante:

(42) E: - E hoje como que é o teu relacionamento com a vizinhança? Tem contato? Ou não tem contato?

I: - Quando a gente mudou para o centro de novo [inint] já não tinha... **bom** já tinha dezenove anos não tinha... ali... não temos vizinhos né com, com a mesma idade, por exemplo do lado, do lado direito é um cara, um pai de família ali com as filhas, já bem velhas. Atrás de casa também uma senhora com os dois filhos assim já bem de idade do outro lado da rua outro casal ...(CH-M-B-ES, 21'07).

61 O trecho completo desta entrevista encontra-se no Anexo A.

Observando a ocorrência (42), percebemos que o item *bom* contribui para a retomada do tópico que estava suspenso. Neste caso o item atua recuperando informações interrompidas devido à mudança de assunto. Entendemos que *bom*, nesta ocorrência, atua como retomador de um tópico objetivando detalhá-lo menor ou dar ênfase ao que foi perguntado pelo entrevistador.

Vejamos outro exemplo do MD *bem* em contexto retomador:

(43) E: - Vizinhança rotativa.

I: - É, uma vizinhança rotativa, **bem isso**, mas claro que tinha sempre os de sempre, tinha. Era um pessoal que a gente sempre brincava ali na rua né. Era uma rua movimentada durante o dia mas depois do horário comercial assim era bem tranquilo né. I depois a gente mudou pro Presidente Médice né, que lá foi onde eu comecei a ter umas amizades... mais...mais concretas, entres aspas, assim que foram mais duradouras, vamos dizer. I... só que ali no bairro tinha poucos amigos né aí o que acabava acontecendo que minhas, as minhas maiores relações eram com amigos do colégio né. Mas... mas ali ainda no Presidente Medice eu já tenho umas lembranças assim mais, é... mais vivas... (CH-M-B-ES, 17'41).

Ao analisar esta ocorrência percebemos que *bem* assume o papel de MD desempenhando a função de retomador, uma vez que resgata a informação dita nos trechos anteriores de seu discurso, atuando como agente anafórico direto. Na concepção de Marcuschi (2005, p. 55), o termo anáfora é usado para designar expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais (retomando-os ou não), contribuindo assim para a continuidade tópica e referencial. Neste sentido, *bem isso* remete a uma anáfora direta, confirmando a informação dita anteriormente retomando a afirmação de que a vizinhança era rotativa⁶² tendo em vista que novos vizinhos se mudavam frequentemente para o bairro.

62 **E:** - Na tua infância como era ... Chapecó? *Antigamente lá na tua infância? Muito diferente? *Igual? * Mais ou menos?

I: - Ah intão na minha infância eu tinha uma perspectiva um pouco ... né do bairro, assim né, que... quando eu nasci eu não, hã a gente morava no centro, aí a gente foi para um local um pouquinho, que é centro ainda mais um pouco mais afastado que era ali próximo a Aurora, então boa parte da minha infância eu passei ali até os dez anos, eu passei ali. I... eu lembro que tinha, tinha sempre muitos, muitos vizinhos ali a pesar de que é, a casa próxima assim logo ao lado da nossa, sempre, távam, sempre tinha um vizinho diferente era uma casa alugada então ficava um tempo um, ficava um tempo outro, isso eu recorde que tive vários ... (CH-M-B-ES, 17'00).

A análise qualitativa da multifuncionalidade de uso dos MDs *bem* e *bom* feita até aqui já deixa antever, de um lado, que os itens compartilham os contextos de avaliação, atenuação, planejamento verbal e retomador. Por outro lado, apresentam especialização de uso nos contextos de enumeração, sequenciação e diretiva, tendo em vista que não localizamos dados de *bem* nesses respectivos contextos.

De igual forma, os resultados de Martins (2023, p. 71) apontaram especialização no uso de *bom* e *bem* considerando a identificação de macrofunções/funções:

[...] quanto à escolha de *bom* temos as funções prefaciadora (0,89) e atenuadora (0,69), ambas inseridas dentro da macrofunção articuladora interacional; ao contrário, as que favorecem o uso de *bem* se classificam na macrofunção articuladora textual: enumerativa (0, 33), retomadora (0,34), sequenciadora (0,22) e finalizadora (0,20).

Por outro lado, a reanálise de Gorski (2020) revelou que todos os tipos de contexto encabeçados pelos MDs *bem* e *bom* (resposta imediata convergente, preâmbulo, redirecionamento com ressalva; redirecionamento do (sub)tópico, sequenciação, retomada, especificação de informação genérica, introdução de discurso direto, justificativa/avaliação e fechamento de turno/tópico) são compartilhados por ambos os itens.

Portanto, dada nossa análise qualitativa que já identificou especialização de uso de *bom* nas funções diretiva, retórica/questionadora e sequenciadora, nossa expectativa, baseada em Martins (2003), é que, de modo geral, o MD *bom* também transite entre as funções avaliativa/justificativa e atenuadora/modalizadora, ao passo que o MD *bem* trafegue na função enumerativa. Acreditamos, por fim, que a função de planejamento verbal será compartilhada pelos dois MDs.

Finalizada a exposição geral das funções desempenhadas por *bem* e *bom* em diversos contextos de uso na amostra do VMPOSC, na próxima subseção, vamos detalhar os resultados acerca da multifuncionalidade de uso dos MDs.

5.2.2.9 Resultados e análises

Apresentamos a seguir a distribuição da multifuncionalidade de uso dos itens *bem* e *bom* de acordo com os valores semântico-pragmáticos evidenciados em nossa amostra (Tabela 9):

Tabela 9 - Distribuição da multifuncionalidade de *bem* e *bom* na amostra do VMPOSC

Funções	MDs					
	BEM		BOM		Total	
	N	%	N	%	N	%
Avaliativa	1	20	4	80	5	21
Atenuadora/ Modalizadora	2	40	3	60	5	21
Diretiva	-	-	1	100	1	4
Enumerativa	-	-	4	100	4	17
Planejamento Verbal	1	20	4	80	5	21
Retomadora	1	50	1	50	2	8
Retórica/ questionadora	-	-	1	100	1	4
Sequenciadora	-	-	1	100	1	4
Total	5	21	19	79	24	100
Total Geral	24 dados					

Fonte: A autora (2023)

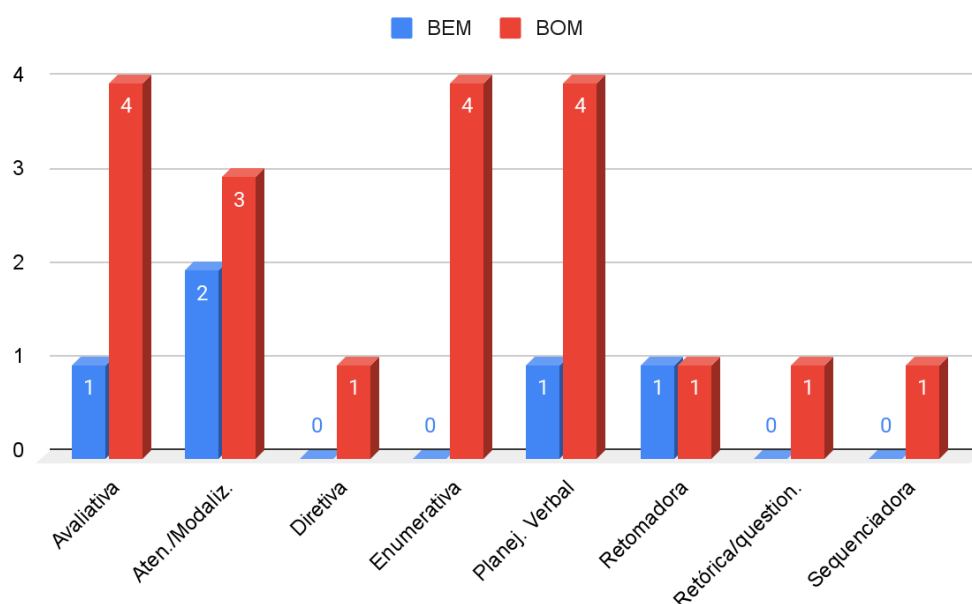
Apesar do cuidado que estamos tendo na análise quantitativa devido à limitação de nossos dados, a Tabela 9 já deixa antever alguns indícios interessantes quanto aos diferentes valores semântico-pragmáticos dos MDs *bem* e *bom*. Do total de 24 ocorrências dos itens, identificamos a mesma distribuição (1 ocorrência) de *bom* nas funções diretiva, retórica/questionadora e sequenciadora, correspondendo apenas a 12% da amostra. Trata-se, portanto, de contextos em que evidenciamos uma especialização no uso do MD *bom*, visto que não localizamos o uso do MD *bem*

nesses mesmos tipos de contextos na amostra do VMPOSC. Segundo Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007, p. 82), a frequência de uso de uma determinada forma pode ser indício de especialização e de que, por essa razão, essa forma esteja mais adiantada no processo de gramaticalização.

Sobre os contextos de uso compartilhados por ambos os itens, conforme verificado por Görski (2020), destacamos que, do total de 24 ocorrências de *bem* e *bom*, na função retomadora, tanto o primeiro quanto o segundo item ocorreram apenas uma vez, representando apenas 8% da amostra. No entanto, observamos uma diferença na distribuição dos termos na função avaliativa e na função de planejamento verbal, com uma ocorrência de *bem* e quatro ocorrências de *bom*, representando 42% da amostra. Além disso, na função atenuadora/modalizadora, identificamos duas ocorrências de *bem* e três ocorrências de *bom*, correspondendo a 21% da amostra.

O Gráfico 2 ilustra a distribuição de *bem* e *bom* de acordo com as funções identificadas na amostra oral do VMPOSC.

Gráfico 2 - Distribuição de *bem* e *bom* por função segundo a amostra oral do VMPOSC



Fonte: A autora (2023)

O Gráfico 2 apresenta quatro contextos de atuação do MD *bem*: atenuadora/modalizadora, avaliativa/justificativa, planejamento verbal e retomadora.

Nas funções diretiva, enumerativa, modalizadora, retórica/questionadora e sequenciadora não localizamos nenhuma ocorrência de *bem* na amostra do VMPOSC.

Quanto aos contextos de atuação do MD *bom*, o Gráfico 2 revela usos desse item em todas as funções descritas: avaliativa/justificativa, atenuadora/modalizadora, diretiva, enumerativa, planejamento verbal, retomadora, retórica e sequenciadora.

Nossa expectativa, baseada em Martins (2003), foi confirmada no que tange aos valores semântico-pragmáticos dos contextos de uso do MD *bom*, pois esse item transitou entre as funções avaliativa/justificativa e atenuadora/modalizadora. Porém, também foram observados usos desse MD nas demais funções em que esperávamos especialização de uso do MD *bem*. Quanto a este último MD, tínhamos a hipótese de que transitasse em contexto de função enumerativa, o que não ocorreu. Por fim, nossa suposição de que a função de planejamento verbal fosse compartilhada pelos dois MDs foi confirmada.

6. CORRELAÇÃO ENTRE OS MDS E OS FATORES LINGUÍSTICOS E EXTRALINGUÍSTICOS

Neste capítulo, cumprimos nosso segundo objetivo específico que é correlacionar os usos dos MDs *bem* e *bom* aos fatores de natureza linguística (posição) e aos fatores extralinguísticos como sequências discursivas e características socioculturais dos interlocutores na interação (estilísticos) e faixa etária, sexo e escolaridade (sociais). Como mencionado na Metodologia, optamos por controlar e apresentar na subseção 5.5 os fatores extralinguísticos somente como forma de complementação do estudo sincrônico.

6.1 CORRELAÇÃO ENTRE MDS E FATORES LINGUÍSTICOS

Nesta subseção passamos a correlacionar *bem* e *bom* ao fator linguístico posição, a fim de ajudar a descrever mais detalhadamente o comportamento dos itens na amostra de fala dos informantes de Chapecó. O resultado relativo ao fator linguístico checado a seguir foi extraído principalmente das pesquisas de Risso (1999, 2006), Martins (2003) e Görski (2020).

Vejamos o detalhamento da posição dos MDs na sequência.

6.1.1 Relação entre MDs e posição

6.1.1.1 Caracterização e hipóteses

Os MDs podem ocupar as posições inicial, intermediária (conhecida também como intraturno) e final no turno da entrevista. A posição no enunciado, sintaticamente

falando, está relacionada à articulação do tópico na conversação, de caráter mais discursivo, entendendo-se tópico como “aquilo acerca do que se está falando” (BROWN; YULE, 1983 *apud* FÁVERO, 1999, p. 38).

Estudos anteriores de Marcuschi (1989), Silva e Macedo (1996) e Risso (1999) constataram que, em 80% dos casos, os marcadores discursivos ocupavam a posição inicial e/ou medial. Como MDs iniciadores, na concepção de Silva e Macedo (1996, p. 11), *ah, bom, bem, não, olha, ih, espera* organizam o discurso na introdução do discurso direto, marcando o início de turnos. Além desse estudo, a posição também foi um fator linguístico controlado nas pesquisas de Risso (2006), Martins (2003) e Görski (2020).

Risso (1999, 2006) definiu os itens *bom, bem, olha e ah* como MDs de abertura em estruturas de pares adjacentes, identificando-os como elementos prefaciadores textual-interativos (2006, p. 470) e seus usos objetivam auxiliar o falante na elaboração de sua resposta ou exposição dos fatos. Logo, para Risso (1999, p. 262), é invariavelmente inicial a posição ocupada pelos MDs. Entretanto, ao mobilizarem diferentes instâncias de aberturas, como operações de exemplificação, de citações, de reintrodução de uma sequência discursiva temporariamente suspensa, de movimentos argumentativos de ressalvas, concessões, entre outros aspectos, a posição ocupada por esses itens se define como inicial ou intermediária.

Martins (2003) identificou a recorrência dos itens *bom* e *bem* atuando como MDs em distintas posições no discurso, tais como: abertura de turnos de respostas, intraturno, abertura de turno sem pergunta e abertura de fala citada. Os resultados de Görski (2020), por sua vez, apontam que *bom* e *bem* ocorrem na abertura de turno, no intraturno e no fechamento de turno/tópico. De modo específico, segundo esta autora, enquanto *bom* predomina em abertura de turno, *bem* prepondera em posição intraturno, notadamente em contextos de retomada e sequenciação.

Feita essa breve caracterização, na sequência, definimos e expomos algumas ocorrências ilustrativas de cada uma das posições desempenhadas pelos MDs em nossa amostra.

6.1.1.2 Posição inicial

A posição inicial é conhecida como abertura de turno, no qual o “informante responde de imediato a pergunta entrevistador, faz algum tipo de rodeio antes de responder ou se contrapõe ao interlocutor” (GÖRSKI, 2020, p.142).

Para otimizar a análise das ocorrências em início de turno, consideramos a divisão em: abertura de turno de resposta e abertura de turno sem pergunta. Vejamos a seguir, ocorrência (44) em que o item *bom*⁶³ se situa em posição inicial em abertura de turno de resposta:

(44) E: - Uhum. E quando você sabe que ele está bom?

I: **Bom, aí** só experimentando sabendo né se ficou bom ou não. (CH-M-C-EF, 15'21).

Na ocorrência (45), *bom* introduz o turno e auxilia no desenvolvimento do conteúdo proferido pelo informante.

Na ocorrência a seguir, o informante faz uso de *bom* no início do turno para introduzir um contexto de exemplificação:

(45) E:- E ... E... como está a situação dos idosos no país?

I: - **Bom**, aqui em Chapecó tem a cidade do idoso que é um lugar onde eles podem fazer ginástica, conversar...várias coisas que tem interessante para eles fazer [...]. (CH-F-C-EF, 26'59)

No diálogo apresentado, o entrevistador (E) faz uma pergunta sobre a situação dos idosos no país, e a entrevistada (I) introduz a resposta com o MD *bom* mencionando a cidade do idoso em Chapecó. Ela destaca que nesse local os idosos têm a oportunidade de praticar ginástica, conversar e realizar outras atividades interessantes. Essa resposta indica que existem iniciativas específicas voltadas para o bem-estar e o envolvimento dos idosos na comunidade de Chapecó.

63 O MD *bem* não foi localizado nesse tipo de posição em nossa amostra.

6.1.1.3 Posição intermediária

A posição intermediária dos itens pode ser definida a partir do momento em que se percebe a interrupção do fluxo discursivo, ou a continuidade do discurso, ou a retomada de algo interrompido para dar sequência ou ainda a introdução de algum tipo de esclarecimento à informação precedente (GÖRSKI, 2020, p. 147).

Nesta pesquisa segmentamos a posição intermediária em duas subposições: posição intermediária intraturno e posição intermediária intratópica. Para otimizar a análise, a seguir apresentamos as diferenças entre essas subposições com seus respectivos exemplos.

6.1.1.3.1 Posição intraturno

A posição intraturno dos itens pode se dar principalmente em contextos de retomada e sequenciação no caso do MD *bem*, segundo Görski (2020, p. 147). Segundo a autora, os contextos de *bem* e *bom* em posição intraturno são bastante significativos à medida que apontam para estratégias de organização textual/discursiva do falante, que vai sinalizando tanto para o encadeamento sequencial das informações, como para retomadas, rupturas, esclarecimentos ou citações. Vejamos uma ocorrência de *bom* em posição intraturno:

(46) E: - E hoje como que é o teu relacionamento com a vizinhança? Tem contato? Ou não tem contato?

I: - Quando a gente mudou para o centro de novo [inint] já não tinha... **bom** já tinha dezenove anos não tinha... ali... não temos vizinhos né com, com a mesma idade, por exemplo do lado, do lado direito é um cara, um pai de família ali com as filhas, já bem velhas. Atrás de casa também uma senhora com os dois filhos assim já bem de idade do outro lado da rua outro casal ...(CH-M-B-ES, 21'07).

Na ocorrência (46), *bom* se insere em um contexto que contribui para a

retomada de um tópico suspenso, isto é, o tópico proposto pelo entrevistador era sobre o contato com os vizinhos na atualidade, mas o informante inicia a resposta tratando da mudança para o centro. Em outras palavras, o item atuou recuperando informações interrompidas devido à interrupção do discurso.

6.1.1.3.2 Posição intratópico

A posição intratópico, para Risso (2006, p. 492), diz respeito à ocorrência dos MDs no interior do tópico, dando entrada a porções menores de informações, integradas no conjunto de referentes que o constituem. A autora complementa que se destaca nesta instância a operação exemplificadora, visível na seguinte ocorrência:

(47) Entrevistador: Então você falou que você também é cozinheira, como que se prepara um prato então? escolhe um assim, mais fácil.
I: Bom, eu gosto de fazer frango xadrez, daí é frango com legumes e daí cozinha o frango depois faz um refogado, umas coisas tipo. **Bom** os acompanhamentos são: batata pra fazer salada, lasanha eu fiz uma vez junto. (CH-F-C-EF, 08'57)

Percebemos na ocorrência (47) que o item *bom* se encontra em posição intratópico, pois dá continuidade ao mesmo assunto tratado na ocorrência. Diante disso, o item remete à exemplificação dos acompanhamentos do prato preparado pela informante.

6.1.1.4 Posição final

A posição final pode ser definida, conforme Silva e Macedo (1996), por fechar o turno de uma fala. Alguns MDs como *então tá, é, isso aí, tudo bem* são responsáveis por esse fechamento. Görski (2020, p. 142) também observou que os MDs *bom e bem* ocorrem no fechamento do turno/tópico do informante.

Considerando o levantamento de Silva e Macedo (1989) e Görski (2020), identificamos em nossa amostra apenas 1 ocorrência do MD *bom* na posição final, conforme é possível observar abaixo:

(48) E: - E sobre as férias Marizete, o que que você costuma fazer nas férias?

I: - O que que eu costumava fazer? **Bom...**

E: - É, mas atualmente também, agora... (CH-F-B-ES, 34'45)

Nesta ocorrência (48) o item *bom* encontra-se em posição final, pois, antes de responder, a informante faz uso de *bom*, mas encerra o discurso sem dar continuidade ao turno. Ao ouvir a gravação desta entrevista, fica perceptível que a entrevistadora, ao perceber que a informante não dará continuidade no fluxo discursivo, de imediato dá sequência e faz um comentário.

Finalizada a exemplificação de cada um dos tipos de posição, de modo geral, nossa hipótese é de que tanto o MD *bem* quanto o MD *bom* ocorrem principalmente na posição inicial e intermediária, corroborando com o afirmado por Martins (2003), Risso (1999) e Görski (2020). De modo específico, baseada em Görski (2020), nossa expectativa é que *bem* predomine em posição intraturno, ao passo que *bom* prevaleça na abertura de turno.

6.1.2 Resultados e análises

Apresentamos a seguir, na Tabela 10, a distribuição dos itens *bem* e *bom* de acordo com a posição evidenciada em nossa amostra:

Tabela 10 - Distribuição de *bem* e *bom* segundo a posição

Posições	MDs					
	BOM		BEM		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
Inicial	12	100	-	-	12	50
Intermediária*	6	55	5	45	11	46

Final	1	100	-	-	1	4
Total Parcial	19	79	5	-	24	100
Total Geral	24 dados					

*Intraterno e intratópico

Fonte: A autora (2023)

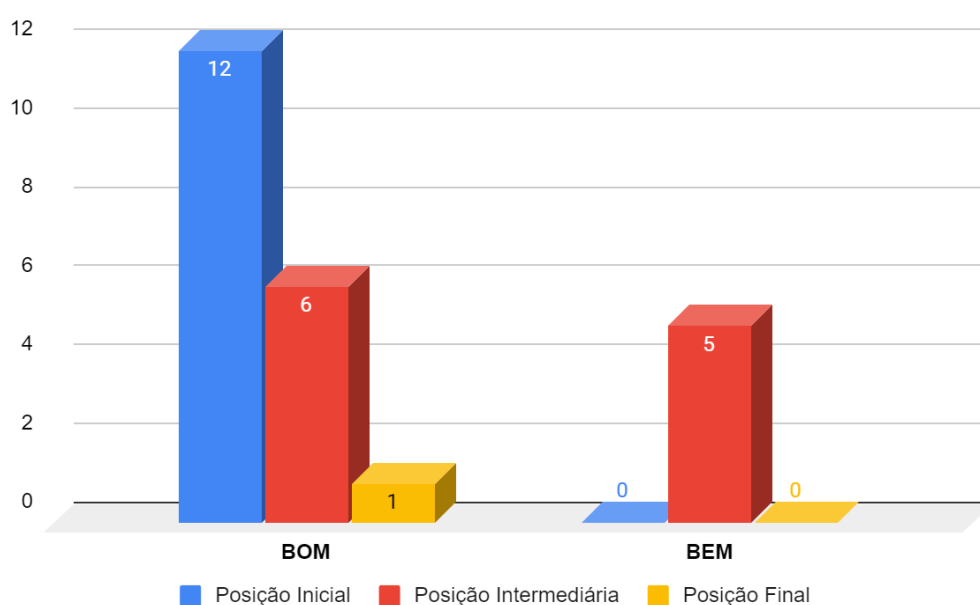
Apesar do cuidado que estamos tendo na análise quantitativa devido à limitação de nossos dados, a Tabela 10 já deixa antever alguns indícios interessantes quanto à posição dos MDs *bem* e *bom*. Do total de 24 ocorrências de *bem* e *bom*, identificamos distribuição equilibrada dos itens na posição inicial (12 dados) e intermediária (11 dados), correspondendo a 96% da amostra. Porém, um olhar mais atento em termos percentuais, revela que 100% das ocorrências (12 dados) são do MD *bom* em posição inicial, o que pode indicar uma especialização no uso desse item e atestar os tipos de contexto encabeçados por esse MD, segundo Görski (2020).

Conforme alertado na subseção de exemplificação, não localizamos nenhuma ocorrência de *bem* nessa posição, corroborando com a pesquisa de Görski (2020, p. 141). A autora salienta que “enquanto *bom* predomina em abertura de turno, *bem* prepondera em posição intraterno, notadamente em retomada e sequenciação” (GÖRSKI, 2020, p. 147). Logo, nos resultados de seu estudo, *bem* predominou em posição intraterno (69%) com menor frequência em abertura de turno (31%), ao passo que *bom* prevaleceu em abertura de turno (65%) com presença menor em posição intraterno (35%). Foi o que observamos também em nossos dados, visto que a única posição que *bem* e *bom* compartilham é a intermediária. Nessa posição intermediária, temos 45% das ocorrências de *bem* e 55% de *bom*. O resultado dos itens na posição final não foi significativo, correspondendo a apenas uma ocorrência do MD *bom* na amostra.

Verificamos que, de modo geral, os resultados confirmam nossa hipótese quanto às posições dos itens no discurso porque a maior parte das ocorrências tanto *bem* quanto *bom* encontra-se na posição inicial e intermediária. Entretanto, o item *bom* encontra-se em 75% das ocorrências em posição inicial e intraterno, enquanto *bem* situa-se exclusivamente em 21% das ocorrências na posição intraterno, não ocorrendo em nenhum dado desse MD em posição inicial ou final.

O Gráfico 3 ilustra a distribuição dos resultados de *bem* e *bom* segundo a posição. O Gráfico 3 ilustra os resultados relativos às três posições dos MDs *bem* e *bom* na amostra do VMPOSC: o MD *bom* ocorre em posição inicial, intermediária e final, apesar desta última ter sido observada em uma única ocorrência desse item; e o MD *bem* se situa exclusivamente em posição intermediária. Ambos os itens parecem compartilhar a posição intermediária nos turnos de fala.

Gráfico 3 - Distribuição de *bem* e *bom* por posição segundo a amostra oral do VMPOSC



Fonte: A autora (2023)

Nossos resultados estão de acordo com os encontrados por Görski (2020), uma vez que a autora também identificou uma predominância de *bem* em posição intraturno (69%) e uma menor frequência na abertura de turno (31%). De maneira semelhante, nossos resultados mostraram que *bem* ocorreu exclusivamente em posição intermediária (intraturno ou intratópico), representando 100% das ocorrências. No que diz respeito a *bom*, nossos resultados mostraram um maior predomínio desse item na posição inicial, com 12 ocorrências, seguido por 6 ocorrências na posição intermediária e apenas 1 ocorrência na posição final. Dessa forma, nossos resultados diferem dos encontrados por Görski (2020), que concluiu que *bom* prevalece na abertura de turno (65%) e tem uma presença menor em posição

intraturno (35%).

6.2 CORRELAÇÃO ENTRE MDS E FATORES ESTILÍSTICOS

Nesta seção, passamos brevemente a correlacionar *bem* e *bom* aos fatores estilísticos sequência discursiva e características socioculturais dos interlocutores na interação, a fim de nos auxiliar na descrição do comportamento dos itens na amostra de fala dos informantes de Chapecó.

Considerando os fatores listados por Tavares (2014, p. 207), que podem influenciar o estilo adotado por um informante em uma situação comunicativa, em nosso trabalho, controlamos apenas os tipos de sequência e as características socioculturais como duas das muitas especificidades da entrevista sociolinguística como categoria de análise

Entre os fatores destacam-se: (i) a familiaridade do falante com o(s) ouvinte(s); (ii) as características socioculturais dos interlocutores (idade, sexo, etnia, classe social, nível de escolaridade, profissão, etc); (iii) o tópico/assunto tratado (política, religião, família, infância, esporte, namoro, economia, lazer, etc.); (iv) o domínio em que dá a prática social (lar, trabalho, escola, clube, igreja, bar, shopping [...]); (v) os papéis socioculturais assumidos no momento da interação (amiga-amiga; esposa-marido, mãe-filha, patroa-empregada, professora-aluna, entrevistadora-entrevistada, etc); (vi) o maior ou menor grau de envolvimento emocional do falante com o que diz; (vii) o gênero textual. (TAVARES, 2014, p. 208)

Valle (2014)⁶⁴, Lopes (2017) e Santana (2019) são alguns autores que incluíram a análise estilística nos estudos dos MDs, de acordo com as perspectivas teórico-metodológicas adotadas em suas pesquisas.

64 Valle (2014, p. 311), partindo das considerações de Macaulay (2002a) e da configuração da amostra, delineou um instrumental baseado em quatro critérios para medir o grau de proximidade entre os interlocutores: simetria de sexo, simetria de idade, simetria de escolaridade e pertencimento à comunidade.

6.2.1 Relação entre MDs e sequências discursivas

As sequências discursivas são uma espécie de construção teórica (em geral uma sequência subjacente aos textos) definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo), segundo Marcuschi (2008, p. 154).

Além disso, o roteiro de coleta das entrevistas pode contribuir na identificação de “marcas linguísticas na pergunta do entrevistador, *como quando você era criança, lembra uma ocasião, que histórias vocês ouviam, conta um fato, dentre outras, que desencadeiam esse tipo de sequência discursiva* (ROST, 2009, p. 237, grifos no original).

Neste sentido, as sequências discursivas produzidas pelos informantes também podem contribuir para a alternância de estilos.

Sobre esta alternância na entrevista sociolinguística, Battisti *et al.* (2021, p. 312) expõem que,

Embora as entrevistas sociolinguísticas contemplem fala pública – gravada, enunciada como resposta a perguntas feitas por um pesquisador desconhecido – e, por essa razão, produzam fala distinta da vernacular ou casual, organizam-se em subseções cujas perguntas buscam eliciar, do informante, uma gama de estilos de fala diferenciados, sendo que ao menos um deles fica o mais próximo possível da fala casual ou não monitorada.

Desta forma, com base nas perguntas feitas pelo entrevistador, o informante estará mais ou menos propenso a desenvolver o seu discurso preocupando-se apenas com “*o que está sendo dito*”, em vez de ater-se ao “*como está sendo dito*” (LABOV, 1972).

Ora o informante pode ser estimulado a relatar fatos de sua infância, alegrias e tristezas e produz um discurso informal e com baixo grau de monitoramento. Em outros momentos da entrevista, o informante pode ser incentivado a produzir uma sequência discursiva descritiva ou dissertativa, por exemplo, e assim dispensar maior atenção em como o discurso está sendo dito.

Nesta pesquisa, segmentamos as ocorrências em que *bem* e *bom* se situam considerando três sequências discursivas mais gerais: narrativa, descritiva ou

dissertativa, que passamos a detalhar e exemplificar a seguir.

6.2.1.1 Sequência discursiva narrativa

A sequência discursiva narrativa, segundo Rost Snichelotto (2009), constitui um trecho composto por relatos verbais (predominantemente) de fatos, acontecimentos ocorridos no passado e que podem se prolongar por um determinado tempo em que aparecem ambientes e pessoas. Travaglia (2007, p. 60) acrescenta que o objetivo da sequência discursiva narrativa é “contar, dizer os fatos, os acontecimentos, entendidos estes como os episódios, a ação em sua ocorrência”. Silva e Macedo (1996) acrescentam que, além de a narrativa ser caracterizada pelo relato verbal de um fato ou de uma história do passado, o tempo verbal preferencial é quase sempre o perfeito.

Como a sequência discursiva narrativa “se constitui por relatos predominantemente (de fatos) ou fenômenos organizados em episódios” (ROST SNICHELOTTO, 2014, p. 229), é comum que o informante procure contar fatos de sua vivência e até mesmo históricos que tenham acontecido em sua cidade ou na época de sua infância, como é possível perceber na ocorrência a seguir:

(49) E: O que tu lembras sobre a tua infância?

I: Teve momentos bons, mas teve momentos ruins, eu perdi dois amigos meus, um de câncer e outro de acidente hãaaaa... eu morei um tempo fora, fiquei um ano no Mato Grosso hãaaaa..., mas depois voltei para cá mas era algo **bem** ... tipo, eu tinha bastante amigos na escola, a escola ficava perto de casa hãaaaa..., só que eu não tinha muito contato com a cidade. (CH-M-J-EM, 13'05)

Em (49), a sequência discursiva é constituída pela narrativa de fatos de um período de sua vida, sobre a mudança de cidade, o falecimento de seus amigos até o retorno à cidade de Chapecó. As formas verbais desta ocorrência encontram-se flexionadas no pretérito perfeito do indicativo, quando o informante diz: “eu *perdi* dois amigos meus [...]”, “eu *morei* um tempo fora, fiquei um ano no Mato Grosso”.

Vejamos na ocorrência (50) que a sequência narrativa trata da situação política do Brasil, conforme a ótica da falante.

(50) E: - O que mudou assim para hoje?

F: **Bom**, *hoje a presidente do Brasil é uma mulher. A previsão é que em 2017, não 2050 acho que era, que a mulher venha ser comparada ao homem, a minha professora de História ou Geografia que me disse... mas hoje mudou bastante, as mulheres já trabalham, já são independentes, algumas ainda ficam em casa mas cuidam por opção, mas trabalham fora.* (CH-F-C-EF, 26'26)

Em (50), a sequência discursiva narrativa é constituída pela exposição de fatos que se “sucedem em um determinado espaço, tempo, envolvendo pessoas” (Back *et al*, 2004, p. 3). Percebemos, na ocorrência (50), que há a exposição dos fatos da atualidade em comparação com as prospecções para o futuro.

6.2.1.2 Sequência discursiva descritiva

A sequência discursiva descritiva é caracterizada por trazer a localização do objeto de descrição, características (cores, formas, dimensões, texturas, modos de ser, etc.) e/ou componentes ou partes do objeto descritivo (TRAVAGLIA, 2007).

Rost Snichelotto (2014, p. 8) acrescenta que “[...] o informante, muitas vezes, pode valer-se de sequências descritivas para completar, para ensinar, para classificar, para explicar um fato/procedimento, ou ainda para caracterizar um objeto, uma pessoa ou um lugar”.

Vejamos a seguir a ocorrência do MD *bom*⁶⁵ em sequência discursiva descritiva:

(51) E: - E ... E... como está a situação dos idosos no país?

F: - **Bom**, aqui em Chapecó tem a cidade do idoso, que é um lugar onde eles podem fazer ginástica, conversar...várias coisas que tem interessante para eles fazer [...] (CH-F-C-EF, 26'59).

65 O MD *bem* não foi localizado nesse tipo de sequência discursiva em nossa amostra.

Em (51), a pergunta do entrevistador desencadeia a descrição do espaço destinado ao lazer dos idosos na cidade de Chapecó. Segundo Rost Snichelotto (2014, p. 231), nesse tipo de sequência, o falante/informante se coloca na perspectiva de quem conhece o ser/objeto/espaço descrito. Visa-se, ao caracterizar, materializar concretamente, de modo positivo ou negativo, o objeto do dizer.

Complementando sobre a sequência descritiva, Freitag (2003, p. 75) restringiu os contextos descritivos àqueles em que “o informante detalha como se faz algo” e Dal Mago (2001) definiu esse tipo de contexto nas entrevistas a partir de perguntas como: Como você fez isso? Descreva como faz?

Como é possível observar na ocorrência (52):

(52) E: - Então você falou que você também é cozinheira, como que se prepara um prato então? escolhe um assim, mais fácil.

F: - **Bom**, eu gosto de fazer frango xadrez, daí é frango com legumes e daí cozinha o frango depois faz um refogado, umas coisas tipo. **Bom...** os acompanhamentos são: batata pra fazer salada, lasanha eu fiz uma vez junto. (CH-F-C-EF, 08'57")

Percebemos que, em (52), a pergunta elaborada pelo entrevistador contribuiu para a descrição de “como se faz” o prato.

Conforme Knies e Costa (1996), o entrevistador procura estimular o entrevistado a produzir predominantemente sequências narrativas (pessoal, recontada) e descritivas (de lugar e procedimento), permeadas de sequências discursivas dissertativas (opinião / argumentação) a respeito de vários assuntos: a) história familiar; b) história pessoal; c) rede de integração (relacionamento com a família, a vizinhança, a participação na igreja, nos eventos públicos); d) rede de difusão (exposição a rádio, TV, livros, entre outros. (ROST SNICHELOTTO, 2014, p. 226)

Portanto, percebemos que as perguntas elaboradas pelos entrevistadores devem priorizar as estruturas propostas pelo roteiro de entrevista sociolinguística para assim fomentar nos entrevistados o desejo de expor suas histórias de vida.

Em relação à sequência discursiva utilizada na ocorrência (52), percebemos que a informante utiliza em seu discurso duas sequências discursivas ao mesmo tempo. Primeiramente a informante narra a sequência de fatos que culminam no feitio de seu prato e logo na sequência, descreve como se faz o refogado, bem como os

acompanhamentos que complementam o prato.

Nessa direção, Silva e Macedo (1996) e Valle (2001) identificaram outro subtipo de sequência discursiva descritiva: a descrição de vida. Essa sequência é responsável pelos relatos de fatos habituais, no imperfeito, embora sabendo que os dois tipos de sequência (narrativa e descrição de vida) exibem características semelhantes Silva e Macedo (1996) optaram por manter essa nomenclatura.

Valle (2001, p. 117) classifica a sequência descrição de vida com: “trechos em que são relatadas situações habituais ocorridas no passado, como idas do informante à escola, como passava as suas tardes, com que costumava brincar, etc.”

(53) E: Dois irmãos. Você é o mais novo, mais velho?

I: Bom... tem o meu irmão é de dois anos e, daí, tem a minha irmã que é mais velha que eu e tem o outro irmão que é bem mais velho que ela. Daí, eu sou só mais velho que o meu irmãozinho ali. (CH-M-C-EF, 06'48”)

Em (53), o informante produz uma sequência na qual descreve o seu núcleo familiar, elencando a quantidade de irmãos que possui.

Por fim, Rost Snichelotto (2014, p. 233, grifo no original) acrescenta que as seguintes perguntas do entrevistador introduzidas pelos pronomes como *é, como tu/você/ele era, como se faz, prepara tal coisa*, entre outras, desencadeiam sequências descritivas nas respostas dos informantes, como podemos observar nas perguntas feitas pelos entrevistados das ocorrências apresentadas nesta subseção, vejamos:

(54) E 1⁶⁶: - E ... E... como está a situação dos idosos no país?

(55) E 2: - Então você falou que você também é cozinheira, como que se prepara um prato então? escolhe um assim, mais fácil.

Em (54) a pergunta do entrevistador desencadeia relatos sobre a situação dos idosos de Chapecó, enquanto em (55) a pergunta estimula o informante a descrever o passo a passo do feitiço do alimento.

66 Nas ocorrências (54) e (55) a letra E se refere a entrevistador.

6.2.1.3 Sequência discursiva dissertativa

A sequência discursiva dissertativa “é o trecho em que o informante fundamenta suas opiniões ou defende seu ponto de vista acerca de um determinado tema/ideia” (ROST, 2008, p. 309). Para Travaglia (2007, p. 60), nesse tipo de sequência, objetiva-se “[...] o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor ideias para dar a conhecer, para fazer saber [...]”.

Rost Snichelotto (2014) complementa que o falante/informante expõe determinado assunto político-social, religioso etc., explicita uma tese e apresenta argumentação favorável ou contrária, com a intenção de atuar sobre o outro (o ouvinte/entrevistador) e obter dele certa posição, aceitando ou rejeitando o que é discutido, etc.

Vejamos alguns exemplos extraídos da amostra do VMPOSC:

(56) E: - O que mudou assim para hoje?

F: - Eu acho que tem algumas pessoas que não respeitam os idosos, tem outras que respeitam devida a saúde esse tipo de coisa... **Bom**, a saúde no Brasil é bem precária vamos dizer assim em algumas partes e as pessoas e os idosos que não tem dinheiro para se cuidar às vezes acabam morrendo por causa disso [...]. (CH-F-C-EF, 27'23).

Notamos que, em (56), a informante defende o argumento de que a situação sanitária brasileira é delicada e que os idosos estão em situação de fragilidade e insegurança. Ao utilizar *bom* nesse tipo de sequência, a informante expõe a sua opinião sobre o assunto e avalia a situação da saúde no Brasil.

Vejamos outros exemplos de ocorrências nas sequências dissertativas:

(57) E: - Sobre o trânsito da cidade, que que você acha como é que se comporta os motoristas e pedestres?

F: - Eu acho que... o trânsito de Chapecó é muito ruim, eu acho que... é muito carro é muito pedestre maluco é muito motorista maluco é muito semáforo o trânsito não flui é... **bem**... enfim de uns anos para cá virou um caos né com as coisas que há agora não dá mais para virar a esquerda, há não sei o que né, enfim eu acho que tem um trânsito muito pesado, é complicado. (CH-M-B-ES, 23'47').

Em (57), a pergunta feita pelo entrevistador direciona o entrevistado a

expressar sua opinião a respeito do trânsito de Chapecó. Neste excerto, o informante explicita a sua tese de que o trânsito na cidade é pesado e de que de alguns anos para cá tornou-se um caos.

Finalizada a caracterização dos três tipos de sequência controladas, de modo geral, nossa hipótese era que os itens *bem* e *bom* ocorressem mais em contextos dissertativos e narrativos, uma vez que a amostra desta pesquisa é constituída por entrevistas nas quais é mais frequente a ocorrência desses três tipos de sequência discursiva em virtude da exposição de fatos marcantes, narrações de situações do cotidiano, opiniões sobre fatos e exposição de ideias. Os resultados do estudo de Martins (2003) apontam maior frequência (85%) de uso dos itens nas sequências narrativas e argumentativas. Segundo a autora, “esses resultados, talvez, devam-se à predominância de narrativas no *corpus* do qual extraímos nossos dados” (MARTINS, 2003, p. 74).

De modo específico, nossa expectativa, baseada em Martins (2003), é que *bom* apresente mais ocorrência de uso nos três tipos de sequência do que *bem*, que deve ter usos mais elevados na sequência descritiva, segundo essa pesquisa.

6.2.1.4 Resultados e análises

Apresentamos, a seguir, na Tabela 11, a distribuição dos itens *bem* e *bom* de acordo com o tipo de sequência discursiva evidenciada em nossa amostra:

Tabela 11 - Distribuição de *bem* e *bom* segundo as sequências discursivas

Sequências Discursivas	MDs					
	Bom		Bem		Total	
	N	%	N	%	N	%
Narrativa	8	100	-	-	8	33,3
Descritiva	3	100	-	-	3	12,5

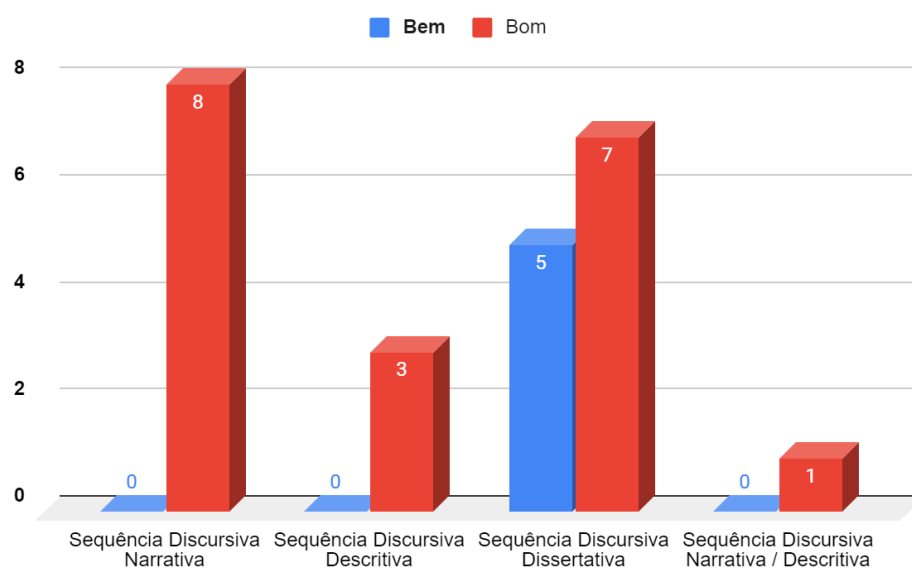
Dissertativa	7	68	5	42	12	50
Narrativa/ Descritiva	1	100	-	-	1	4,1
Total Parcial	19	79	5	21	24	100
Total Geral	24 dados					

Fonte: A autora (2023)

Apesar do cuidado que estamos tendo na análise quantitativa devido à limitação de nossos dados, a Tabela 11 já deixa antever alguns indícios interessantes quanto à sequência discursiva dos MDs *bem* e *bom*. Do total de 24 ocorrências de *bem* e *bom*, constatamos que nossa hipótese geral, baseada em Martins (2003), se confirmou, pois 20 ocorrências (83%) dos itens se situam em contextos dissertativos e narrativos. O único tipo de sequência que *bem* e *bom* compartilham é a dissertativa, visto que localizamos 7 dados (68%) do primeiro item e 5 (42%) do segundo item, totalizando 12 ocorrências de ambos os itens nessa sequência discursiva. Portanto, em nosso estudo, identificamos 50% dos MDs ocorrendo na sequência dissertativa (1º lugar), 33,3% dos MDs aparecem na sequência narrativa (2º lugar) e, por último, 12,5% dos dados surgem na sequência descritiva (3º lugar).

De modo específico, o MD *bom* ocorre em todos os tipos de sequência (narrativa, dissertativa, descritiva e narrativa/descritiva), porém, exceto a dissertativa, todos os demais tipos se tratam de contextos de especialização de uso desse MD. Como dito, o MD *bem* só foi observado em sequências discursivas argumentativas. Nossa expectativa quanto ao uso do MD *bem* em sequências descritivas não se confirmou.

O Gráfico 4 ilustra a distribuição dos MDs considerando as sequências discursivas:

Gráfico 4 - Distribuição de *bem* e *bom* considerando os tipos de sequência discursiva

Fonte: A autora (2023)

O Gráfico 4 ilustra os resultados relativos aos três tipos de sequências discursivas em que os MDs *bem* e *bom* se situam na amostra do VMPOSC: o MD *bom* ocorre em sequências discursivas narrativas, descritivas e dissertativas. Identificamos também 1 ocorrência de *bom* em uma sequência discursiva narrativa-descritiva, na qual o informante narra os fatos, entretanto apresenta em sua fala traços de descrição do feitiço de um alimento⁶⁷; e o MD *bem* foi localizado somente na sequência dissertativa, em apenas em 5 ocorrências.

Diante disso, destacamos que, na nossa amostra, localizamos apenas 5 dados totais do MD *bem*, o que nos permite aventar uma possível restrição de uso desse MD, isto é, o MD *bem* é usado apenas em contextos dissertativos na amostra do VMPOSC.

⁶⁷ Para verificar os exemplos apresentados para cada um desses contextos encabeçados por *bem* e *bom*, consulte Görski (2020, p. 144)

6.2.2 Relação entre MDs e características socioculturais dos interlocutores na interação

São diversos os fatores que podem influenciar um indivíduo a adotar estilos de maior ou menor formalidade. Segundo Tavares (2014, p. 207), “os falantes, de modo geral, são capazes de ajustar a fala ao grau de formalidade envolvido nas diferentes situações de comunicação”.

Diante disso, o falante modulará o estilo de sua fala dependendo do contexto e de seus objetivos comunicativos, “um falante pode dominar vários estilos simultaneamente” (LABOV, 1972 [2008], p. 313).

Como em nossa pesquisa, a entrevista sociolinguística foi o instrumento de coleta de dados utilizado para se chegar aos propósitos metodológicos do projeto VMPOSC, apresentamos a seguir algumas percepções acerca deste gênero textual.

Valle e Görski (2014) consideram que a configuração de uma entrevista sociolinguística envolve uma relação dialógica entre um entrevistador e o entrevistado, o informante. Geralmente segue um roteiro pré-determinado (embora não rígido), de tópicos a serem abordados com maior ou menor profundidade e extensão a depender de fatores como a disposição e as características de cada entrevistado.

Valle (2014) afirmou que durante a audição das entrevistas de sua pesquisa notou que

[...] alguns informantes apresentavam-se muito envolvidos emocionalmente com a situação, parecendo entender a entrevista: a) como momento de desabafo; b) como momento de descontração. Há ainda informantes que mesclavam esses dois momentos (VALLE, 2014, p. 313).

A autora complementa que “outros informantes parecem entender a entrevista como um momento de descontração, contando piadas/causos, dando risadas ou mostrando objetos pessoais” (VALLE, 2014, p. 313).

Em relação ao comportamento dos informantes, entendemos que alguns informantes serão mais concisos em suas respostas e limitam-se em responder as perguntas que lhes foram dirigidas, sem proporcionar aberturas para um diálogo mais amplo e expressivo. O trecho a seguir, ilustra bem esse caso:

- (58) E:** E o que que tu faz lá na catequese?
I: **Bom** a gente não costuma se falar muito assim mas mas quando a gente se fala eles são legais eles ajudam.
E: E os moradores ali da teus vizinhos eles costuma fazer alguma atividade juntos?
I: Não.
E: Se encontrar final da tarde?
I: U-hum ... Não.
E: Você sempre morou nesta mesma casa?
I: Sim. (CH-M-C-EFII, 16'44)

Em (58), o entrevistado mantém-se firme em responder as perguntas de acordo com o proposto pelo entrevistador. Nesta ocorrência *bom* é utilizado em contexto de atenuação, pois o falante introduz o turno com *bom*, a fim de não dar uma resposta negativa à pergunta do entrevistador. Percebemos também que o informante não desvia o assunto e limita-se em responder apenas e exatamente o que lhe foi perguntado.

Outros informantes são mais colaborativos e expansivos, com uma atitude agentiva, por vezes se antecipam às intervenções do inquiridor e conduzem o rumo da conversa.

Vejamos a seguir o fragmento de outra entrevista no qual o informante mostra-se cooperativo e disposto a interagir com o entrevistador:

- (59) E:** Hã. Então tu disse que passou, mudou algumas vezes né, i... qual... tem uma....claro que a gente sempre uma que mais marca né... mas umas casas que você passou, que você morou que... te marcou mais? Poderia dizer como ela era? Tu tem ela na memória assim, poderia dizer como ela era?
I: É ... essa casa que a gente morou lá no Presidente Médice foi com certeza a que mais marcou, assim que foi ... que logo que o meu vô faleceu que houve preocupação com o inventário ... e coisa e tal e é uma família grande né, o vô tinha bastante dinheiro na época, então para dividir tudo foi bem complicado...
E: Sim.
I: E eu lembro que... a casa que a gente morava ... era a casa que ficava ao lado da casa do meu avô né então, o terreno era o mesmo, era o mesmo terreno e, duas casas... i... quando ele faleceu a gente teve que sair dali só que [inint], **bom** era muito para entender as coisas eu sei que rolou uma certa pressão para que a gente saísse, então quando a gente mudou lá para o Presidente Médice essa casa que a gente mudou lá, ela foi ... demorou anos assim para ser construída, enfim né. I quando a gente mudou assim... era uma casa, bem maior que a gente morava tinha bem mais espaço assim, só que a rua era... uma descida assim então e eu sentia falta daquela coisa plana que a

gente tinha quando era novinho né, saía na outra casa ali era tudo plano assim, tu corria ia ia e ali parecia que ficava meio...

E: contramão.

I: É ficava meio estranho até que eu me acostumei, com fazer as coisas [ininti] foi, foi complicado mas... as grandes memórias ficaram ali nesta casa, ficaram ali nesta casa mesmo né, que era o vizinho da frente o vizinho do lado do outro lado ali pra baixo lá do outro lado da rua na outra quadra né, então ... e aí acabei a gente, quer dizer eu acabei tendo uns vínculos mais longos. (CH-M-B-ES, 19'37)

No excerto (59), percebemos que as perguntas do entrevistador contribuem para a formação de narrativas e para fomentar um discurso opinativo por parte do informante.

De acordo com Dantas e Gibbon (2014, p.149),

[...] o estímulo às narrativas representa uma estratégia para que o falante, ainda que esteja em situação de entrevista, desenvolva um estilo casual, isto é, uma forma de falar com menos audiomonitoramento que se aproxime, em alguma medida, do estilo vernacular.

Ao ouvir o trecho da entrevista (59), percebemos o envolvimento emocional do falante com o assunto do ato comunicativo. O entrevistador fez somente uma pergunta e esta contribui com a formação de narrativas pessoais (E: *mas umas casas que você passou, que você morou que... te marcou mais? Poderia dizer como ela era? Tu tem ela na memória assim, poderia dizer como ela era?*). A partir disso o informante passou a discorrer sobre sua infância, suas lembranças e sobre situações dramáticas vividas no período em que era criança.

Na audição da ocorrência (59), percebemos nuances no tom de voz do informante, principalmente nos momentos em que cita o falecimento do seu avô e quando comenta com nostalgia os momentos vividos na infância, de sua casa, de seus vizinhos.

Valle e Görski (2014, p. 109) observam que “[...] justamente nos contextos em que a informante expõe suas opiniões pessoais sobre temas de família e/ou polêmicos, ela mostra maior envolvimento com a temática, inclusive elevando seu tom de voz [...]”.

Outro ponto importante para fundamentar a alternância de estilos é considerar o local da coleta de dados. Como as entrevistas foram realizadas em locais indicados pelos informantes, presumimos que, desta forma, o entrevistado, sentindo-se mais

confortável, sente-se seguro em dispensar um menor grau de atenção à fala (monitoramento), deixando assim emergir o seu vernáculo.

Além da relevância do local onde os dados foram coletados, Bodine (1991) expõe que há quatro possibilidades de produção de formas linguísticas baseadas na diferenciação do sexo das pessoas engajadas em uma conversa:

- (i) quando uma mulher se dirige a uma mulher;
- (ii) quando uma mulher se dirige a um homem;
- (iii) quando um homem se dirige a um homem; e
- (iv) quando um homem se dirige a uma mulher.

Segundo Bodine (1991), aparentemente nenhuma língua possui esses quatro tipos de relação incorporados em sua estrutura. Na língua *biloxi*, essa diferenciação aparece em três tipos de relação e apenas no uso das formas imperativas dos verbos; já na língua tunica⁶⁸, nas línguas semíticas⁶⁹ e no japonês, a diferenciação se dá no emprego dos pronomes de segunda pessoa e esse tipo de diferenciação só é expressamente marcado quando o falante se dirige diretamente a alguém.

Em relação à comunicação falante *versus* interlocutor, é possível que algumas línguas operem uma diferenciação baseada no sexo do interlocutor. Em uma conversa em grupo, as mulheres caraíbas⁷⁰ abandonam a variedade M-M (de mulher para mulher) a partir do momento em que um homem esteja presente, da mesma forma que os homens abandonam a variedade H-H (de homem para homem) em que uma mulher esteja presente.

De outro modo, se uma mulher caraíba se dirige à outra em presença de um homem, utilizará a variedade H-H. Da mesma forma, se um homem chiquita⁷¹

68 A língua Tunica (ou Tonica, ou ainda Yuron) é uma língua isolada que foi falada no setor central e baixo do Rio Mississippi nos Estados Unidos da América, pelo povo nativo norte-americano Tunica.

69 Segundo Araújo (2008, p. 17) são chamados de línguas semíticas os idiomas falados no Oriente Médio e no nordeste da África do Norte. As línguas semíticas mais comuns são: árabe (clássico) e uma série de dialetos, marcados por características de uma região, presentes em todo o mundo árabe.

70 Os caraíbas, também conhecidos como caribes, kalinago ou karibs (do tupi *Kara' ib*; sábio, inteligente) são povos indígenas das Pequenas Antilhas, que deram o nome ao mar do Caribe. Povo que, no século XVI, à chegada dos conquistadores europeus, habitava o Norte do Brasil, as Guianas, a Venezuela, a Colômbia, as Pequenas Antilhas e as costas de Honduras, da Guatemala e do mar dos Caraíbas, e do qual ainda há descendentes em algumas regiões dos rios Amazonas e Orenoco. Fonte: Dicionário Michaelis, on-line, 2023.

71 Segundo o Programa Povos Indígenas no Brasil os povos chiquitanos, também conhecidos por "chiquitos", foram constituídos a partir de uma mescla de grupos indígenas aldeados no século XVII

conversar com outro homem na presença de uma mulher empregará a versão M-M. Assim, as línguas parecem ter variedades de uso de determinadas formas a depender do sexo dos participantes da interação. (BODINE, 1991).

Em virtude dessa curiosa diferenciação e da falta de estudos considerando essa característica sociocultural dos interlocutores, acreditamos que a nossa análise do fator sexo dos parceiros conversacionais possa contribuir para os estudos estilísticos do PB. Cabe ressaltar que os trabalhos anteriores sobre os MDs *bem* e *bom* (MARTINS, 2003; RISSO, 1999; GÖRSKI, 2020) não consideraram em suas análises a interação entre o sexo do falante e o do entrevistador, motivo pelo qual nos impulsionou ainda mais o interesse nessa investigação.

Dessa forma, considerando as pesquisas anteriores e a ampla gama de fatores que podem influenciar o estilo adotado, especialmente na relação entre informante e entrevistador, nosso objetivo é identificar se o uso dos MDs *bem* e *bom* pelo informante durante a interação com o entrevistador é influenciado pelas características socioculturais dos interlocutores, como o sexo.

A identificação do sexo e a faixa etária do informante e do sexo do entrevistador nas entrevistas do VMPOSC é apresentada no Quadro 13:

Quadro 13 - Distribuição dos informantes e dos entrevistadores segundo o sexo

Informante	Idade / Faixa Etária	Sexo do Informante	Sexo do Entrevistador
INFO/C/M	Faixa C - 07 a 14 anos	Masculino	Feminino
INFO/C/F	Faixa C - 07 a 14 anos	Feminino	Masculino
INFO/C/M	Faixa C - 07 a 14 anos	Masculino	Masculino
INFO/C/F	Faixa C - 07 a 14 anos	Feminino	Feminino
INFO/B/M	Faixa B - 25 a 49 anos	Masculino	Masculino
INFO/B/F	Faixa B - 25 a 49 anos	Feminino	Feminino
INFO/B/F	Faixa B - 25 a 49 anos	Feminino	Feminino

pelas missões jesuíticas. Habitantes da região de fronteira entre Brasil e Bolívia, foram compulsoriamente envolvidos em conflitos políticos e diferenças culturais decorrentes de uma divisão territorial que não lhes dizia respeito. Hoje em dia, a grande maioria desse povo encontra-se na Bolívia. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Chiquitano>

INFO/B/M	Faixa B - 25 a 49 anos	Masculino	Feminino
----------	------------------------	-----------	----------

Fonte: A autora (2023)

Nas entrevistas sociolinguísticas do VMPOSC, os pares conversacionais apresentam a seguinte distribuição: 5 entrevistadores do sexo feminino com 4 informantes femininos e 4 informantes masculinos; 3 entrevistadores do sexo masculino com 4 informantes femininos e 4 informantes masculinos.

Em outras palavras, dos 8 entrevistados, 4 informantes são do sexo feminino e 4 são do sexo masculino. Portanto, observa-se uma distribuição igualitária entre os perfis dos informantes, com 4 informantes na faixa etária C (07 a 14 anos), o que também se reflete nos informantes da faixa etária B (25 a 49 anos). No entanto, reconhece-se que a distribuição dos entrevistadores não é equilibrada em termos de quantidade.

6.2.2.1 Resultados e análises

Para se chegar aos resultados abaixo, as entrevistas foram ouvidas na íntegra. Vejamos então se os MDs *bem* e *bom* são influenciados pelas características socioculturais dos interlocutores (sexo) durante a interação na Tabela 12 a seguir:

Tabela 12 - Distribuição dos MDs *bem* e *bom* e as características socioculturais (sexo) dos interlocutores da interação

Informante	Sexo		BOM		BEM		TOTAL	
	Informante	Entrevistador	N	%	N	%	N	%
INFO/C/M1	Masculino	Feminino	2	100	-	-	2	8,3
INFO/C/F1	Feminino	Masculino	1	100	-	-	1	4,1
INFO/C/M1	Masculino	Masculino	3	100	-	-	3	12,5
INFO/C/F2	Feminino	Feminino	9	100	-	-	9	37,5
INFO/B/M1	Masculino	Masculino	3	60	2	40	5	20,8

INFO/B/F1	Feminino	Feminino	-	-	1	100	1	4,1
INFO/B/F2	Feminino	Feminino	1	100	-	-	1	4,1
INFO/B/M2	Masculino	Feminino	-	-	2	100	2	8,3
Total	4 M / 4 F	3 M / 5 F	19	79	5	21	24	100

Fonte: A autora (2023)

Apesar do cuidado que estamos tendo na análise quantitativa devido à limitação de nossos dados, a Tabela 12 já deixa antever alguns indícios interessantes quanto à interação entre o sexo dos parceiros conversacionais e o uso dos MDs *bem* e *bom*. De modo geral, do total de 24 dados de *bem* e *bom*, 16 (67%) ocorrências dos MDs se deram nos momentos em que os informantes interagiram com entrevistadores do mesmo sexo, exceto um informante em que isso não ocorreu, ao passo que as 8 (33%) ocorrências dos MDs restantes ocorreram nos momentos em que os informantes interagiram com entrevistadores de sexo diferente. Esse resultado pode indicar que a possibilidade de *bem* e *bom* emergirem em contextos em que pessoas do mesmo sexo interagem é maior do que quando pessoas de sexo diferente se comunicam.

De modo específico, o MD *bom* foi o mais usado pelos informantes na relação com entrevistadores do mesmo sexo, isto é, observamos 10 dados empregados pelos informantes femininos em interação com entrevistadores também femininos e 6 dados usados pelos informantes masculinos na comunicação com entrevistadores também masculinos. Apenas 3 ocorrências desse MD foram usadas entre informante e entrevistador de sexos diferentes.

O uso do MD *bem*, por sua vez, ocorre com menos frequência em nossa amostra, porém, apresenta uma distribuição relativamente equilibrada entre os pares conversacionais, tanto entre informantes do mesmo sexo do entrevistador quanto entre informantes de sexo diferente ao do entrevistador.

Em síntese, considerando os resultados da análise de *bem* e *bom* e as quatro possibilidades de produção de formas linguísticas baseadas na diferenciação do sexo das pessoas engajadas em uma conversa, de acordo com Bondine (1991), podemos afirmar que segundo nosso estudo:

- (i) *bom* é mais frequentemente usado quando uma mulher se dirige a outra

mulher do que quando um homem se dirige a outro homem.

(ii) *bom* é mais frequentemente usado quando um homem se dirige a uma mulher do que quando uma mulher se dirige a um homem.

(iii) *bem* é mais frequentemente usado quando um homem se dirige a outro homem ou quando um homem se dirige a uma mulher, em comparação com interações entre duas mulheres.

6.3 CORRELAÇÃO ENTRE MDS E FATORES EXTRALINGUÍSTICOS

Nesta seção, passamos a correlacionar *bem* e *bom* aos fatores extralinguísticos idade, sexo e escolaridade dos informantes, a fim de ajudar a descrever mais detalhadamente o comportamento dos itens na amostra oral do VMPOSC. Os fatores extralinguísticos checados a seguir foram extraídos principalmente dos estudos de Risso (1999), de Martins (2003) e de Görski (2020).

A partir de agora, passamos a detalhar cada um dos fatores extralinguísticos como forma de complementar os resultados desta pesquisa no que tange à especialização de usos de *bem* e *bom*.

Passamos a seguir, a apresentação dos resultados dos usos referentes à faixa etária.

6.3.1 Relação entre MDs e faixa etária

A faixa etária tem sido um dos fatores extralinguísticos considerados relevantes nos resultados de muitas pesquisas.

Prete (1982) fez algumas considerações acerca da idade. Sobre a faixa etária, o autor afirma que, quando é analisada a fala de um adulto, as variações limitam-se ao vocabulário e nem sempre são perceptíveis. Em sua pesquisa, o autor apresenta

os princípios da diferenciação entre linguagem adulta *versus* linguagem infantil, ou seja, segundo ele, a linguagem pré-escolarizada. Entretanto seus estudos são aprofundados e com foco na língua culta e não inclui a análise de MDs em suas pesquisas.

Segundo Rost (2002), a idade tem se mostrado relevante em alguns estudos acerca do uso de MDs. Esse fato é bastante significativo, tanto no âmbito dos estudos variacionistas como na esfera dos estudos sobre gramaticalização.

De um lado, Valle (2001) e Rost (2002) acreditam na hipótese de que o uso dos MDs diminua à proporção que aumentaria a faixa de idade. Por outro lado, Silva e Macedo (1996, p. 15), analisando alguns MDs da pesquisa com a Amostra Censo, supõem que quanto menor fosse a faixa etária, maior seria a utilização dos MDs, hipótese, portanto, diferente da defendida por Valle (2001) e Rost (2002).

Revisitando a pesquisa empreendida por Martins (2003), observamos que o fator idade foi relevante na escolha da variante *bom* considerando o controle de duas faixas etárias (25 a 49 anos e mais de 50 anos). Em seus resultados gerais, Martins (2003) concluiu que os informantes mais velhos fazem mais uso dos marcadores (58%), mas inclinam-se a favorecer o uso de *bem* e desfavorecer o emprego de *bom*. Por outro lado, os informantes jovens tendem mais ao uso de *bom* e desfavorecem o uso do MD *bem*. Em suma, “os de menor idade preferem mais à variante *bom* (90% e 92%) em relação aos mais velhos (83% e 88%)” (MARTINS, 2003, p. 58).

Observando os estudos de Risso (1999, 2006), Martins (2003) e Görski (2020), percebemos que alguns autores não consideraram a faixa etária mais jovem, ou seja, de crianças e adolescentes. A fim de contribuir com as análises de contexto de usos, este trabalho analisou também os itens *bem* e *bom* na fala de crianças e adolescentes (7 a 14 anos), faixa etária que ainda não havia sido investigada em pesquisas anteriores.

Outras pesquisas, que analisaram dados de MDs da amostra do VMPOSC, chegaram aos seguintes resultados quanto à faixa etária:

1. Scherer (2014) identificou que os itens “deixa eu ver”, “deixa eu pensar” e “deixa eu lembrar” são mais frequentes na faixa etária de 7 a 14 anos;
2. Trapp (2014) descobriu que os MDs “sabe?” e “entende?” são mais comuns entre informantes mais velhos (com idade entre 25 e 49 anos). Essa

observação sugere a hipótese de que a língua tende a se estabilizar após a puberdade, e que o uso desses marcadores em idades anteriores trata-se de ocorrências esporádicas e isoladas;

3. Bertozzo (2014) verificou que dentre os MDs “como”, “que nem” e “tipo”, o último foi mais empregado por informantes crianças, representando 73,6% da amostra total;
4. Silva (2014) descobriu diferenças de uso e de preferência dos MDs modalizadores epistêmicos em diferentes faixas etárias, tanto em relação à frequência quanto à forma de apresentação. Em geral, os resultados indicam que o termo “sei lá” é mais frequentemente utilizado por indivíduos mais jovens (80% das ocorrências), enquanto a faixa etária de 50 anos ou mais representa 20% das ocorrências desse item;
5. Strapazzon (2018) observou que o uso do MD “assim” foi mais frequente entre os informantes mais velhos.

Em síntese, os estudos analisados fornecem informações valiosas sobre a frequência e o uso de marcadores discursivos em diferentes faixas etárias. Em relação a nossa pesquisa, as células do VMPOSC, os informantes estão distribuídos em 3 (três) faixas etárias:

- C (de 7 a 14 anos);
- J (de 15 a 24 anos);
- B (de 25 a 49 anos).

Contudo, conforme alertamos na subseção 4.4, constatamos que, das 15 entrevistas com informantes do VMPOSC, somente em 8 entrevistas houve ocorrência dos MDs por nós analisados. Logo, ficamos com apenas duas faixas etárias (faixas C e B) para análise. Nossa amostra ficou assim definida:

- C (de 7 a 14 anos);
- B (de 25 a 49 anos).

Considerando essas duas faixas etárias, nossa hipótese geral, baseada em Valle (2001) e Rost (2002), é que, a frequência de uso dos MDs *bem* e *bom* diminua com o avanço da faixa etária. De modo específico, considerando os resultados de Martins (2003), nossa expectativa é que os informantes jovens empreguem mais o

MD *bom* do que MD *bem*.

6.3.1.1 Resultados e análises

Apresentamos, a seguir, na Tabela 8, os resultados da distribuição de *bem* e *bom* segundo a faixa etária dos informantes.

Tabela 13 - Distribuição dos MDs *bem* e *bom* segundo a faixa etária dos informantes do VMPOSC

Faixa etária	BEM		BOM		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
C - 7 a 14 anos	-	-	15	100	15	62,5
B - 25 a 49 anos	5	56	4	44	9	37,5
Total Parcial	5	21	19	79	24	100
Total Geral	24 dados					

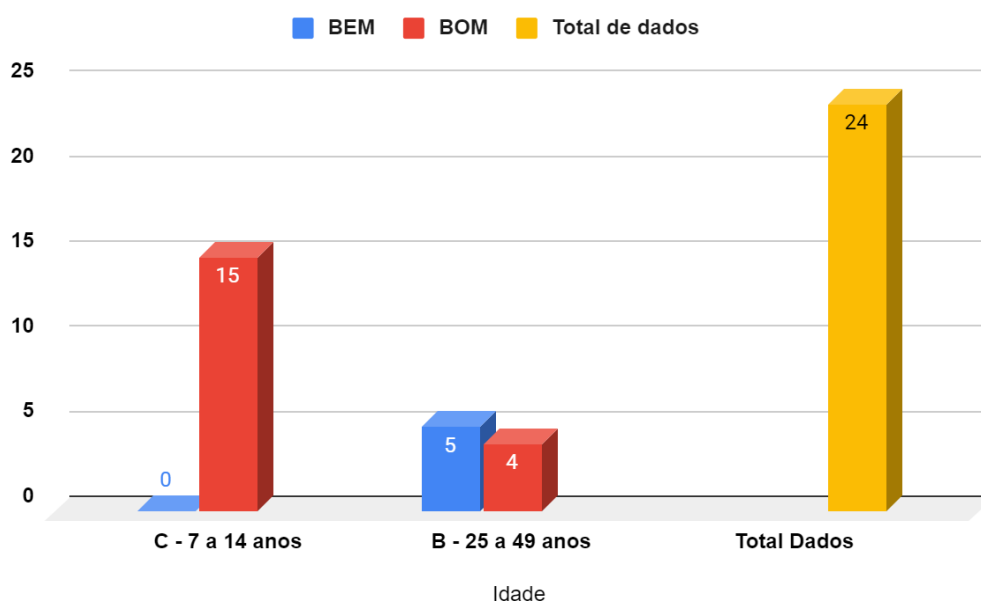
Fonte: A autora (2023)

Apesar do cuidado que estamos tendo na análise quantitativa devido à limitação de nossos dados, a Tabela 8 já deixa antever alguns indícios interessantes quanto à faixa etária dos informantes e o uso dos MDs *bem* e *bom*. Do total de 24 ocorrências de *bem* e *bom*, constatamos que nossa hipótese geral se confirmou, visto que os informantes da faixa etária C (mais jovens) produziram mais MDs do que os informantes da faixa etária B (mais velhos).

De modo específico, percebemos que os 15 dados produzidos pelas crianças e adolescentes são exclusivos do MD de *bom* (62,5%), o que confirma nossa hipótese. Os 9 dados de MDs restantes (37,5%) foram produzidos pelos adultos que, por sua vez, apresentaram distribuição equilibrada no uso de ambos os MDs *bom* e de *bem*, correspondendo a 4 ocorrências do primeiro e 5 do segundo. Portanto, esse resultado indica uma diferença geracional no emprego desses MDs, com uma preferência

variável entre os grupos etários, o que também confirma nossa hipótese específica, baseada em Martins (2003). O Gráfico 5 ilustra a distribuição dos MDs considerando a faixa etária dos informantes do VMPOSC:

Gráfico 5 - Distribuição dos MDs *bem* e *bom* segundo a faixa etária



Fonte: A autora (2023)

Com base nos dados apresentados no Gráfico 5, pode-se concluir que o uso de *bom* ocorre exclusivamente entre os informantes mais jovens da amostra do VMPOSC. Por outro lado, o uso de *bem* apresentou uma distribuição equilibrada com o uso de *bom* entre os informantes da faixa etária B (25 a 49 anos). Esses resultados indicam uma diferença significativa no uso desses marcadores discursivos entre as faixas etárias, com uma preferência pelo *bom* entre os informantes mais jovens e uma distribuição mais equilibrada entre *bem* e *bom* na faixa etária B.

No entanto, alertamos o leitor de que é necessário relativizar estes resultados, em vista do número de dados de MDs identificados na amostra estudada.

6.3.2 Relação entre MDs e sexo

O fator sexo dos informantes tem sido controlado em pesquisas que tratam de fenômenos discursivos diversos (por exemplo, SILVA; MACEDO, 1996; DAL MAGO, 2001; VALLE, 2001; ROST, 2002; MARTINS, 2003; ROST SNICHELOTTO, 2009; VALLE, 2014; STRAPAZZON, 2018; TRAPP, 2014; SILVA, 2014; BERTOZZO, 2014; SCHERER, 2014).

Paiva (2010, p. 34) afirma que, "nas sociedades ocidentais, a existência de um vocabulário feminino e de um vocabulário masculino parece menos acentuada e tende, progressivamente, ao desaparecimento". A autora pondera que é necessário entender que o conservadorismo linguístico das mulheres emerge de estudos variacionistas em comunidades de fala ocidentais, cujos valores são partilhados entre homens e mulheres. A autora destaca que esse padrão pode ser revertido considerando as diversas organizações socioculturais que não seguem os mesmos valores sociais, como, por exemplo, nas comunidades árabes.

Silva e Macedo (1989, p. 16) acrescentam que o estilo de fala feminina, pelo menos no final dos anos 1980 quando as autoras publicaram o artigo, seria mais assertivo por influência da educação e da submissão e insegurança da maioria das mulheres vivendo em uma sociedade patriarcal e influenciada pelas pressões sociais. Neste sentido, as autoras afirmam que as mulheres buscavam amenizar o seu discurso apoiando-se no maior emprego dos marcadores em geral. Contrariando esse argumento, Coulthard (1991) afirma que a necessidade de ser polido não é determinada pelo sexo, mas é dependente das relações mútuas que se estabelecem face a face.

Considerando esses posicionamentos, que têm se modificado ao longo das três últimas décadas, e revisitando os estudos anteriores sobre MDs percebemos que:

a) No estudo Silva e Macedo (1996), hipoteticamente foi inferido que as mulheres utilizariam os MDs como forma de amenizar seu discurso por se sentirem inseguras no momento da fala. Os resultados desta pesquisa confirmaram o predomínio do uso de MDs entre as mulheres;

b) No estudo de Martins (2003), os resultados revelaram que homens fazem

um pouco mais uso dos MDs do que as mulheres. Em relação à escolha de “bom e bem”, os homens e as mulheres utilizam mais o primeiro do que o segundo;

c) Dal Mago (2001) observou que o comportamento entre homens e mulheres com relação ao uso de “quer dizer” é praticamente igual;

d) Valle (2001) concluiu que não há diferenças significativas entre homens e mulheres no uso dos RADs em geral. No entanto, a autora identificou preferências de uso distintas entre os gêneros, com os homens utilizando mais as formas "não tem?" e "entende?", enquanto as mulheres tendem a empregar mais o RAD "sabe?". Em outro estudo realizado por Valle (2014), foi constatado que os homens utilizam mais os RADs do que as mulheres. Essas observações indicam variações no uso dos RADs de acordo com o gênero, embora a autora não tenha encontrado diferenças significativas no uso geral entre homens e mulheres;

e) Rost (2002) e Rost Snichelotto (2009) perceberam uma diferença no uso de MDs entre homens e mulheres. Rost (2002) encontrou que as mulheres utilizam com maior frequência os MDs "olha" e "veja" em comparação aos homens. Além disso, Rost Snichelotto (2009) constatou que as mulheres preferem o MD "olha", enquanto os homens preferem o "vê".

Outras pesquisas, que analisaram MDs no âmbito da amostra do VMPOSC, chegaram aos seguintes resultados quanto ao sexo:

a) Scherer (2014) constatou que tanto o sexo feminino quanto o sexo masculino utilizam os itens "deixa eu ver", "deixa eu pensar" e "deixa eu lembrar" de forma equivalente;

b) Trapp (2014) observou que, em relação ao uso dos marcadores "sabe?" e "entende?", o gênero masculino apresentou variação mais sensível em comparação ao gênero feminino;

c) Bertozzo (2014) identificou, dentre os MDs “como”, “que nem” e “tipo”, que tanto os homens quanto as mulheres fizeram uso do MD *tipo* de modo similar (50% de cada gênero);

d) Silva (2014) constatou que as mulheres utilizam os MDs epistêmicos com uma taxa ligeiramente maior em comparação com os homens. Tanto mulheres quanto homens têm preferência pela forma "eu acho", seguida por "acho" e "acho eu";

e) Strapazon (2018) observou que o MD “assim” foi mais frequente entre os

informantes do sexo masculino.

Diante desses resultados, os estudos anteriores demonstram, de modo geral, que a depender das formas do MD investigado, três comportamentos distintos podem ser observados entre homens e mulheres: (i) as mulheres usam mais MDs do que os homens (SILVA; MACEDO, 1989; ROST, 2002); (ii) os homens empregam mais MDs do que as mulheres (MARTINS, 2003; VALLE, 2014; TRAPP, 2014; STRAPAZZON, 2018); (iii) as mulheres e os homens têm formas de uso preferencial (VALLE, 2001; ROST, 2002; MARTINS, 2003; ROST SNICHELOTTO, 2009).

Mesmo que, nos estudos anteriores, o fator sexo apresente comportamento diferenciado a depender do MD investigado, conforme sintetizamos acima, de modo geral, nossa expectativa, baseada em Martins (2003), é que os homens utilizam com mais frequência os MDs *bem* e *bom* do que as mulheres. De modo específico, nossa hipótese é que os informantes homens e mulheres da amostra do VMPOSC empreguem mais o item *bom* do que *bem*.

Neste quesito, os informantes da amostra do VMPOSC estão estratificados em sexo feminino e sexo masculino.

6.3.2.1 Resultados e análises

Apresentamos, a seguir, na Tabela 14, os resultados da distribuição de *bem* e *bom* segundo o sexo dos informantes.

Tabela 14 - Distribuição dos MDs *bem* e *bom* de acordo com o sexo

Sexo	BEM		BOM		TOTAL		
	N	%	N	%	N	%	
Feminino	1	8	11	92	12	50	
Masculino	4	33	8	67	12	50	
Total Parcial	5	21	19	79	24	100	
Total Geral						24 dados	

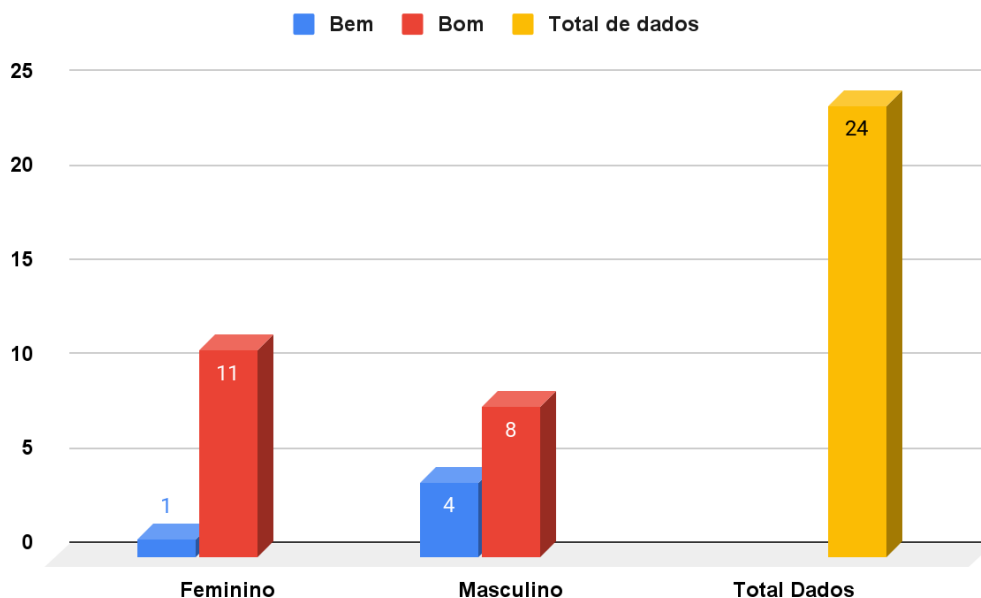
Fonte: A autora (2023)

Apesar do cuidado que estamos tendo na análise quantitativa devido à limitação de nossos dados, a Tabela 14 já deixa antever alguns indícios interessantes quanto ao sexo dos informantes e o uso dos MDs *bem* e *bom*. Do total de 24 ocorrências de *bem* e *bom*, constatamos que nossa hipótese geral não se confirmou, visto que, em termos de frequência, os informantes masculinos e femininos produziram de modo equilibrado ambos os MDs, ou seja, os resultados mostram que homens e mulheres empregaram 12 MDs cada (50%). Esse resultado equilibrado entre ambos os sexos também foi constatado por Dal Mago (2001) no estudo sobre o “quer dizer”.

De modo específico, também percebemos que o MD *bom* foi o mais empregado por ambos os sexos (19 dados = 79%), ou seja, o MD *bem* apresentou menor frequência de uso entre os informantes femininos e masculinos (5 dados = 21%). Portanto, esse resultado confirma nossa hipótese específica, baseada em Martins (2003).

Considerando a distribuição individual de cada item entre ambos os sexos, podemos concluir que o uso do MD *bom* é mais frequente entre as informantes femininas, representando 58% dos dados, em comparação com os informantes masculinos, que representam 42% dos dados. Por outro lado, o emprego do marcador *bem* é mais comum entre os homens, representando 89% dos dados, em comparação com as mulheres, que representam apenas 11% dos dados. Logo, há diferenças significativas entre homens e mulheres em relação ao uso de ambos MDs.

O Gráfico 6, a seguir, ilustra a distribuição dos MDs considerando o sexo dos informantes do VMPOSC:

Gráfico 6 - Distribuição dos MDs de *bem* e *bom* segundo o sexo

Fonte: A autora (2023)

O Gráfico 6 ilustra os resultados relativos ao uso dos MDs *bem* e *bom* segundo o sexo dos informantes da amostra do VMPOSC: o MD *bom* ocorre preferencialmente entre as mulheres e o MD *bem* apresentou maior frequência de uso entre os homens enquanto o MD *bem* foi mais frequente entre os informantes masculinos. Mais uma vez lembramos que é necessário relativizar estes resultados, tendo em vista a distribuição de informantes e poucos dados de MDs localizados na amostra.

Passaremos, a partir de agora, à descrição dos resultados referentes à escolaridade.

6.3.3 Relação entre MDs e escolaridade

Mesmo antes da entrada no ensino regular da educação formal, o falante tem contato com variedades de língua e com as formas de prestígio da língua portuguesa. Porém, o ambiente escolar favorece a preservação das formas prestigiadas e conservadoras em detrimento às formas menos prestigiadas, como alguns MDs, priorizando o uso das formas de maior prestígio tanto na fala quanto na escrita, [...]

sendo estas formas [os MDs] “tratadas como formas vazias e retardatárias do discurso”. (FREITAG, 2007, p. 22). Logo, alguns tipos de MDs (como né?) são um exemplo de formas estigmatizadas pela tradição gramatical, entretanto essas estruturas são fundamentais elementos linguísticos que exercem importante função na interação e na comunicação interpessoal. (FREITAG, 2007, p. 22).

Paiva (2010) afirma que há indicações de que o processo de escolarização atue de forma mais nítida sobre as mulheres do que sobre os homens. Para ela, a mulher se revela mais receptiva à atuação normativa da escola, mais predisposta à incorporação de modelos linguísticos conservadores.

Considerando os estudos anteriores que investigaram a relação entre escolaridade e o uso dos MDs *bem* e *bom*, percebemos que:

a) Silva e Macedo (1996, p. 15) analisaram a relação entre uso de MDs “bom, olha e ah” e o aumento da escolaridade, porém esses itens não manifestaram diferenças neste sentido;

b) Martins (2003) não tinha nenhuma expectativa em relação à influência da escolaridade sobre a escolha de uma das variantes de seu estudo. Porém, os seus resultados demonstraram que quanto maior o nível de escolarização, maior é o uso de MDs, com uma tendência ao uso de *bem* entre os informantes de nível primário e um leve favorecimento ao uso de *bom* entre os informantes de nível ginásial e colegial (MARTINS, 2003).

Revisitando as investigações anteriores, que analisaram a influência da escolaridade sobre o uso dos MDs em geral, observamos que:

a) Dal Mago (2001) apontou que quanto maior a escolarização maior o uso do MD “quer dizer”;

b) Valle (2001) constatou um maior uso de RADs entre indivíduos com níveis mais baixos de escolarização, enquanto Valle (2014) encontrou um padrão espelhado em seus resultados, em que os indivíduos mais velhos tinham níveis de escolarização mais baixos e os mais jovens possuíam níveis de escolarização mais altos. A variação nos níveis de escolarização ocorreu principalmente entre os indivíduos na faixa etária intermediária. Portanto, os indivíduos mais jovens utilizaram mais RADs do que os mais velhos, levando à conclusão de que níveis mais altos de escolarização estão associados a um aumento no uso desses itens;

c) Rost (2002) e Rost Snichelotto (2009) observaram que as três faixas de escolaridade controladas (primário, ginásial e colegial)⁷² empregam de modo equilibrado os MDs derivados de verbo de percepção visual “olha, veja e vê”.

Outras pesquisas, que analisaram dados de MDs da amostra oral do VMPOSC, chegaram aos seguintes resultados quanto à escolaridade:

a) Scherer (2014) percebeu que o uso dos itens “deixa eu ver”, “deixa eu pensar” e “deixa eu lembrar” são mais frequentes entre os falantes com ensino fundamental;

b) Trapp (2014) percebeu que “sabe?” e “entende?” encontram-se melhor distribuídos entre indivíduos de formação mais elevada;

c) Bertozzo (2014) constatou que, dentre os MDs “como”, “que nem” e “tipo”, este último foi empregado por 50% dos informantes de menor escolaridade, ou seja, falantes do Ensino Fundamental 1. Os demais 50% foram utilizados pelos informantes do Ensino Fundamental 2 e do Ensino Superior, divididos igualmente entre eles, representando 25% cada. Isso sugere uma variação no uso do MD de acordo com o nível educacional dos falantes;

d) Silva (2014) percebeu que, de modo geral, os falantes dos três níveis de escolaridade (ensino fundamental 1 e 2 e ensino médio) têm alta frequência de “sei lá”;

e) Strapazzon (2018) observou que a frequência de uso do MD “assim” cresceu à medida que a escolaridade aumentou, ou seja, o uso do item entre os informantes de escolaridade mais alta (Ensino Médio e Ensino Superior) foi superior ao uso desse MD pelos informantes de escolaridade mais baixa (Ensino fundamental 1º e 2º ciclos).

Diante desses resultados, os estudos anteriores demonstram, de modo geral, que a depender das formas do MD investigado, três comportamentos distintos podem ser observados com relação à escolaridade:

(i) o aumento da escolaridade não influencia o uso dos MDs (SILVA; MACEDO, 1989; ROST, 2002; ROST SNICHELOTTO, 2009; SILVA, 2014);

(ii) quanto maior o nível de escolarização maior o emprego de MDs (DAL

72 "Primário", "ginásial" e "colegial" são termos que se referem aos antigos níveis de ensino que existiam no sistema educacional brasileiro. Esses termos foram utilizados em épocas passadas e podem variar de acordo com o período e a região.

MAGO, 2001; MARTINS, 2003; TRAPP, 2014; STRAPAZZON, 2018);

(iii) quanto menor o nível de escolaridade maior o emprego de MDs (VALLE, 2001; SCHERER, 2014; BERTOZZO, 2014).

Neste quesito, os informantes da amostra do VMPOSC estão estratificados de acordo com os seguintes níveis de escolaridade do sistema educacional brasileiro:

- Ensino Fundamental, que compreende nove anos de estudo;
- Ensino Médio, que tem a duração de três anos; e
- Ensino Superior, que varia de quatro anos para cursos de graduação de bacharelado e licenciatura, podendo ser estendido para cinco a seis anos em cursos como Engenharia e Medicina, além de cursos tecnológicos com duração média de dois a três anos.

Contudo, conforme alertamos na subseção 4.4, constatamos que, das 15 entrevistas com informantes do VMPOSC, somente em 8 entrevistas houve ocorrência dos MDs por nós analisados. Logo, nossa análise reflete os resultados de dois níveis de escolaridade, que está assim distribuída:

- Ensino Fundamental: dois informantes masculinos e dois informantes femininos;
- Ensino Superior: dois informantes femininos e dois informantes masculinos.

Mesmo que, nos estudos anteriores, o fator escolaridade apresente comportamento diferenciado a depender do MD investigado, conforme sintetizamos anteriormente, de modo geral, nossa expectativa, baseada em Martins (2003), é que quanto maior o nível de escolarização do informante mais uso de *bem* e *bom*. De modo específico, nossa hipótese é que, de um lado, os informantes do 1º e 2º ciclo apresentem uma maior frequência de uso de *bem* em relação ao uso de *bom* e, por outro lado, os informantes de nível superior aumentem levemente o uso de *bom* em relação ao uso de *bem*.

6.3.3.1 Resultados e análises

Apresentamos a seguir, na Tabela 15, os resultados da distribuição dos MDs

bem e *bom* segundo a escolaridade dos informantes.

Tabela 15 – Distribuição dos MDs *bem* e *bom* de acordo com a escolaridade

Escolaridade	BEM		BOM		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
Ensino Fundamental Ciclo 1	-	0	15	100	15	62,5
Ensino Superior	5	56	4	44	9	37,5
Total Parcial	5	21	19	79	24	100
Total Geral	24 dados					

Fonte: A autora (2023)

Apesar do cuidado que estamos tendo na análise quantitativa devido à limitação de nossos dados, a Tabela 15 já deixa antever alguns indícios interessantes quanto à escolaridade dos informantes e o uso dos MDs *bem* e *bom*. Do total de 24 ocorrências de *bem* e *bom*, constatamos que nossa hipótese geral se confirmou, visto que, em termos de frequência, os informantes que possuem menos anos de escolarização produziram mais MDs, ou seja, os resultados mostram que os informantes com ensino fundamental produziram 15 MDs (62,5%) e os com ensino superior empregaram 9 MDs (37,5%), totalizando juntos 24 dados da amostra do VMPOSC. Portanto, esse resultado contradiz as conclusões de Martins (2003), mas está em concordância com os estudos de Valle (2001), Scherer (2014) e Bertozzo (2014), que indicam que há uma relação entre níveis mais baixos de escolaridade e maior uso de MDs.

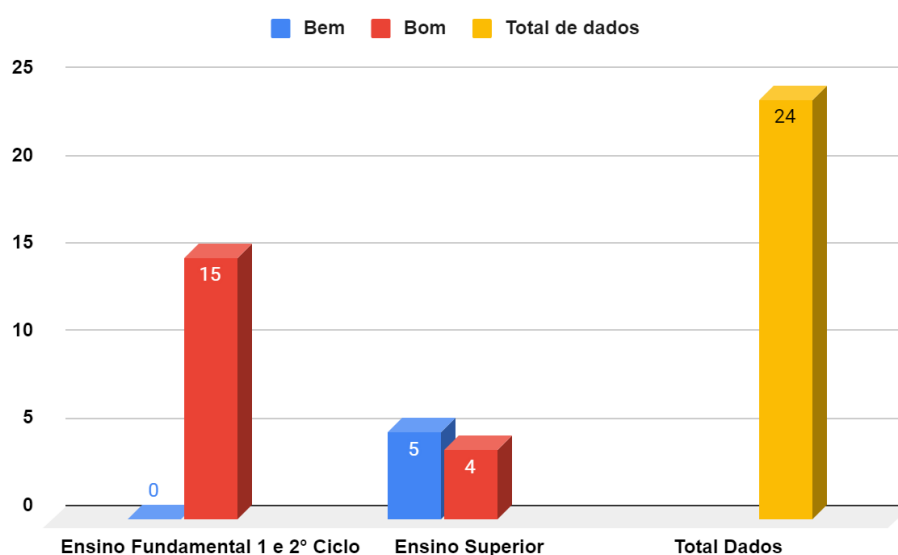
De modo específico, os resultados dos informantes com Ensino Fundamental indicam o emprego exclusivo do MD *bom*, contrariando os resultados de Martins (2003), visto que os informantes desse nível não utilizaram nenhum dado do MD *bem* em seus discursos.

Em relação aos resultados dos informantes com Ensino Superior, a distribuição dos itens foi equilibrada e de acordo com o previsto, visto que tanto o item *bem* quanto o *bom* foram empregados, correspondendo a 56% de uso de *bem* e a 44% de *bom* nesse nível de escolarização. Todavia, esse comportamento dos informantes de nível superior contrariou nossa expectativa, baseada em Martins (2003), visto que

esperávamos maior frequência de dados do MD *bom* e do que do MD *bem* entre os informantes desse nível de escolaridade.

O Gráfico 7, a seguir, ilustra a distribuição dos MDs considerando a escolaridade dos informantes do VMPOSC:

Gráfico 7 - Distribuição dos MDs *bem* e *bom* segundo a escolaridade



Fonte: A autora (2023)

O Gráfico ilustra os resultados relativos ao uso dos MDs *bem* e *bom* segundo a escolaridade dos informantes da amostra do VMPOSC: o MD *bom* ocorre preferencialmente entre os informantes do ensino fundamental ao passo que os MDs ocorrem de modo equilibrado entre os informantes com ensino superior, isto é, ambos MDs ocorrem apenas na fala dos informantes com nível mais alto de escolarização. Por fim, relembramos que é necessário relativizar estes resultados, tendo em vista a distribuição de informantes por escolaridade e os dados de MDs localizados na amostra.

7. A TRAJETÓRIA SINCRÔNICA DE *BEM* E *BOM*

Neste capítulo, passamos a cumprir o nosso terceiro e último objetivo específico, que é levantar alguns indícios sincrônicos para traçar uma possível trajetória funcional de *bem* e *bom* sob a perspectiva da gramaticalização. Amparados no funcionalismo linguístico de vertente norte-americana, reconstruímos a seguir a trajetória sincrônica percorrida por cada um dos itens desde sua origem como *bem* adverbial e *bom* adjetival até a atuação como MDs. Essa trajetória está amparada no processo de gramaticalização sob a perspectiva sincrônica, que considera padrões fluidos com base em usos atuais (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; GIVÓN, 1995).

Em razão do número incipiente de dados obtidos na amostra oral do VMPOSC, conforme detalhamos nos capítulos 5 e 6, pretendemos identificar indícios das mudanças sincrônicas porque passam *bem* e *bom*. Para isso, as seções 7.1 e 7.2 apresentam a trajetória percorrida por cada um dos MDs *bem* e *bom*, segundo o levantamento qualitativo dos itens no plano da forma (morfossintático) e no plano do conteúdo (semântico-pragmático e discursivo-funcional). Analisando os dados apresentados nos capítulos 5 e 6, percebemos que, apesar de compartilharem usos como MDs, *bem* e *bom* parecem percorrer trajetórias diferentes até seus empregos mais recentes.

7.1 A TRAJETÓRIA DE MUDANÇA DE *BEM*

Do ponto de vista morfológico, como vimos na subseção 2.1, a palavra *bem*, segundo as gramáticas tradicionais, como Bechara (1999; 2009), Cunha e Cintra (2008) e Lima (2011), está situada na classe das palavras invariáveis, ou seja, dos advérbios. Da mesma forma, as gramáticas descritivas postuladas por Castilho (2010), Perini (2010), Neves (2011) e Bagno (2012) classificaram *bem* como advérbio de modo com valor semântico de qualificador.

Vimos também que, além de os dicionários descreverem *bem* prioritariamente como advérbio, Houaiss (2008) e Da Cunha (2019) apresentam a descrição desse item como substantivo plural masculino (*bens* = propriedade, bens materiais).

A par da classificação de *bem* como advérbio e substantivo, Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2008) apresentam usos do item como interjeição (que expressa aplauso: *bem!* ou contentamento diante de algo negativo acontecido a alguém. “*O gato a arranhou? Bem feito! Não devia tê-lo maltratado.*”) e conjunção subordinativa (alternativa “*bem bem*”, concessiva “*se bem que*” e comparativa “*bem como*”), além de substantivo abstrato (*bem* em oposição a *mal*).

Analisando a descrição de *bem* nas gramáticas descritivas, percebemos que Castilho (2014) enquadra esse item na categoria de MDs e define-os como marcadores iniciadores, em razão de seu significado e de sua função sintática de iniciar os turnos de respostas.

Do ponto de vista sintático, o advérbio *bem* é adjunto adverbial, que, via de regra, é empregado ao final das orações, mas apresenta certa flexibilidade posicional (BECHARA, 2009). Já a locução conjuntiva, em razão de sua propriedade de ligar orações, via de regra ocupa posição medial, a depender da forma utilizada. Por fim, o MD *bem* ocupa a posição inicial (CASTILHO, 2014) e intermediária/medial, conforme visto na seção 2.1.1.

Como visto no capítulo 5, em nossa amostra oral com entrevistas de informantes do VMPOSC, localizamos 290 ocorrências de advérbios, 5 ocorrências MDs e 3 ocorrências locuções conjuntivas, totalizando 298 ocorrências de *bem*. Esse resultado demonstra que *bem*, além de atuar em suas categorias gramaticais prototípicas, como advérbios e locuções conjuntivas, também coexiste como MD (cf. GÖRSKI, 2020, p. 148). Porém, esse deslizamento formal e funcional de *bem*, observado em contextos de uso reais como MDs não foi observado nas gramáticas e nos dicionários.

Se aplicarmos o princípio da estratificação para o item *bem*, conforme proposto por Hopper (1991, p. 22), vamos constatar que “[...] novas camadas estão continuamente emergindo. À medida que isso acontece, as camadas antigas não são necessariamente descartadas, mas podem continuar a coexistir e interagir com novas camadas.”

Görski (2020) também justifica a frequência de ocorrência mais elevada do MD *bem* em sua amostra provavelmente devido ao espectro funcional mais alargado do item em termos de escopo e de características morfossintáticas: “*bem* como advérbio prototípico tem escopo sobre um verbo (‘canta *bem*’), um adjetivo (‘*bem* bonito’) ou outro advérbio (‘muito *bem*’). (GÖRSKI, 2020, p. 142, grifos da autora).

Então, alertamos o leitor que, daqui em diante, focamos na descrição dos indícios da trajetória sincrônica de usos de *bem* como advérbio, locução conjuntiva e MD porque foram essas as categorias que apresentaram ocorrências em nossa amostra.

Finalizada a apresentação do plano formal de *bem* observado em nossa amostra para ilustrar a atuação do item no plano funcional (semântico-pragmático e discursivo-funcional), consideramos que o item percorre duas trajetórias diferentes: a primeira relativa aos usos de advérbio > locução conjuntiva; a segunda relativa aos usos de advérbio > MD. Alertamos o leitor de que não temos a intenção em pormenorizar essa trajetória, em razão dos propósitos desta dissertação, mas fica o registro desse uso para, em uma pesquisa futura, contribuir como mais um indicador qualitativo do comportamento do item *bem*. Portanto, é a segunda trajetória a que temos mais interesse no detalhamento e na descrição.

Iniciemos a seguir, a descrição com a ilustração da 1ª trajetória sincrônica do MD *bem*.

Quadro 14 - 1ª Trajetória funcional do MD *bem*

BEM	
Advérbio >	Locução conjuntiva >
1ª fase >	2ª fase >

Fonte: A autora (2023)

Com base no quadro 14, *bem* parece alterar sua categoria de advérbio para locução conjuntiva, conforme detalharemos a seguir.

Na 1ª fase, *bem* morfologicamente é um advérbio com valor semântico de modo e intensidade. Sintaticamente o item também pode ser categorizado como adjunto adverbial. Vejamos na ocorrência (60):

(60) E: Uhum, ok. E tem algum lugar assim que vocês vão, que vocês costumam ir?

I: Nós íamos nos sábados em uma pizzaria, daí agora nós não frequentamos mais porque é *bem longe* daqui, não sei como era, mas era *bem* pequeno, daí agora nós não frequentamos mais. (CH-F-C-EFI, 14'37)

Em (60), notamos que *bem* veicula seu sentido prototípico de advérbio de intensidade e, sintaticamente, como adjunto adverbial, antecede o advérbio (*longe*) e o adjetivo (*pequeno*) a que se refere. Nessa fase, *bem* desempenha o seu papel formal e funcional amplamente descrito nas gramáticas e nos dicionários em geral.

Além do uso como advérbio de intensidade, localizamos *bem* como advérbio de modo, conforme ocorrência (61):

(61) E: Uhum. Então, você já falou que vocês tem que ir para casa cozinhar. Tem alguém que é o líder da cozinha?

I: Não. Tem minha mãe que cozinha *bem*, meu padrasto, meu irmão, minha irmã. (CH-M-C-EFII, 7'28)

Neste exemplo *bem* atua como modificador do verbo (*cozinhar*), acrescentando-lhe uma circunstância de modo. Nesta ocorrência percebemos que *bem* mantém seu valor semântico prototípico como advérbio, neste caso, de modo. Também percebemos a mobilidade sintática do item nas duas ocorrências: em (61) *bem* se posiciona após o verbo a que se refere. Nessa fase, *bem* desempenha o seu papel formal e funcional amplamente descrito nas gramáticas e nos dicionários em geral.

Na 2ª fase, *bem* adverbial expande seu espectro funcional e, inserido na construção “se bem que”, passa a encadear trechos discursivos, ou seja, a locução conjuntiva desempenha o papel de conector na fala. Em nossa amostra de dados, localizamos apenas uma ocorrência de *se bem que*, que veicula o sentido adverbial de concessão, autorização. Vejamos a ocorrência (62) abaixo:

(62) E: E, a gente sabe que em Chapecó que tem tem muita gente agora vindo morar aqui, o que você acha dessas pessoas dessa dessa demanda que tá chegando na cidade?

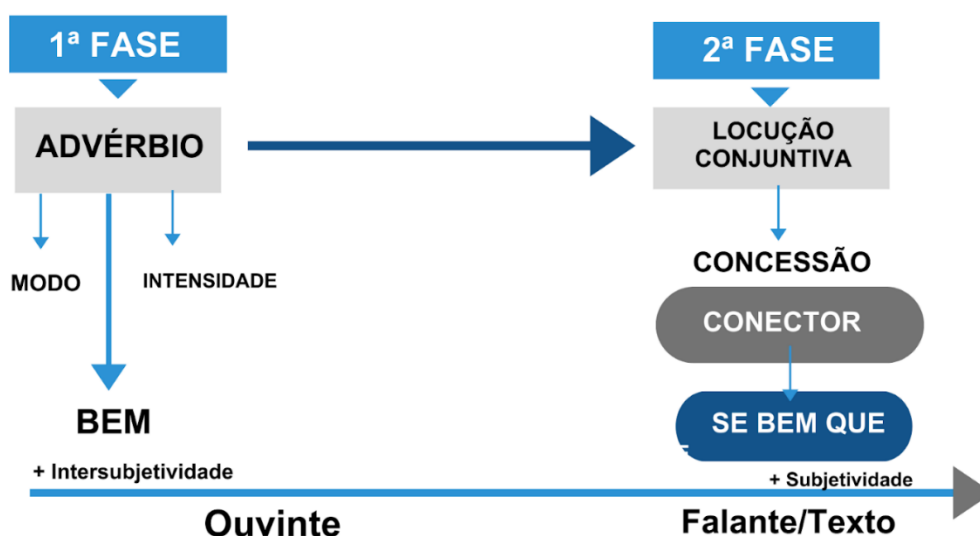
I: Acho que isso só tem a contribuir pra esse desenvolvimento principalmente na parte social, *se bem que* o que atrai as pessoas é o trabalho, é o lado profissional, mas acaba desenvolvendo muito o social, porque essas pessoas né, grande parte, das pessoas que vem de fora, vem com outra mentalidade de cidade, ou querem né,

construir uma cidade mais, desenvolvida, e acho acredito que, vejo como positivo assim. (CH-M-B-ES, 4'02)

No exemplo (62), percebemos que “se bem que”⁷³ está atuando como uma locução conjuntiva subordinativa concessiva (oposição). Em nosso estudo, incluímos essa ocorrência no rol das expressões cristalizadas, pois são tradicionalmente classificadas como locuções conjuntivas concessivas. Neste tipo de contexto, podem ser intercambiáveis por: todavia, contudo, apesar de, mesmo que, embora, conquanto, ainda que, posto que, bem que, por mais que, por menos que, apesar de que, nem que.

Vejamos, na figura a seguir, outra ilustração mais detalhada representativa dos usos que consideramos como indícios do primeiro percurso sincrônico do MD *bem*:

Figura 6 – 1ª Trajetória funcional do MD *bem*



Fonte: A autora (2023)

Passemos, na sequência, a considerar a 2ª trajetória sincrônica relativa aos indícios de usos de *bem* advérbio até a sua efetiva consolidação como MD. Vejamos a ilustração a seguir:

Quadro 15 - 2ª Trajetória funcional do MD *bem*

73 Localizamos apenas o artigo de Matos e Prada (2004), que apresenta uma análise funcional de “se bem que”.

BEM	
Advérbio >	MD >
1ª fase >	2ª fase >

Fonte: A autora (2023)

Com base na ilustração acima, *bem* parece mudar sua categoria de advérbio para MD, conforme explicaremos a seguir:

Na 1ª fase, *bem* pertence à categoria morfológica de advérbio mantendo o valor semântico de modo e intensidade. Sintaticamente o item também pode ser categorizado como adjunto adverbial. Vejamos ocorrência a seguir:

(63) E: E como que é a escola? Fala um pouco, conta como é que é.
I: É legal, mas, ham, é legal, **bem** barulhenta às vezes, e não sei mais.
 (CH-F-C-EFII, 7'28)

(64) E: Uhum. Então, você já falou que vocês tem que ir para casa cozinhar. Tem alguém que é o líder da cozinha?
I: Não. Tem minha mãe que cozinha **bem**, meu padrasto, meu irmão, minha irmã. (CH-M-C-EFII, 7'28)

Notamos que, em (63), *bem* intensifica o sentido do adjetivo (barulhenta). Nesta ocorrência notamos que *bem* veicula seu valor semântico prototípico de intensidade e apresenta mobilidade sintática nas duas ocorrências: em (63), *bem* se situa antes do adjetivo (barulhenta) a que se refere; e, em (64), *bem* se posiciona após a forma verbal (cozinha) a que se refere. Nessa fase, *bem* desempenha o seu papel formal e funcional amplamente descrito nas gramáticas e nos dicionários em geral.

Na 2ª fase, *bem* parece perder traços de seu valor categorial original e adquirir novos valores semântico-pragmáticos segundo dados extraídos da amostra do VMPOSC. Aqui ocorre o que acreditamos ser o primeiro movimento em que se percebe a necessidade de o falante marcar a interação (falante / ouvinte), enquanto procura demonstrar ao ouvinte o interesse em suas atitudes durante o ato da fala. Conforme Rost (2002, p. 74), esse aspecto ressalta “[...] um maior grau de intersubjetividade, com uma sinalização clara da interação face a face e de um maior envolvimento dos parceiros conversacionais”. Provavelmente, o espectro funcional

mais alargado de *bem* advérbio em termos de escopo e de características morfossintáticas, conforme destacado por Görski (2020, p. 142) parece emergir o emergir o que denominamos de domínio funcional da chamada da atenção do interlocutor para a informação que está sendo veiculada, isto é, o escopo do MD *bem* não recai sobre um verbo ('canta *bem*'), um adjetivo ('*bem* bonito') ou outro advérbio ('muito *bem*'), mas sobre os parceiros conversacionais.

Nesta fase, localizamos 5 ocorrências do MD *bem* em nossa amostra de dados orais extraída do VMPOSC que, a depender do escopo no contexto de uso, se textual, ou interacional/textual, ou textual adquire pelo menos mais quatro valores semânticos-pragmáticos (avaliativa, atenuadora/modalizadora, planejamento verbal e retomadora), demonstrando seu valor polissêmico. Sintaticamente, observamos que esses MDs se situam exclusivamente em posição intermediária (intraturno e intra tópico). Essa posição também foi identificada por Görski (2020, p. 147): "[...] *bem* prepondera em posição intraturno (69%) com menor frequência em abertura de turno (31%)". Nessa posição, ressalta um maior grau de subjetividade, com atuação em contextos que relacionam operações como argumentação, causalidade e exemplificação, responsáveis por contribuir com a organização da atitude do falante diante do próprio texto (GÖRSKI, 2004).

Vejamos a ocorrência a seguir em que *bem* parece atuar em contexto de planejamento verbal em posição intermediária:

(65) E: E, Claudson antes você comentou né sobre o teu trabalho, que você ta se organizando agora, com né com dois trabalhos, você pode falar um pouquinho do dos teus trabalhos e como que é lá na escola, e como que é aqui agora, também na oficina.

I: É, ham, **bem**.... a escola é, eu sou né, então minha graduação sou professor de ciências e biologia, trabalho desde 2007 em escolas estaduais, e a dificuldade é grande de ser professor assim, uma porque ham, os contratos no estado ham, ainda do professor público de, de educação básica ele é um contrato temporário né, são poucos concursos, a maioria das escolas tem a maioria quase de professor. (CH-M-B-ES, 15'25)

Na ocorrência (65), o item *bem* parece estar situado em um contexto de planejamento verbal, no qual o informante faz uso de uma breve pausa objetivando a organização mental do que pretende dizer, antes de dar continuidade ao turno. O informante utiliza o MD *bem* de modo que suas atenções estejam voltadas não só

para a construção de um texto coeso (macrofunção textual), mas também para a preocupação em expressar suas intenções comunicativas com a informação veiculada (macrofunção interacional).

Vejamos outra ocorrência a seguir em que *bem* parece atuar em contexto de avaliação em posição intermediária:

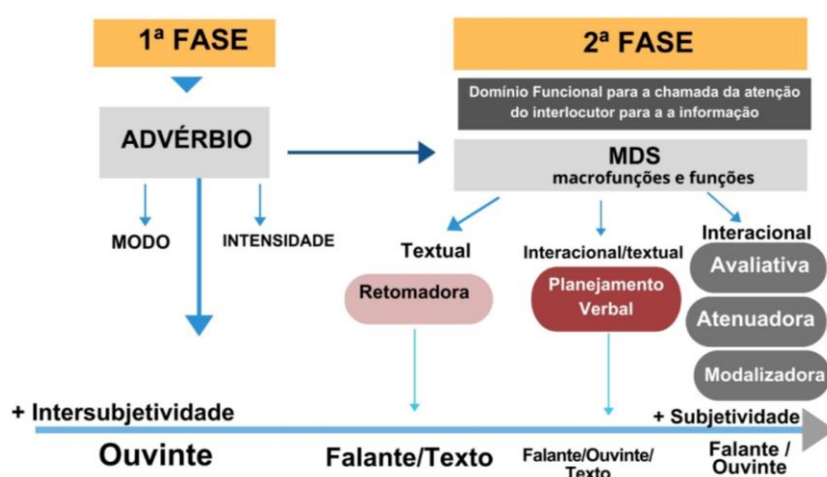
(66) E: Sobre o trânsito da cidade, que que cê acha como é que se comporta os motoristas e pedestres?

I: Eu acho que... o trânsito de Chapecó é muito ruim, eu acho que...é muito carro é muito pedestre maluco é muito motorista maluco é muito semáforo o trânsito não flui é... **bem...** enfim de uns anos para cá virou um caos né com as coisas que há agora não dá mais para virar a esquerda, há não sei o que né, enfim eu acho que tem um trânsito muito pesado, é complicado. (CH-M-B-ES, 23'47)

Nesta ocorrência, podemos perceber que o *bem* parece perder traços de seu valor categorial original e, como MD, adquire um novo valor semântico-pragmático, tendo em vista que o escopo recai sobre a necessidade de o falante em manter uma relação de envolvimento interpessoal com o interlocutor (maior intersubjetividade).

Como se vê, os usos de *bem* parecem apresentar um comportamento polissêmico, que deriva dos usos como advérbio, e que vêm desenvolvendo mais instâncias diversificadas de gramaticalização (cf. GÖRSKI, 2020, p. 154). Vejamos a figura abaixo ilustrativa dos indícios de deslizamento categorial e funcional do MD *bem*:

Figura 7 – 2ª trajetória funcional do MD *bem*



Fonte: A autora (2023)

No que tange à multifuncionalidade de *bem*, notamos que o item parece apresentar mais traços da macrofunção interacional confirmando que sua atenção/seu escopo recai sobre as intenções do falante frente ao que está sendo dito ao interlocutor.

Por fim, fazendo um comparativo com os estudos anteriores de *bem* no PB, nossos resultados corroboram com as conclusões de Martins (2003) e Görski (2020), a saber, apesar da limitação quantitativa de nossos dados:

a) o controle qualitativo de *bem* mostrou que os usos como MDs e expressões cristalizadas parecem ocorrer ao mesmo tempo que os usos de base (adverbial), confirmando a relação do estudo com o princípio da divergência proposto por Hopper (1991), Heine, Claudi e Hünemeyer (1991).

b) o uso prototípico de *bem* adverbial em sua categoria de base é mais produtivo nas ocorrências da amostra, representando 77,5% de dados do total.

Portanto, em nossa amostra, o item *bem* parece possuir um espectro funcional bastante amplo, em razão da herança de seu escopo mais alargado como advérbio, pois, além de atuar em sua categoria gramatical prototípica, avança para outros usos como MD.

Vejamos a seguir o levantamento qualitativo de bom no plano da forma (morfossintática) e no plano funcional (semântico-pragmático e discursivo-funcional) com base nos dados orais da amostra do VMPOSC a fim de traçar indícios de sua trajetória de mudança.

7.2 A TRAJETÓRIA DE MUDANÇA DE BOM

Do ponto de vista morfológico, como vimos na seção 2.2, a palavra *bom*, segundo Savioli (2006), Bechara (1999; 2009), Cunha e Cintra (2008) e Lima (2011), está classificado na classe dos adjetivos. A maioria dos adjetivos é derivada de um substantivo ou de um verbo, com os quais continuam a relacionar-se do ponto de vista semântico. De acordo com Cunha e Cintra (2008), a rigor, o adjetivo mantém relação direta com o substantivo a que se refere, como podemos notar no exemplo: “Ele é um

bom rapaz” (adjetivo + substantivo).

Por vezes, *bom* enquadra-se na categoria dos substantivos masculinos (os bons serão recompensados) quando se referem a pessoa benévola, bondosa, ou quando dizem respeito a indivíduo competente, hábil, capaz (Ronaldo é *bom* de bola. / Paulo é *bom* em matemática). (MICHAELIS, 2008, p. 131). Essa segunda definição remete às habilidades dos dois indivíduos.

As duas classificações morfológicas (adjetivo e substantivo) também foram encontradas nas gramáticas descritivas de Castilho (2010), Perini (2010), Neves (2011) e Bagno (2012), todavia o item *bom* é analisado para além desse critério, consoante os critérios sintático e semântico.

Do ponto de vista sintático, segundo Neves (2011, p. 185), *bom* enquadra-se na classe dos predicativos qualificadores. Esse tipo de qualificador indica, para o substantivo que o acompanha, uma propriedade que não necessariamente compõe o feixe das propriedades que o definem.

Do ponto de vista semântico, Bechara (2009) e Savioli (2006) definem o adjetivo como a palavra responsável pela mudança do sentido de um substantivo ou classe similar, conferindo-lhe novas propriedades. Segundo Neves (2011, p. 185), *bom* enquadra-se na classe dos qualificadores. Diz-se que esses adjetivos qualificam o substantivo, o que pode implicar uma característica mais ou menos subjetiva, mas sempre revestida de certa vaguidade. A autora ressalta ainda a propriedade pragmática de os adjetivos exprimirem qualidade que define o substantivo na sua relação com o falante. Também Castilho (2010, p. 526) classifica o adjetivo *bom* como qualificador de avaliação. Neste sentido, opera como avaliador do outro item em sua respectiva categoria. Voltaremos a discutir essa característica do *bom* adjetival mais abaixo.

Analisando a descrição de *bom* nas gramáticas descritivas, percebemos que Castilho (2014) é o único autor que enquadra *bom* na categoria de MDs e destaca a propriedade sintática desse marcador, que é responsável por iniciar turnos de respostas.

Assim, em nossa amostra oral com entrevistas de informantes do VMPOSC, localizamos 56 adjetivos, 19 MDs e 1 substantivo, totalizando 76 ocorrências de *bom*. Esse resultado demonstra que *bom*, além de atuar em sua categoria gramatical prototípica, como adjetivo, confirmando os resultados de Görski (2020), também parece

coexistir como MD. Isso permite a aplicabilidade do princípio da estratificação para o item *bom*, conforme proposto por Hopper (1991, p. 22): “[...] novas camadas estão continuamente emergindo. À medida que isso acontece, as camadas antigas não são necessariamente descartadas, mas podem continuar a coexistir e interagir com novas camadas. Iniciemos a descrição da primeira trajetória sincrônica de *bom*, conforme ilustração a seguir:

Quadro 16 – Trajetória funcional do MD *bom*

BOM	
Advérbio >	MD >
1ª fase >	2ª fase >

Fonte: A autora (2023)

Na 1ª fase, *bom* pertence à categoria morfológica de adjetivo mantendo o valor semântico de qualificador. Sintaticamente, o item também pode ser categorizado como adjunto adnominal ou predicativo. Vejamos:

(67) E: *Ou você prefere a TV por assinatura...

I: *Não, tanto faz, é que a gente assiste e acompanha os dois, a gente, eu gosto do Jornal Nacional, acho que é um **bom** jornal, quanto eu tô em casa né, porque muito difícil assisti, o jornal do almoço que também é mais local com as notícias... é mais o que a gente assiste novela [...]. (CH-M-B-ES, 54'52)

Percebemos que, nesta ocorrência, o item *bom* encontra-se atuando em sua categoria prototípica de adjetivo, pois *bom* opera como qualificador do substantivo masculino singular (jornal) e sintaticamente atua como predicativo de Jornal Nacional.

Vejamos, a seguir, um exemplo de *bom* atuando na categoria de substantivo, isto é, em outra categoria gramatical prototípica que localizamos em nossa amostra:

(68) E: Onde você estuda?

I: Na Escola Estadual **Bom** Pastor! (CH-F-C-EFII, 54'52)

Na ocorrência (68), podemos perceber que o item *bom* marca uma característica de substantivo próprio, pois a informante se refere ao nome da escola em que

estuda. Sintaticamente toda a expressão funciona como adjunto adverbial de lugar (onde estuda).

Por fim, Görski (2020) alerta para o restrito espectro funcional de atuação do adjetivo *bom* em razão de seu escopo e de suas características morfossintáticas: “[...] *bom* como adjetivo prototípico tem escopo apenas sobre um substantivo (nome ou pronome), funcionando sintaticamente como adjunto adnominal (‘lugar *bom*’) ou como predicativo (‘ele é *bom*’). (GÖRSKI, 2020, p. 142). Contudo, gostaríamos de destacar que a propriedade pragmática dos adjetivos exprimem qualidade que define o substantivo na sua relação com o falante, segundo Neves (2011). Também Castilho (2010, p. 526) classifica o adjetivo *bom* como qualificador de avaliação, que opera como avaliador do outro item em sua respectiva categoria. Talvez esse aspecto pragmático que envolve a relação com o falante (avaliação) seja o escopo de *bom* adjetival para sua migração como MD. Talvez esse aspecto pragmático que envolve a relação com o falante (avaliação) seja o escopo de *bom* adjetival para sua migração como MD.

Na 2ª fase, *bom* parece perder traços de seu valor categorial original e passa a adquirir novos valores semântico-pragmáticos segundo a análise de dados da amostra do VMPOSC. É nessa fase que *bom* aparenta perder seu valor pleno de adjetivo e adquire novos sentidos como MD em diferentes contextos, desempenhando várias funções e ocupando diferentes posições sintáticas.

Vejamos uma ocorrência em que o item parece atuar como MD:

(69) E: Dois irmãos. Você é o mais novo, mais velho?

I: Bom... tem o meu irmão é de dois anos e, daí, tem a minha irmã que é mais velha que eu e tem o outro irmão que é bem mais velho que ela. Daí, eu sou só mais velho que o meu irmãozinho ali. (CH-M-C-EFII, 06'48)

Segundo Macedo e Silva (1996, p. 41), o MD iniciador *bom* é utilizado para introduzir enumerações, como na ocorrência (69). De acordo com Rost (2002, p. 74), esse uso demonstra um maior grau de intersubjetividade, indicando uma interação mais clara e mais envolvimento entre os parceiros da conversa.

Além do introdutor de enumeração, nesta fase, a depender do escopo no contexto de uso, se textual, ou interacional/textual, ou textual, localizamos 19 ocorrências do MD *bom* em nossa amostra do VMPOSC e que veiculam pelo menos mais sete

valores semânticos-pragmáticos (avaliativa, atenuadora/modalizadora, diretiva, planejamento verbal, retomadora, retórica/questionadora e sequenciadora), demonstrando seu valor polissêmico. Sintaticamente, observamos que esses MDs se situam em posição inicial e intermediária (intraturno e intra tópico) em nossa amostra. Essa posição também foi identificada por Görski (2020), que constatou o predomínio de *bom* em abertura de turno (65%) com presença menor em posição intraturno (35%).

De acordo com Görski (2004), em contextos desse tipo, há um maior grau de subjetividade evidenciado na utilização de itens, que estabelecem relações de argumentação, causalidade e exemplificação, auxiliando na organização da atitude do falante em relação ao seu próprio discurso.

Como se vê, os usos de *bom* aparentam apresentar um comportamento polissêmico, que deriva dos usos como adjetivo, e que vêm desenvolvendo mais instâncias diversificadas de gramaticalização (cf. GÖRSKI, 2020, p. 154).

Vejamos a figura que ilustra os indícios do deslizamento categorial e funcional de *bom*:

Figura 8 – Trajetória funcional do MD *bom*



Fonte: A autora (2023)

No que tange à multifuncionalidade de *bom*, notamos que o item aparenta apresentar menos traços da macrofunção interacional e mais da macrofunção textual confirmando que sua atenção/seu escopo recai sobre a qualificação da informação que é dita ao falante.

Por fim, fazendo um comparativo com os estudos anteriores de *bom* no PB, nossos resultados corroboram com as conclusões de Martins (2003) e Görski (2020), a saber, apesar da limitação quantitativa de nossos dados:

a) o controle qualitativo de *bom* mostrou que os usos como MDs e expressões cristalizadas parecem ocorrer ao mesmo tempo que os usos de base (adjetival), confirmando a relação do estudo com o princípio da divergência proposto Hopper (1991), Heine, Claudi e Hünemeyer (1991);

b) o uso prototípico de *bom* adjetival em sua categoria de base é menos produtivo nas ocorrências da amostra, representando 22,5% de dados do total.

Em resumo, a análise de nossa amostra parece revelar que *bom* demonstra uma ampla gama de funções devido à sua origem como adjetivo, atuando não apenas em sua categoria gramatical principal, mas também assumindo outros usos, como MD.

7.3 A TRAJETÓRIA COMPARTILHADA POR *BEM* E *BOM*

Esta pesquisa demonstrou que os itens *bem* e *bom*, além de atuarem na sua categoria gramatical prototípica, também parecem migrar para MD.

Apesar da baixa frequência dos itens em nossa amostra, podemos constatar que *bem* e *bom* compartilham o domínio funcional da chamada da atenção do interlocutor para a informação, tal como demonstraram Martins (2003) e Görski (2020). Entretanto, mostramos que os itens aparentam percorrer trajetórias diferentes até a realização como MDs.

Em relação à mudança, Bagno, Casseb-Galvão (2017, p. 10) afirmam que a “certeza de que as línguas mudam com o tempo é facilmente obtida pelo estudo comparativo de documentos escritos no passado e pela simples observação da maneira que os falantes se apropriam dos recursos da língua para interagir”.

Diante disso, nossa intenção foi delinear hipoteticamente vestígios da trajetória sincrônica de *bem* e *bom* com base na análise dos dados orais do VMPOSC.

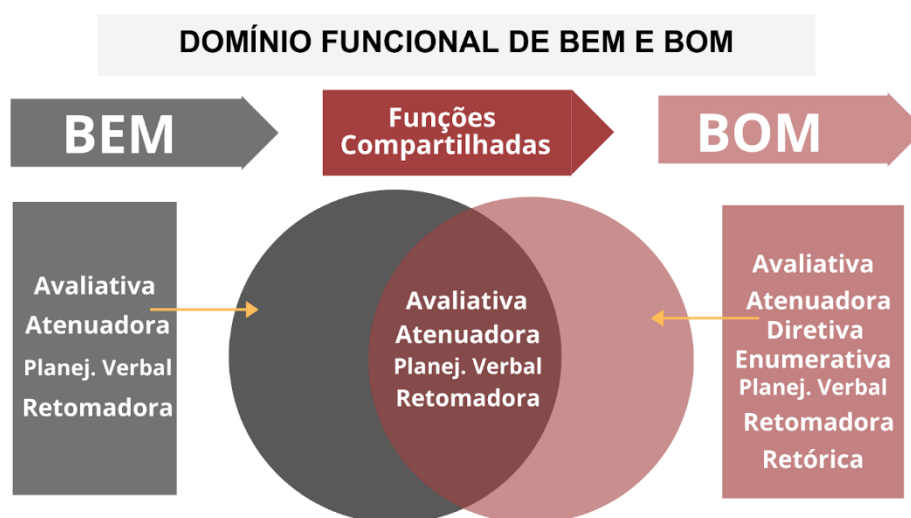
Entendemos que a trajetória de mudança semântico-pragmática e categorial percorrida por *bem* e *bom* não ocorre de modo abrupto, mas é gradual e contínua, visto que a escassez de ocorrências dos MDs em questão parece indicar um processo de mudança que ainda está nos estágios iniciais na língua.

Em seu estudo, Martins (2003, p. 81) verificou que os itens *bom* e *bem* estão ligados à propriedade comum de chamada de atenção para a informação e, mesmo enquadrados em sua atuação como advérbio e adjetivo, comportam-se, sincronicamente, também como MDs, atuando em duas macrofunções mais amplas: uma articuladora interacional (mais voltada para relação falante-ouvinte), outra articuladora textual (mais voltada para a relação falante-texto). Essas macrofunções recobrem um *continuum* de funções, que caracterizam a multifuncionalidade dos itens em estudo.

Görski (2020, p. 148) concluiu que *bem* e *bom* como MDs compartilham um amplo domínio funcional de chamada da atenção do interlocutor para a informação a ser proferida numa situação dialógica, num movimento simultaneamente interpessoal e textual. Segundo a autora, *bom* é o item privilegiado para atuar como MD neste domínio funcional.

Na subseção 5.2.2, apresentamos a multifuncionalidade dos itens segundo as funções e macrofunções interacional, textual e interacional/textual. Acreditamos que a expansão semântico-pragmática, observada por meio da multiplicidade de funções discursivas, e a expansão sintática, revelem pistas de que os itens estão em processo de mudança via gramaticalização.

Vejamos a figura abaixo ilustrativa dos indícios do deslizamento categorial e funcional dos MDS *bem* e *bom*:

Figura 9 - Espectro Funcional dos MDs *bem* e *bom*

Fonte: A autora (2023)

A Figura 9 expõe de modo ilustrativo a multifuncionalidade de usos dos MDs *bem* e *bom* segundo a análise depreendida da amostra do VMPOSC. Analisando a figura, possíveis padrões de comportamento dos itens em estudo podem ser sumarizados. Notamos que ambos compartilham do amplo domínio de chamada de atenção do interlocutor para a informação, além de apresentarem macrofunções e funções que variam a depender do contexto em que os itens estão inseridos.

Apesar de *bem* apresentar um espectro de uso mais amplo (advérbio, locução conjuntiva, substantivo e MD), é *bom* que atua como MD em uma variedade maior de funções, conforme previsto por Martins (2003) e Görski (2020). Enquanto *bem* desempenha as funções avaliativa, atenuadora, planejamento verbal e retomadora, *bom* atua nas funções avaliativa, atenuadora, diretiva, enumerativa, planejamento verbal, retomadora e retórica, ou seja, três funções a mais do que o MD *bem*.

Por fim, identificamos que, no domínio da chamada da atenção para a informação, os itens *bem* e *bom* compartilham quatro funções — avaliativa, atenuadora, planejamento verbal e retomadora — apresentando os mesmos sentidos semânticos-pragmáticos.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, a partir de um viés funcionalista, procedemos à análise sincrônica do comportamento multifuncional dos itens *bem* e *bom* a partir de uma amostra de entrevistas do município de Chapecó, do estado de Santa Catarina. Para isso, nosso objetivo geral foi investigar a multifuncionalidade dos itens *bem* e *bom* a partir de uma amostra sincrônica de dados orais de informantes de Chapecó.

Nosso primeiro objetivo específico foi descrever o funcionamento e a dinâmica de usos dos itens *bem* e *bom* na amostra de fala dos informantes de Chapecó. Primeiramente, na subseção 5.1, realizamos a apresentação inicial dos dados e levantamos 374 ocorrências de *bem* e *bom* na amostra, dentre as quais localizamos mais dados de *bem* do que de *bom*. Conforme esperado, localizamos *bem* e *bom* em todas as 15 entrevistas do VMPOSC e nas mais diversas categorias gramaticais prototípicas (advérbios, adjetivos, locuções conjuntivas e/ou substantivos), confirmando nossa hipótese, baseada em Görski (2020).

Dentre as 298 ocorrências do item *bem*, levantamos 290 ocorrências de advérbio, 5 dados de MD e 3 ocorrências da expressão cristalizada “se bem que”. Das 76 ocorrências do item *bom*, identificamos 43 ocorrências do adjetivo, 19 dados de MD e 1 ocorrência de substantivo. Além disso, extraímos também as ocorrências de *bom* flexionadas em gênero e número, a saber: 6 dados de *boa*, 3 dados de *bons* e 4 ocorrências de *boas*, totalizando 56 dados de *bom* como adjetivo.

Constatamos que, embora seja baixa a frequência de ocorrência de MDs (24 dados) em nossa amostra, essa é a única categoria compartilhada por *bem* e *bom*. Esse resultado confirma nossa expectativa de encontrarmos MDs na amostra, mesmo que em menor recorrência, tal qual também constatado por Görski (2020). Portanto, nossa atenção esteve voltada para as 8 entrevistas que apresentaram dados de MDs.

Na sequência, nosso segundo objetivo específico visou correlacionar os usos dos MDs *bem* e *bom* a fatores linguísticos e extralinguísticos (sociais e estilísticos), a fim de detalhar seu comportamento na amostra de fala. Realizamos via planilha do editor *Microsoft Excel* a codificação de cada um dos dados coletados segundo os fatores linguísticos e extralinguísticos. Nesta codificação, consideramos *bem* e *bom*

como variável de referência (dependente) e outros grupos de fatores como variáveis independentes. Cabe ressaltar que, em virtude da restrição da amostra e da reduzida quantidade de MDs levantados neste estudo, optamos por codificar e analisar em termos de frequência e percentual os dados utilizando o programa *Excel* em vez de outros programas estatísticos como o *R Studio*, por exemplo.

Em relação à escolha da abordagem metodológica, ressaltamos que priorizamos a análise qualitativa sobre a quantitativa porque nos interessa observar as especificidades discursivas de uso de cada item, além de compreender possíveis padrões de comportamento dos itens em estudo.

Nesta pesquisa foram controlados oito grupos de fatores distintos, são eles: fatores linguísticos (posição, macrofunção e função), estilísticos (sequência discursiva e características socioculturais dos interlocutores) e sociais (faixa etária, escolaridade, sexo).

O primeiro fator linguístico considerado relevante foi a distribuição das ocorrências por macrofunções. Inicialmente presumimos que os itens seriam distribuídos em duas macrofunções: a articuladora interacional (mais voltada para relação falante-ouvinte) e a articuladora textual (mais voltada para a relação falante-texto). Essas macrofunções recobrem um *continuum* de funções, que caracterizam a multifuncionalidade dos itens em estudo. Entretanto, ao analisar as ocorrências, sentimos necessidade de contemplar usos ambíguos de traços contextuais \pm interacionais e \pm textuais das funções sequenciadora e de planejamento verbal, deixando-as no entremeio da macrofunção textual e macrofunção interacional. Diante disso, houve a necessidade de incluir entre as duas macrofunções uma terceira macrofunção que captasse de modo mais preciso os valores semântico-pragmáticos dos itens. Portanto, nossa análise considerou as funções estratificadas segundo as macrofunções: interacional, textual e interacional/textual. Em relação as macrofunções, os resultados revelam que, dos 24 dados de MDs na amostra pesquisada, 10 dados (41,6%) ocorreram na macrofunção interacional (12,5% de *bem* e 29,1% de *bom*), 8 dados (33,3%) se situam na macrofunção textual (4,1% de *bem* e 29,1% de *bom*) e 6 dados (25%) foram registrados no entremeio, isto é, na macrofunção interacional/textual (20,8% de *bom* 4,1% de *bem*).

No que tange à multifuncionalidade de contextos em que se inserem *bem* e *bom*, localizamos *bem* em quatro contextos de atuação: atenuadora/modalizadora, avaliativa/justificativa, planejamento verbal e retomadora. Quanto aos contextos de atuação do MD *bom*, identificamos as seguintes funções descritas: avaliativa/justificativa, atenuadora/modalizadora, diretiva, enumerativa, planejamento verbal, retomadora, retórica e sequenciadora.

Em relação aos contextos de uso compartilhados por ambos os itens, destacamos que, de 24 ocorrências de *bem* e *bom*, identificamos a mesma distribuição (1 ocorrência) de *bem* e *bom* somente na função retomadora, porém constatamos diferença na distribuição (1 ocorrência de *bem* e 4 de *bom*) na função avaliativa e na de planejamento verbal, correspondendo a 41,4% da amostra, e na distribuição (2 ocorrências de *bem* e 3 de *bom*) na função atenuadora/modalizadora, correspondendo a 20,8% da amostra.

Em relação à posição, constatamos que *bem* ocorreu exclusivamente em posição intermediária (intraturno ou intratópico), representando 100% das ocorrências. Enquanto *bom*, foi localizado em maior frequência na posição inicial, com 12 ocorrências, seguido por 6 ocorrências na posição intermediária e apenas 1 ocorrência na posição final.

No que concerne às sequências discursivas, do total de 24 ocorrências de *bem* e *bom*, constatamos que 20 ocorrências (83%) dos itens se situam em contextos dissertativos e narrativos. Percebemos que *bom* ocorre em todas as sequências discursivas (narrativa, dissertativa, descritiva e narrativa/descritiva), enquanto *bem* ocorre somente na sequência dissertativa e compartilha com o MD *bom* essa sequência. Portanto, o único tipo de sequência que *bem* e *bom* compartilham é a dissertativa, representando 68% de *bom* e 42% de *bem*. Desta forma, em nosso estudo, identificamos 50% dos MDs ocorrendo na sequência dissertativa (1º lugar), 33,3% dos MDs aparecem na sequência narrativa (2º lugar) e, por último, 12,5% dos dados surgem na sequência descritiva.

Em relação aos fatores estilísticos, procuramos relacionar os usos dos MDs às características socioculturais dos interlocutores na entrevista sociolinguística. Desta forma, em síntese temos: (i) *bom* é mais usado quando uma mulher se dirige a uma mulher do que quando um homem se dirige a um homem; (ii) *bom* é mais usado

quando um homem se dirige a uma mulher do que quando uma mulher se dirige a um homem; (iii) *bem* é mais usado quando um homem se dirige a outro homem ou quando um homem se dirige a uma mulher do que quando duas mulheres interagem.

A respeito do uso de *bem* e *bom* considerando os fatores sociais, temos algumas considerações a serem registradas aqui:

- a. **Faixa etária:** o MD *bom* ocorre exclusivamente entre os informantes mais jovens (faixa C - 7 a 14 anos) enquanto o MD *bem* apresentou distribuição equilibrada com o MD *bom* entre os informantes adultos (faixa B - 25 a 49 anos). Desta forma, nossa hipótese geral se confirmou, visto que os informantes da faixa etária C produziram mais MDs do que os informantes da faixa etária B.
- b. **Sexo:** o MD *bom* é mais frequente entre as informantes femininas, enquanto o MD *bem* é mais comum entre os homens. Logo, há diferenças significativas entre homens e mulheres em relação ao uso de ambos MDs. Nossos resultados apontaram que homens e mulheres empregaram 12 MDs cada (50%), sendo distribuídos da seguinte forma: 8 dados de *bom* e 4 dados de *bem* empregados pelos informantes masculinos, enquanto os informantes femininos foram responsáveis pelo uso de 1 dado de *bem* e 11 dados de *bom*.
- c. **Escolaridade:** os informantes com Ensino Fundamental produziram 13 MDs e os informantes com Ensino Superior empregaram 9 MDs. Esse resultado não confirmou nossa hipótese geral, pois os informantes menos escolarizados produziram mais MDs do que os que possuem mais anos de escolarização.

Nosso terceiro e último objetivo específico foi, a partir da análise das amostras de fala dos informantes do VMPOSC, traçar pistas de uma trajetória funcional hipotética da gramaticalidade dos MDs *bem* e *bom*, sob a perspectiva da gramaticalização. Constatamos, referente ao critério morfológico e sintático, a convivência entre os usos adverbiais, adjetivais, conjuncionais e MDs nas amostras do PB de Chapecó. Vimos que, em relação à trajetória funcional, os MDs *bem* e *bom* tendem a seguir caminhos distintos segundo o espectro funcional de cada um, mas compartilham a chamada da atenção para a informação além de quatro funções — avaliativa, atenuadora, planejamento verbal e retomadora — apresentando os mesmos sentidos semânticos-pragmáticos.

Por fim, reconhecemos que nosso trabalho, apesar de extenso e apesar da limitação de dados quantitativos, apresenta lacunas. Portanto, a fim de contribuir com pesquisas futuras sugerimos:

- a) verificar em uma análise mais ampliada da amostra se *bem* e *bom* estão concorrendo com outras formas com vistas a analisar o caminho dos itens até um processo de gramaticalização;
- b) fazer um comparativo da multifuncionalidade dos itens na amostra escrita do VMPOSC (cartas pessoais, anúncios), comparando-os à amostra oral analisada neste estudo;

Essa proposta vai ao encontro do que afirma Görski (2020, p. 140):

uma entrevista é diferente de uma conversa ordinária, que é diferente de uma sessão terapêutica e de uma interação em sala de aula etc. Daí a importância de se analisar o funcionamento dos itens em diferentes amostras/gêneros, de modo a se ter uma análise geral dos mesmos marcadores, considerando a potencial interferência de variáveis situacionais.

Diante disso, acreditamos que estudos comparativos de *bem* e *bom* nas amostras escrita e oral do VMPOSC possam contribuir para um enriquecimento ainda maior do rol dos estudos descritivos do PB.

- c) realizar com os mesmos informantes um estudo de painel, com fim comparativo para identificar se houve alterações na trajetória funcional de *bem* e *bom* na amostra oral investigada;
- d) verificar em outros *corpora* de dados de fala, como Varsul, PEUL e NURC, o comportamento funcional de *bem* e *bom* em comparação aos resultados obtidos nesta pesquisa com dados do VMPOSC;
- e) colaborar com a finalização da coleta de entrevistas do Projeto VMPOSC, visando identificar outros possíveis itens passíveis de análise em estudos futuros;
- f) realizar estudos comparativos de *bem* e *bom* no PB e em línguas estrangeiras (*well* e *bién*) objetivando confrontar as hipóteses e resultados das pesquisas em suas respectivas línguas;
- g) analisar o uso de MDs na fala dos entrevistadores comparando-os com os resultados de dados de MDs obtidos na fala dos informantes do VMPOSC;

h) realizar uma análise diacrônica objetivando captar as trajetórias de mudança a partir das formas e significados fonte, contemplando a emergência de usos e o desenvolvimento de diferentes instâncias de gramaticalização ao longo do tempo, em diferentes gêneros textuais/discursivos, buscando encontrar também usos de *bem* como partícula modal, como sugerido por Görski (2020, p. 156).

Acreditamos que esta Dissertação contribua com os estudos descritivos sobre os MDs *bem* e *bom* no PB, tendo em vista que, conforme a subseção 2.3, até este momento localizamos apenas dois trabalhos (MARTINS, 2003; GÖRSKI, 2020) com objetivos semelhantes.

Reconhecemos que a análise descritiva deste estudo tem limitações, entre elas o fato de não possuímos uma amostra significativa de MDs, entretanto entendemos que esta pesquisa contribuirá com diversos desdobramentos em pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Reginaldo Gomes de. Línguas Semíticas na Universidade de São Paulo. **Revista de estudos orientais**, n. 6, p. 15-29, 2008.

ATAHULU. **O aparecimento dos Caraíba**. Aldeia Ipatse, Alto Xingu (MT), 1982. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/O_aparecimento_dos_caraiba
Acesso em: 19 mar. 2023.

BACK, Angela Cristina Di Palma *et al.* Classificação das seqüências discursivas em entrevistas sociolinguísticas. **Anais do 6º Encontro do CELSUL**. Florianópolis: UFSC, 2004.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.

BARBOSA, Gustavo Ribeiro Patricio. **Os Marcadores Discursivos Focalizadores com "só" e "bem": Uma Proposta de Rede Construcional**. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019.

BATTISTI, Elisa; Santos, Bruna Silva dos; GUTTERES, Rodrigo Lerner; TEIXEIRA, Thomaz Torres; CUNHA, Victória Goulard. Alternância de estilo em entrevistas sociolinguísticas: uma aplicação dos critérios da Árvore de Decisão laboviana. **Revista do GEL**, v. 18, n. 3, p. 311-334, 2021.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**: Edição revista e ampliada. São Paulo: Lucerna, 1999.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 39.ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2009.

BERTOZZO, André Fabiano. **De Conector a Marcador Discursivo**: “Como”, “Que nem” e “Tipo” em Chapecó/SC. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2014.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. *In*: JOSEPH, Brian D. JANDA, Josep D. (Eds.). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623. Disponível em: <https://url.gratis/EjW7ds>. Acesso em: 01 fev. 2022.

BYBEE, Joan. From usage to grammar: The mind's response to repetition. **Language**, v. 84, n. 4, 2006, p. 711-733.

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

BYBEE, Joan. **Mudança Linguística**. Tradução, apresentação e notas de Marcos Bagno. São Paulo: Vozes, 2020.

BODINE, Ann. Sexocentrismo e pesquisas linguísticas. Falas masculinas, falas femininas, p. 35-62, 1991. *In*: V. Aebischer & C. Forel (Orgs.) **Falas masculinas, falas femininas? Sexo e linguagem**, 1991.

BRANCO, Irdes Melyna. **Anglicismos no Português Brasileiro**: Um estudo sociolinguístico em *tweets* do Oeste Catarinense. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2021.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; BAGNO, Marcos; REZENDE, Tânia Ferreira (Org.). Dinâmicas funcionais da mudança linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2017, p. 95-130.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). **Português culto falado no Brasil**. Ed. da Universidade estadual de Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Língua falada e gramaticalização**. Filologia e língua portuguesa. Revistas USP. São Paulo, n.1, p. 107-120, 1997.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de *et al.* O advérbio. *In*: CASTILHO, Ataliba Teixeira de *et al.* **Gramática do português culto falado no Brasil**: classes de palavras e processos de construção. São Paulo: Unicamp, 2008.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado da. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, A. M (Orgs.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauada X FAPERJ, 2013.

COULTHARD, Malcolm. **Linguagem e sexo**. São Paulo: Ática, 1991.

CUENCA, M. J. **The fuzzy boundaries between discourse marking and modal marking**. *In*: DEGAND, L.; PIETRANDREA, P.; CORNILIE, B. (org.). Discourse markers and modal particles: categorization and description. Amsterdam: John Benjamins, 2013, p. 191-216.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**.

Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2019.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antônio; CEZARIO, Maria Maura. **Pressupostos teóricos fundamentais**. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M.E. (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Faperj: DP&A, 2003.

DA CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lexikon, 2019.

DAL MAGO, Diane. **Quer dizer**: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2001.

DANTAS, Wagner Saback; GIBBON, A. O. A abordagem de estilo de fala na proposta da “árvore de decisão”: algumas questões de análise. In: GÖRSKI Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de (Orgs.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. **Coleção Linguística**. v. 3. Florianópolis: Insular, 2014.

DE FINA, Anna de. An analysis of Spanish *bien* as a marker of classroom management in teacher-student interaction. **Journal of Pragmatics**. V. 28, n. 3, p. 337-354, 1997. Disponível em: <https://url.gratis/ReM1HY>. Acesso em: 28 jan. 2022.

DEFOUR, Tine. **A diachronic study of the pragmatic markers *well* and *now***: Fundamental research into semantic development and grammaticalisation by means of a *corpus study*. 2007, (PhD dissertation). Universiteit Gent. Faculteit Letteren en Wijsbegeerte, Vakgroep Engels, 2007. Disponível em: <https://url.gratis/LC0hDF>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2022.

ELY, Leyla. **As construções condicionais em cartas pessoais do Português Brasileiro**: uma análise baseada no uso. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2019. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/3249>. Acesso em: 01 de março de 2022.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de; MARUXO JR., José Hamilton. *Gramática*. 20. ed. São Paulo: Ática, 2010.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O; AQUINO, Zilda G. O. **Oralidade e escrita**. São Paulo: Cortez, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

FRASER, Bruce. What are discourse markers? **Journal of Pragmatics**, v.31, p.931-

952, 1999. Disponível em: <https://abre.ai/fYwl>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2023.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Marcadores discursivos não são vícios de linguagem. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 4, n. 4, p. 22-43, Jul/Dez de 2007. Disponível em: <https://url.gratis/O3oK3z>. Acesso em: 10 de março de 2022.

FREITAG, Raquel Meister Ko. **Variação e gramaticalização de acho (que) e parece (que) na fala de Florianópolis**. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Lingüística, 2003.

GIVÓN, Talmy. **On understanding grammar**. New York, San Francisco, London: Academic Press, 1979.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.

GIVÓN, T. **On understanding grammar**. Revised edition. Amsterdam: John Benjamins, 2018.

GIVÓN, Talmy. The functional approach to language and the typological approach to grammar. *In*: GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction**, v. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

GIVÓN, Talmy. Language, information and communication. *In*: GIVÓN, Talmy. **Biolinguistics: the Santa Barbara lectures**. Philadelphia: J. Benjamins, 2002.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Orgs.). **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; WIEDEMER, Marcos Luís. **Variação e gramaticalização de preposições em verbos de movimento**. *In*: CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; BAGNO, Marcos; REZENDE, Tânia Ferreira (Org.). **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017, p. 95-130.

GÖRSKI, Edair Maria; GIBBON, Adriana de Oliveira; VALLE, Carla Regina M.; DAL MAGO, Diane; TAVARES, Maria Alice. **Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização**. *In*: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 106-122.

GÖRSKI, Edair Maria. Reflexos da gramaticalização de itens lexicais sobre a gramaticalização de sentenças complexas. *Revista do GELNE (UFC)*. Fortaleza, n. 3, n. 2, p. 09-12, 2004.

GÖRSKI, Edair Maria. Espectro funcional de bem e bom no português falado:

instâncias de gramaticalização. **Revista da ABALIN**, v. 19, n. 3, p. 131-158, 17 dez. 2020. Disponível em: <https://url.gratis/iuOSx5>. Acesso em: 01 dez. 2021.

GÖRSKI, Edair Maria; OLIVEIRA, Leandra Cristina; PIMPÃO, Tatiana Schochow. Do discurso para a gramática, da gramática para o discurso: uma entrevista com Sebastião Josué Votre. **Working Papers em Linguística** (online), v. 21, p. 8-16, 2020.

GÖRSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria Alice. O objeto de estudo na interface variação -gramaticalização. *In*: BAGNO, Marcos; CASSEB-GALVÃO, Vânia; REZENDE, Tânia Ferreira (Orgs.). **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2017.

GÖRSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria Alice. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. **Revista do GELNE**, v. 15, n. 1/2, p. 79-101, 2013. Disponível em: <https://url.gratis/4Z3YWIhttps://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9411>. Acesso em: 01 mar. 2022.

GÖRSKI, Edair Maria; VALLE, Carla Regina. A variação estilística em entrevistas sociolinguística: uma (re) leitura do modelo laboviano. *In*: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes (Orgs.). **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Coleção Linguística. v. 3. Florianópolis: Insular, 2014.

GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Michaelis: dicionário prático de língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

HANSEN, Maj-Britt Mosegaard. **The semantic status of discourse markers**. *Lingua* 104 (3/4), 1998, p. 235–260.

HEINE, Bernd.; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernd. On discourse markers: Grammaticalization, pragmaticalization, or something else? **Linguistics**, v. 51, n. 6, p. 1205-1247, 2013.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. *In*: JOSEPH, Brian D. JANDA, Josep D. (Eds.). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 575-623. Disponível em: <https://url.gratis/EjW7ds>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2022.

HERITAGE, John. Well-prefaced turns in English conversation: A conversation analytic perspective. **Journal of Pragmatics**, v. 88, p. 88-104, 2015. DOI 10.1016/j.pragma.2015.08.008. Acesso em: 18 julho 2020.

HOPPER, Paul. **Emergent Grammar**. In Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society. 1987, p. 139-157.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge

University HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. *In*: TRAUGOTT, E & HEINE, B. **A approaches to grammaticalization**, v.1 Amsterdam: Benjamins, 17-37, 1991.

HOPPER, Paul. **On some principles in the grammaticalization**. *In*: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*, v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 7-35.

HOOPER, P. J., TRAUGOTT, E.C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

JUCKER, Andreas H. **The discourse marker well in the history of English**. English Language, 1993.

JUCKER, Andreas H; ZIV, Yael Ziv (eds.). **Discourse markers**: Description and theory. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1998.

KIRSTEN, Vanessa Jacqueline. **Variação e Mudança Linguística na fala de crianças de Chapecó**: um estudo da referência de primeira pessoa do plural. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2021.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LOPES, Jezebel Batista. **Variação, percepções e atitudes linguísticas dos chapecoenses frente à referência à segunda pessoa do singular**. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017.

LOPES-DAMASIO, Lúcia Regiane. **A emergência do marcador discursivo assim sob a óptica da gramaticalização**: Um caso de multifuncionalidade e (inter) subjetivização. 2008.

LOPES, Monclar Guimarães. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS NA ANÁLISE DE DADOS SINCRÔNICOS. *In*: ROSÁRIO, Ivo da Costa do (Org.). **Introdução à linguística funcional centrada no uso** [recurso eletrônico]: teoria, método e

aplicação Niterói: Eduff, 2022.

MACEDO, Alzira Tavares; SILVA, Gise Machline de Oliveira. **Análise sociolingüística de alguns marcadores conversacionais** In: A.T. Macedo; C. Roncarati; M. C. Mollica. (orgs.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1996. p. 11-50.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções**. In.: CASTILHO, A. T. de (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora UNICAMP, 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita – atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: O barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. *et al.* **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

MARTELOTTA, Mário Eduardo *et al.* **Ordenação de advérbios em textos religiosos. Matraga**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 127-142, 2004.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Operadores argumentativos e marcadores discursivos**. In: S. J. Votre; M. M. Cezario; M. E. Martelotta (Orgs.). *Gramaticalização*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2004. p. 82-137.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Ordenação dos advérbios bem e mal no português escrito: uma abordagem histórica**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. Relatório final apresentado ao CNPq.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; REBOUÇAS, Natália; CASTAGNINO NETO, Jorge de Lima. Ordenação dos advérbio bem/ melhor, mal/ pior e das locuções adverbiais de valor qualitativo no português escrito do século XVI. In: OLIVEIRA, Mariangela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa do. (Orgs.). **Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências**. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2009, p. 238-244.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Categorias cognitivas e unidirecionalidade. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia. (Org.). **Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino**. São Paulo: Paulistana, 2010. p. 51-64.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; KENEDY, Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO da CUNHA, M. *et al.* (Orgs.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola. 2015.

MARTINET, André. **A linguística sincrônica**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1974.

MARTINS, Ladigênia Tereza. **Bom e Bem e suas multifunções na fala da região Sul do Brasil**. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociolinguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2003.

MASCHLER, Yael; SCHIFFRIN, Deborah. Discourse markers language, meaning, and context. *The handbook of discourse analysis*, 2015, pp. 189-221.

MATOS, Gabriela; PRADA, Edite. Construções contrastivas de focalização: adversativas vs. concessivas. *In: Duarte & Leiria (orgs). Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 2004. Lisboa: APL, pp. 701-713.

MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. *In: MEILLET, Antoine. Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948 [1912]. p. 130-148.

MICHAELIS. **Dicionário Escolar**. 2. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos Ltda. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 03 de janeiro de 2022.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos Ltda. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 03 de janeiro de 2022. 2022.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos**. *In: NEVES, M. H. M. (Org.)*. Gramática do português falado. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. v.7. p.195-258.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp. 2011.

OLIVEIRA, Fátima; SILVA, Fátima. Para uma comparação dos marcadores discursivos bem e bom em português europeu em contraste com *well* em inglês. *In: DUARTE, Isabel Margarida; LEÓN, Rogelio Ponce de (eds). Marcadores discursivos: o português como referência contrastiva*. Berlin, Germany: Peter Lang Verlag, 2020. p. 207-226.

PAIVA, M. C. **A variável gênero/ sexo**. *In MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L.(orgs)*. Introdução à sociolinguística: tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. pp. 32-42.

PERINI, Mário Alberto. **Para uma nova gramática do português**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2007.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PORTOLÉS, José. **Marcadores del discurso**. 2a ed. Edição ampliada y actualizada. Barcelona: Ariel, 2001.

PRETI, Dino. **Sociolinguística**: os níveis de fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. 4ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 1982.

RISSO, Mercedes Sanfelice. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura Bom, Bem, Olha, Ah, no português culto falado. *In*: NEVES, Maria Helena Moura. **Gramática do português falado**. Volume VII Campinas: Ed. da UNICAMP/ FAPESP, 1999, pp. 259-296.

RISSO, Mercedes S.; SILVA, Giselle M. O.; URBANO, Hudinilson. Aspectos textuais -interativos dos marcadores discursivos de abertura Bom, Bem, Olha, Ah, no português culto falado. *In*: NEVES, Maria Helena de M. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999. Vol. VII.

RISSO, Mercedes Sanfelice. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. *In*: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**, v. 1. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2006.

RODRIGUES, Isabel Galhano. **Sinais conversacionais de alternância de vez**. Porto: Granito Editores e Livreiros. 1998.

ROST, Cláudia Andrea. **Olha e Veja**: multifuncionalidade e variação. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2002.

ROST-SNICHELOTTO, Cláudia Andrea. A emergência dos marcadores discursivos “olha” e “vê”: investigação entre línguas. *In*: **VIII Círculo de Estudos Linguísticos do Sul (Celsul)**, 2008, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: Educat, 2008, v.1, p. 1-10.

ROST SNICHELOTTO, Cláudia Andrea. **Olha e Vê**: caminhos que se entrecruzam. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2009.

ROST SNICHELOTTO, Cláudia Andrea. **Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina**, Plano de Trabalho Chamada Pública FAPESC n. 04/2012 Universal. Chapecó, 2012.

ROST SNICHELOTTO, Cláudia Andrea. Correlação entre sequências discursivas e marcadores discursivos de base verbal: um caso de variação estilística ou de

motivação semântico-pragmática? *In*: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl & SOUZA, Christiane Maria Nunes de (Orgs.). **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Editora Insular, 2014, p. 227-246.

ROST SNICHELOTTO, Cláudia Andrea; DAL MAGO, Diane. A contribuição de Edair Maria Görski para a descrição de marcadores discursivos do português falado em Florianópolis. **Working Papers em Linguística**, v. 22, n. Especial, p. 32-65, 2021.

SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa gramática completa**. Matrix Editora, 2021.

SAKITA, Tomoko. Discourse markers as stance markers: Well in stance alignment in conversational interaction. **Pragmatics & Cognition**, v. 21, n. 1, p. 81-116, 2013. DOI 10.1075/pc.21.1.04sak. Acesso em: 18 julho 2020.

SANTANA, Thiago Alves de. Para além do uso em perguntas (não) retóricas, né? discursivização da partícula né?, nas narrativas de mulheres do município de Itaberaba, BA. **Revista Gatilho**, v. 19, n. 02, p. 203-227, 2020.

SANTANA, Rebeca Rodrigues de. **Tipos de Tipo em uma comunidade de práticas universitária**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019.

SAVIOLI, Francisco Roberto. **Gramática em 44 lições**. São Paulo: Ática, 2006.

SCARPA, Ester Mirian; SNICHELOTTO, Cláudia Andrea Rost Snichelotto; FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. Deslizamento funcional de marcadores discursivos e entoação em narrativas infantis. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 59, n. 3, p. 499-517, 2017.

SCHIFFRIN, Deborah. **Discourse markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SCHIFFRIN, Deborah. Discourse markers: language, meaning and context. *In*: SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E. (Eds.). **The handbook of discourse analysis**. Malden, MA: Blackwell, 2001. p. 54-75. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9780470753460.ch4> Acesso em: 28 dez. 2021.

SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E. The handbook of discourse analysis. **Malden: Blackwell Publishing**, 2003.

SCHERER, Eliane. **De verbo causativo a marcador discursivo em Santa Catarina**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2014.

SCHOURUP, L. C. Common discourse particles in English conversation. New York: Garland, 1985.

SILVA, Joana Aparecida Fernandes; COSTA, José Eduarda Moreira da. Chiquitano. Povos Indígenas no Brasil, [s.l], [s.d]. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Chiquitano>. Consulta em 16 de março de 2023.

SILVA, Josiana Aparecida da. **Modalizadores epistêmicos na fala de Chapecó/SC**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2014.

SILVA, Giselle M. O.; MACEDO, Alzira. Análise sociolingüística de alguns marcadores conversacionais. *In*: MACEDO, Alzira; RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria C. (Orgs.). **Revista Tempo Brasileiro**, 1989. p. 11- 49.

SILVA, Gisele Machline de Oliveira; MACEDO, Alzira Tavares de. **Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais**. Rio de Janeiro: UFRJ: Tempo Brasileiro, 1996.

SERRANO, María José. Bueno como marcador discursivo de início de turno y contraposición: estudio sociolingüístico. 1999.

STRAPAZZON, Leila Teixeira da Rosa. **Usos de assim na fala e na escrita dos chapecoenses**. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 6ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

TAVARES, Maria Alice. **Um estudo variacionista de AÍ, DAÍ, ENTÃO e E como conectores sequenciadores retroativos propulsores na fala de Florianópolis**. (1999). 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

TAVARES, Maria Alice. Variação na seqüenciação de informações no PB e no PE: especializações em subfunções seqüenciadoras. Rumos diversos?. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, São Paulo, v. XXXII, p. 1-2, 2003.

TAVARES, Maria Alice. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. Interdisciplinar: **Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 17, p. 27-47, 2013.

TAVARES, Maria Alice. Variação estilística e gênero textual: o caso dos gêneros textuais produzidos. *In*: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl & SOUZA, Christiane Maria Nunes de (Orgs.). **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Editora Insular, 2014, p. p. 203-223

TRAPP, Kelly. **Os marcadores discursivos sabe? e entende? na fala de informantes do município de Chapecó/SC**. 2014. Dissertação (Mestrado em

Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2014.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization**. Manchester: Stanford University, 1995.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Constructions in grammaticalization. *In*: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (Orgs.). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. ALFA: **Revista de Linguística**, v. 51, n. 1, p. 39-79, 2007.

TRAVIS, Catherine *Bueno*. A Spanish interactive discourse marker. **Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, [s.n], p. 268-279, 1998. DOI: <https://doi.org/10.3765/bls.v24i1.1222>.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais: aspectos conceituais. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 7. ed.; Encontro da Anpoll. Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia/GO, 1993.

URBANO, Hudinilson. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. *In*: Maria Helena de M. Neves (Org.), **Gramática do português falado**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999.

VALLE, Carla Regina Martins. **Sabe? Não tem? Entende?**: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivo. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociolinguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2001.

VALLE, Carla Regina Martins. **Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos**: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2014.

VALLE, Carla Regina Martins; GÖRSKI, Edair Maria. **Por um tratamento multidimensional da variação estilística na entrevista sociolinguística**. *In*: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Orgs.). **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Insular, 2014, p. 93-121.

VITRAL, Lorenzo. **Gramática inteligente do português do Brasil**: ilustrada e com exercícios. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

WALTEREIT, Richard; DETGES, Ulrich. Different functions, different histories.

Modal particles and discourse markers from a diachronic point of view. **Catalan Journal of Linguistics**, v. 6, p. 61-80, 2007.

ZORTÉA, Tamires Regina. **Marcadores Discursivos em Talian no Programa Radiofônico Un Pochetin Dela Itàlia em Caibi**, Santa Catarina. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2019).

ANEXO A – Trechos entrevistas informantes CH-M-B-ES

E: Há. Então tu disse que passou, mudou algumas vezes né, i... qual... tem uma....claro que a gente sempre uma que mais marca né... mas umas casas que você passou, que você morou que... te marcou mais? Poderia dizer como ela era? Tu tem ela na memória assim, poderia dizer como ela era?

I: É ... essa casa que a gente morou lá no Presidente Médice foi com certeza a que mais marcou, assim que foi ... que logo que o meu vô faleceu que houve preocupação com o inventário ... e coisa e tal e é uma família grande né, o vô tinha bastante dinheiro na época, então para dividir tudo foi bem complicado...

E: Sim.

I: E eu lembro que... a casa que a gente morava ... era a casa que ficava ao lado da casa do meu avô né então, o terreno era o mesmo, era o mesmo terreno e, duas casas... i... quando ele faleceu a gente teve que sair dali só que [inint], bom era muito para entender as coisas eu sei que rolou uma certa pressão para que a gente saísse, então quando a gente mudou lá para o Presidente Médice essa casa que a gente mudou lá, ela foi ... demorou anos assim para ser construída, enfim né. I quando a gente mudou assim... era uma casa, bem maior que a gente morava tinha bem mais espaço assim, só que a rua era... uma descida assim então e eu sentia falta daquela coisa plana que a gente tinha quando era novinho né, saía na outra casa alí era tudo plano assim, tu corria ia ia e ali parecia que ficava meio...

E: contramão.

I: É ficava meio estranho até que eu me acostumei, com fazer as coisas [ininti] foi, foi complicado mas... as grandes memórias ficaram ali nesta casa, ficaram ali nesta casa mesmo né, que era o vizinho da frente o vizinho do lado do outro lado ali pra baixo lá do outro lado da rua na outra quadra né, então ... e aí acabei a gente, quer dizer eu acabei tendo uns vínculos mais longos.

E: E hoje como que é o teu relacionamento com a vizinhança? Tem contato? Ou não tem contato?

I: Quando a gente mudou para o centro de novo [inint] já não tinha... bom já tinha dezenove anos não tinha... ali... não temos vizinhos né com, com a mesma

idade, por exemplo do lado, do lado direito é um cara, um pai de família ali com as filhas, já bem velhas. Atrás de casa também uma senhora com os dois filhos assim já bem de idade do outro lado da rua outro casal ...

E: Uhum.

I: Né então... não tinha mais as crianças né enfim ...